



Outras narrativas da nacionalidade:
o movimento do
Contestado

Liz Andréa Dalfré

TESES DO
MUSEU
PARANAENSE

LIZ ANDRÉA DALFRÉ

Outras narrativas da nacionalidade:
o movimento do
Contestado

Coleção Teses do Museu Paranaense

Volume 8



Este livro foi diagramado e produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, uma encomenda do autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização, estoque e distribuição dessa obra.

Diagramação: Equipe da Edição por Demanda

ISBN: 978-85-67310-17-6

D141 Dalfré, Liz Andréa
Outras narrativas da nacionalidade : o movimento do
Contestado / Liz Andréa Dalfré.— Curitiba : SAMP, 2014.
236 p. : il. — (Coleção Teses do Museu Paranaense ; v.8).

ISBN 978-85-67310-17-6

1. Brasil – História – Campanha do Contestado, 1912-1916. 2. Campanha do Contestado, 1912-1916 - Nacionalidade. 3. Campanha do Contestado, 1912-1916 – Imprensa – Paraná. 4. Campanha do Contestado, 1912-1916 – Militares - Narrativas pessoais. I. Título. II. Série.

CDD (20.ed.) 981.62

CDU (2.ed) 981.076

LIZ ANDRÉA DALFRÉ

Outras narrativas da nacionalidade:
o movimento do
Contestado

Primeira Edição

CURITIBA
2014

Sociedade de Amigos do Museu Paranaense

A Copel incentiva a arte, a cultura e a memória do povo paranaense

Crescer, evoluir e desenvolver o Estado e a sua gente são valores praticados pela Copel que encontram equivalência em valores como educação, ética, crença no trabalho e desenvolvimento das artes e da memória.

Por isso, a Copel tem imenso orgulho em patrocinar a coleção Teses do Museu Paranaense, uma série de livros que trazem luz ao conhecimento gerado por um dos Museus mais antigos e atuantes do país.

Além de valorizar o trabalho de pesquisa, o acervo histórico e a própria história do povo paranaense, ao patrocinar esta coleção a Copel contribui ao compartilhar com o público o conhecimento da sua terra e da sua gente.

Para a Copel não basta gerar, transmitir e distribuir energia e ser a responsável por tornar o Paraná o único Estado 100% digital do país com sua rede de fibras ópticas, o nosso compromisso é também fomentar e proporcionar eventos e produtos que valorizem o trabalho de autores, artistas e esportistas paranaenses.

É gratificante patrocinar, através da Lei Rouanet, um projeto desta importância para o Paraná e para o Brasil.

Boa leitura

Créditos

Governador do Paraná

Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura

Paulino Viapiana

Diretora-Geral da SEEC

Valéria Marques Teixeira

Coordenadora do Sistema

Estadual de Museus

Christine Vianna Batista

Diretor do Museu Paranaense

Renato Augusto Carneiro Junior

Capa

Raquel Cristina Dzierva e
Adriana Salmazo Zavadniak

Editoração

Roberto Guiraud – Designer

Foto da capa

Préstito da chegada do corpo de João Gualberto. 1912. Autor não identificado. Acervo Museu Paranaense, Curitiba-PR.

Sociedade de Amigos do

Museu Paranaense – SAMP

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães
Presidente



Apoio



Patrocínio



Realização



Este livro foi impresso com recursos da Lei Rouanet.

Sumário

APRESENTAÇÃO

AGRADECIMENTOS

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. CONTESTADO: UM TERMO POLISSÊMICO.....	35
2.1. A guerra do Contestado ou o território contestado?.....	38
2.2. A polissemia do termo continua: as direções seguidas ..	41
2.2.1. Especificidades de uma polissemia: os clássicos	43
2.2.2. Olhares de permanência	55
2.2.3. A perspectiva da esquerda	58
2.2.4. Outras perspectivas: a cultura e a modernidade.....	66
2.3. Algumas hipóteses e uma proposta de pesquisa.....	71
3. REPRESENTAÇÕES SOBRE O CONTESTADO NA IMPRENSA REGIONAL	75
3.1. Os periódicos no início do século XX: o lugar da imprensa	76
3.2. O Diário da Tarde	85
3.2.1. O Movimento do Contestado no Diário da Tarde.....	90
3.2.1.1. “O brilhante ornamento do Exército Brasileiro”.....	91
3.2.1.2. José Maria: “guerreiro audacioso, fanático e monarquista“.....	108

3.2.1.3. De facínoras a ignorantes: algumas representações sobre os rebeldes.....	120
3.2.1.4. Algumas representações geográficas.....	131
3.2.1.5. O olhar romântico	136
3.2.1.6. O olhar científico	140
3.2.1.7. Identidade nacional/regional – uma ferida cultural.....	151
4. CONTESTADO: UMA NARRATIVA DA NACIONALIDADE.....	163
4.1. Um projeto de nação.....	164
4.2. O homem e o meio no pensamento social brasileiro.....	172
4.3. Algumas narrativas sobre o Movimento do Contestado.....	179
4.3.1. Representações sobre a nacionalidade.....	193
4.3.2. Representações sobre o espaço	201
4.4. Os Sertões: paradigma dos movimentos sociais.....	206
4.4.1. Os narradores do Contestado e a presença euclidiana.....	207
4.4.2. Euclides da Cunha e o Movimento do Contestado.....	212
4.4.3. Uma comparação para se pensar o Brasil e os brasileiros.....	219
5. CONCLUSÃO.....	223
REFERÊNCIAS	229
BIBLIOGRAFIA.....	236

Apresentação

Renato Carneiro Jr.
Diretor do Museu Paranaense

O Museu Paranaense, fundado em 1876, sendo uma das instituições museológicas mais antigas em funcionamento no Brasil, possui uma história de grande relevância científica, com publicações, principalmente nas décadas de 1940 a 1960, de artigos científicos nos campos da zoologia, entomologia, botânica, geografia, arqueologia e antropologia, entre outras.

Com o tempo, a instituição perdeu este lugar de destaque, assumido pela Universidade Federal do Paraná, onde vários departamentos foram criados ou fortalecidos a partir da ação de pesquisadores ligados ao Museu Paranaense, mais fortemente, mas não apenas, nos anos em que esteve à frente da instituição o médico e professor José Loureiro Fernandes.

No entanto, o Museu Paranaense não deixou de fornecer subsídios para se "fazer ciência" em pesquisas de campo ou no fornecimento de fontes para a elaboração de trabalhos acadêmicos em diversos níveis, desde monografias de conclusão de curso a dissertações, teses e artigos científicos. Nossos arquivos, biblioteca e o acervo museológico em geral têm contribuído há gerações para se conhecer mais da cultura, da história e até da pré-história dos que viveram e vivem neste pedaço de território brasileiro a que hoje chamamos de Paraná.

Assim, ao lançar esta coleção de livros com teses e dissertações geradas a partir de nosso acervo, ou com a participação de pessoas ligadas ao Museu, queremos fazer uma homenagem àqueles que buscaram entender mais o que é esta sociedade paranaense e que ainda têm seus estudos inéditos, por força de um mercado editorial que não privilegia a produção local. A coleção **Teses do Museu Paranaense** traz ao público, no formato impresso e em edição eletrônica, os estudos que permitiram qualificar a equipe do Museu, atual ou mais antiga, como um importante grupo de pesquisadores no interior da Secretaria da Cultura do Paraná, mostrando seu valor e esforço.

Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense e aos apoiadores, como a Companhia Paranaense de Energia – Copel, pelos recursos destinados a esta publicação, a partir da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal.

Apresentação da obra

Liz Andréa Dalfré
Doutora em História

Este livro é resultado da dissertação de mestrado defendida em 2004 no curso de história da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do professor Dr. Luiz Carlos Ribeiro. O interesse pelo tema do Movimento do Contestado nasceu ainda na graduação e foi desenvolvido, primeiramente, em minha monografia de final de curso, em 2001.

No ano de 2012 completaram-se 100 anos do início do primeiro conflito que culminou no que conhecemos como Guerra do Contestado. Nesta ocasião, diversos eventos e palestras foram realizados na região sul do Brasil, possibilitando o encontro e fomentando o debate entre pesquisadores de diferentes áreas voltados a temas ligados ao conflito, como a peregrinação e atuação dos monges, curandeiros e videntes, a participação do Exército Nacional, os diferentes grupos sociais envolvidos no conflito, entre outros enfoques. Esses encontros evidenciam a relevância deste assunto como parte importante da história do Brasil republicano.

O trabalho por hora apresentado tem como objetivo analisar os discursos sobre a Guerra do Contestado construídos pelo jornal paranaense Diário da Tarde. Durante o período do conflito, que se estendeu de outubro de 1912 a janeiro de 1916, diversas

notícias e notas foram publicadas neste periódico, demonstrando o grande interesse das elites paranaenses na resolução da questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina.

Neste trabalho também analiso o discurso de militares que participaram das investidas contra os redutos sertanejos e deixaram suas impressões registradas em obras publicadas posteriormente e que representam, não somente seus testemunhos, mas também, um dos primeiros conjuntos historiográficos sobre o tema. Imbuídos de diferentes intenções e olhares, esses grupos construíram uma representação sobre o movimento e seus participantes.

No Museu Paranaense encontrei vários documentos referentes ao Movimento do Contestado, como fotografias, quadros e objetos, além de farto material bibliográfico. Algumas imagens referentes à atuação de João Gualberto, coronel enviado pelas forças paranaenses para Palmas com o intuito de conter o monge José Maria e seus seguidores, demonstram o interesse e o comprometimento dos paranaenses com a questão do Contestado.

Espero que esse trabalho possa ensejar novos debates e investigações sobre o tema em nosso Estado. Poucas alterações foram realizadas nesta revisão, pois procurei manter o sentido original do trabalho de dissertação.

Agradeço ao diretor do Museu Paranaense, Renato Augusto Carneiro Junior, que por meio deste projeto está viabilizando o conhecimento e a difusão de pesquisas sobre diversos temas e fontes da historiografia paranaense.

1

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho consiste em realizar um estudo referente a algumas representações produzidas sobre o Movimento do Contestado, buscando analisar de que forma, no conjunto de uma comunidade de imaginação¹ datada do início do século XX, esse evento foi representado, localizando as categorias recorrentes, as definições quanto aos participantes e os interesses imediatos assumidos pela imprensa paranaense e pelos militares que classificaram e deram seu parecer sobre o conflito. Procuramos saber de que forma essas análises estiveram pautadas em uma necessidade de constituição da nação brasileira.

Este evento, convencionalmente delimitado entre os anos de 1912 a 1916, ocorreu na região então disputada judicialmente pelos estados do Paraná e de Santa Catarina e envolveu a população sertaneja que vivia no interior catarinense e em parte do território paranaense, bem como as forças militares enviadas ao local para conter os revoltosos.² Durante esse período e nos anos posteriores a ele, diversos indivíduos tentaram entendê-lo e defini-lo, criando imagens sobre os seus participantes, fossem estes favoráveis ou não ao novo regime republicano.

¹ Utilizamos a noção de comunidade de imaginação conforme o sentido atribuído por Baczko: de um grupo social que compartilha do mesmo imaginário. BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: **Enciclopédia Einaudi**. v. 5 – *Anthopos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1985, p.321.

² A região onde ocorreu o conflito estende-se ao meio-oeste, ao planalto central e ao norte do estado catarinense. A parte paranaense envolvida no conflito estava localizada à margem direita do Rio do Peixe, onde hoje se encontram os municípios de Rio Negro, União da Vitória e Palmas, região disputada judicialmente pelos dois estados no período em que ocorreu o conflito. O Movimento não se estendeu para o oeste paranaense.

Considerado um dos maiores movimentos sociais que ocorreu em território nacional,³ o Contestado foi objeto de estudo de inúmeros cientistas sociais que elaboraram representações referentes ao conflito, cada qual o relacionando e observando a partir de uma determinada visão de mundo e de um posicionamento político específico, comprometidos com o seu tempo, tornando-se, por sua vez, narradores da nacionalidade, de um pensar o Brasil, mesmo que seja na singularidade de um movimento social inscrito no tempo e no espaço.

Buscando compreender algumas dessas representações, procuramos analisar o imaginário social do período, evidenciando uma rede comum de significações que deram origem a um pensamento sobre o Movimento e seus participantes. Para isso, selecionamos dois grupos de memórias que foram fundamentais para a transmissão de um conhecimento sobre o Contestado: a imprensa paranaense do período e os militares que participaram do evento. Cada um a sua maneira, elaboraram uma visão acerca dos acontecimentos, do homem sertanejo e do local onde este morava, por ele denominado sertão. Partindo desses documentos, da bibliografia pertinente ao tema e ao período, algumas dúvidas surgiram quanto às representações edificadas sobre o Movimento do Contestado por essas instituições: Quais foram as noções que ocuparam o lugar central nesse pensamento? Como foi construída, nestes textos, a ideia do conflito? Qual a relação dos discursos

³ Como apontam DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história. In: ; LEMAIRE, Ria. (orgs.). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade – UFRGS, 2000, p.141; HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: Canudos e os irracionais. In: (org.). **Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros**. São Paulo: Unesp, 1998, pp.130-131; MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Editora da USP, 1993, entre outros.

proferidos sobre o Contestado com o momento sócio-político brasileiro do início do século XX? Qual foi o lugar ocupado pelo Paraná nesse debate? Quais foram as imagens de homem e de lugar produzidas e idealizadas por esses indivíduos?

Estamos entendendo como representação o processo pelo qual determinados grupos sociais constroem um sentido, realizando classificações, exclusões e edificando imagens referentes a si próprios e àqueles que consideram seus inimigos. Nessa perspectiva, pretendemos analisar alguns recursos simbólicos utilizados pelos narradores do Contestado, traduzidos por meio das categorias e conceitos empregados com o intuito de nomear o outro, evidenciando uma identidade social “tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”.⁴

Mostraremos como essa elaboração de sentido foi fundamental para que os narradores do Contestado pudessem justificar suas escolhas e condutas, assim como refletiremos acerca do lugar ocupado por esses indivíduos na hierarquia social, elementos imprescindíveis para a compreensão dos discursos por eles proferidos. O levantamento desses itens será importante para a percepção de uma vinculação desses grupos a uma comunidade de imaginação que marcou sua presença no início do século XX por meio da produção de reflexões referentes à constituição da nação brasileira.

⁴ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: Editora da USP, v. 11, nº 5, 1991, p.19.

Essas representações sobre o Movimento do Contestado, durante a década de 10, estiveram inseridas em um contexto mais amplo, constituindo parte do pensamento social brasileiro.⁵ Pensar o Brasil, sua especificidade em relação à civilização ocidental, seus problemas e as soluções possíveis ou desejáveis para a resolução do seu atraso e das tensões associadas a essa noção, fizeram parte das narrativas que figuraram em jornais e textos produzidos durante o período do Movimento e logo após a ele. Nesse sentido, apresentar algumas características do imaginário social que vigorou entre os intelectuais e/ou pensadores que escreveram nesse momento se torna fundamental, uma vez que ele mobiliza desejos e emoções, orienta práticas e atribui sentido às ações.

A tradição intelectual racionalista e cientificista que herdamos do ocidente europeu nos dois últimos séculos criou uma distinção entre aquilo que faria parte da realidade e aquilo que pertenceria ao mundo da ilusão. Neste trabalho, entendemos que o mundo da imaginação, dos desejos, das utopias, faz parte da sociedade na qual vivemos. E assim, da mesma forma como as guerras, as mortes e o trabalho, também as tradições, os pensamentos, o imaginário de uma coletividade se constituem como objetos passíveis de passarem pelo crivo do historiador.

⁵ Entendemos por pensamento social os textos nativos que possuem como eixo central o tema da nacionalidade, conforme definiu Candice VIDAL E SOUZA. “Quando e onde começa a existir o Brasil e por quais caminhos tem evoluído a formação nacional são as temáticas de inspiração para se construir modelos explicativos do país. Por esse núcleo de preocupação, distribuem-se as obras que expõem descrições-pareceres da situação brasileira, as quais podem ser desenvolvidas sob perspectivas diversas de construção da realidade pensada”. VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: UFG, 1997, p.21. Mesmo quando utilizam ideias estrangeiras esses textos estão subordinados ao tema principal: a nação.

As noções “racional” e “científico” e suas contraposições “irracional” e “senso comum” constituem o próprio imaginário de uma sociedade, no caso a ocidental, que encontrou nesses e em muitos outros termos definições para si própria e para outros grupos sociais, evidenciando as alteridades e as relações de poder inerentes à formulação de conceitos representativos. É por meio de seu imaginário social que “uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’”.⁶

Essas questões se tornam importantes, uma vez que a forma como o Movimento do Contestado veio a ser conhecido relaciona-se com o momento em que as elites intelectuais e políticas do país projetaram um ideal de nação influenciada por noções apropriadas do darwinismo social, do positivismo e do evolucionismo. Entre os principais representantes desse modo de pensar o Brasil, apontamos os mais citados nos estudos temáticos sobre pensamento social do final do século XIX e início do XX: Euclides da Cunha, Silvio Romero e Nina Rodrigues. Partindo da ideia de civilização como principal projeto nacional, esses intelectuais forneceram os caminhos que consideraram necessários para alcançá-la. Nesse sentido, entre os muitos elementos constitutivos desse pensamento, o espaço e o homem representaram objetos de estudo, análise e classificação privilegiados.

Muitos desses pensadores, ao discutirem sobre as questões da nacionalidade, também elaboraram um parecer referente ao *ser* brasileiro. Tendo a Europa como modelo, construiu-se uma visão acerca

⁶ BACZKO, op. cit., p.309.

daqueles que aqui moravam, dos que conseguiriam ou já estariam bem próximos a esse ideal civilizatório e, de forma dualista, deixando bem claro quem eram os civilizados, denominaram a barbárie brasileira, classificaram-na, encontrando para ela um lugar geograficamente determinado. Dessa forma, no litoral estariam aqueles mais aptos a conquistar o lugar reservado para os civilizados, enquanto o lugar de bárbaros coube à população que morava no interior, no sertão, onde os narradores da nacionalidade apontavam a predominância do analfabetismo, da ignorância e do fanatismo.

Por outro lado, essa população na maioria das vezes designada por esses pensadores como bárbara e inculta, conferiu, para o pensamento do período, a autenticidade para uma nação em vias de formação, em um momento em que se buscava a identidade do povo brasileiro. Nesse sentido, a literatura do final do XIX e início do XX, ao utilizar-se do termo nacional, reportou-se, geralmente, à população interiorana e nativa – porém, pobre e mestiça. O Brasil, nessa perspectiva, constituía-se como um território formado por pobres, analfabetos e bárbaros.

Como alcançar a civilização e o progresso em um país onde a população nativa era atrasada? Essa constatação não foi sentida sem angústias pelos pensadores do período, que definiram o ser brasileiro a partir daquilo que lhes faltava. Na construção desse pensamento, esses estudiosos não viam sua imagem refletida no espelho quando se voltavam para o Ocidente, mas percebiam-se como um povo que ainda não havia alcançado os mínimos elementos necessários para embarcarem em direção ao progresso, ao futuro de uma nação desejada. Ao olhar para o Ocidente, somente encontravam a alteridade. Esta, marcada pela miséria, pela miscigenação, por um passado de senhores e escravos, de índios e

bastardos. Suas reflexões giraram em torno de ideias opostas como civilização/barbárie, progresso/atraso, elite/povo, litoral/sertão.⁷ Enfim, esses idealizadores, “pensavam como europeus e sentiam como brasileiros”.⁸

Convivendo com essas ideias pessimistas em relação ao Brasil e aos brasileiros, o modelo europeu de civilização foi alvo de diversas críticas referentes, sobretudo, à inadequação das ideias vindas de fora quando aplicadas para a compreensão da realidade brasileira.⁹ Segundo Nicolau Sevcenko, os primeiros anos do regime republicano foram marcados por crises, pela especulação, pela desestabilização social, fatores que culminaram em diversos conflitos, como o Movimento de Canudos, a Revolta da Vacina e a Guerra do Contestado. Entre essas transformações, encontra-se também a desilusão de intelectuais brasileiros em relação à República e o caráter missionário que atribuem a suas atividades.¹⁰ Essa missão consistia na “afirmação de um conhecimento da realidade social em bases científicas que orientasse o processo de consolidação do Estado nacional e seu papel pedagógico de construtor da nação”.¹¹

⁷ Essas questões são discutidas principalmente por NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra:** representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume, 1998, pp.15 et seq.

⁸ Ibidem e LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil:** intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCA, 1999, p.13.

⁹ Euclides da Cunha, Araripe Júnior e Silvio Romero elaboraram importantes reflexões em relação à perspectiva que condenava as ideias vindas de fora, consideradas inautênticas ao passo que elegiam o homem do interior como o verdadeiro representante da nacionalidade brasileira. Cf. ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões.** Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998, pp.215 et seq.

¹⁰ LIMA, op. cit., p.45; SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999 e. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil.** V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, introdução. pp.7-48.

¹¹ LIMA, op. cit., p.49.

As dificuldades sócio-políticas que atingiam o Brasil foram uma constante preocupação dos narradores do Contestado. A crise do regime político, nesse período, se fez sentir tanto por meio da voz da imprensa paranaense, quanto através dos textos dos militares.

No pensamento social que vigorou nessa época, prevaleceu a ideia de que a construção da nação brasileira deveria ocorrer a partir dos elementos verdadeiramente nacionais, e não com a importação e adaptação de teorias europeias. Com o objetivo de valorizar os aspectos nacionais, os intelectuais elegeram o homem do interior como o autêntico brasileiro, pois ainda não havia sido contaminado pelas ideias e hábitos vindos de fora, ao contrário dos habitantes do litoral. Os narradores do Contestado demonstraram a vinculação a essas noções ao criticarem, por exemplo, o acolhimento de imigrantes no território brasileiro, em detrimento do elemento nativo.

A alma da nossa pátria origina-se dos elementos étnicos, esparsos e ainda não bem caldeados que concorrem para a formação da nossa raça. O caboclo representa ahi um fator preponderante, que, entretanto, é desprezado e, muitas vezes, perseguido e esmagado em beneficio do estrangeiro que vem exactamente, (...), destruir a alma nacional. Como uma dolorosa antithese, o colono estrangeiro, tem todas as regalias; – occupa as terras que de direito pertencem ao nacional, recebe do Estado toda a sorte de auxílios, tornando-se, com os elementos de superioridade intellectual que já traz do seu pais, um competidor, a que o sertanejo ignorante, supersticioso, fatalista, tem de submeter-se,

*por se encontrar isolado e sem apoio moral e material de seus patrícios.*¹²

Esse interesse pelo homem do interior, conforme aponta Nísia Trindade Lima, foi objeto de estudos de cunho sociológico durante um período que compreende a segunda metade do XIX até 1964, consolidando uma tradição de análise do Brasil que tende a remetê-lo ao dualismo litoral/sertão, perpassando inclusive a fase de institucionalização universitária.¹³ Este item torna-se importante em nosso estudo, uma vez que entre as obras clássicas¹⁴ sobre o Movimento do Contestado, duas provêm desse período: o trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz e o de Maurício Vinhas de Queiroz, os quais serão analisados adiante.¹⁵

As ideias que remetem à necessidade de construção de uma identidade nacional no início do século XX tiveram grandes representantes no Brasil, cujo pensamento tornou-se paradigmático nas questões relativas à história do povo brasileiro, a sua constituição e a sua

¹² **DIÁRIO DA TARDE**, Curitiba, 07 de janeiro de 1915, p.1, c.1-2.

¹³ LIMA, op. cit., p.14.

¹⁴ Compartilhamos da ideia de obras clássicas conforme definiu VIDAL E SOUZA “A produção social de uma obra clássica da análise sociológica se faz pela consagração e reprodução no âmbito acadêmico. Um clássico não é uma construção voluntarista, mas requer o concurso de agentes e espaços sociais de instituição e validação de sua reputação”. Ver VIDAL E SOUZA, Candice; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, nº 2, 2001. Disponível em: www.scielo.com.br. Acesso em: 20/11/03. No caso das obras expostas acima, com certeza se tornaram clássicos pela comum referência daqueles que estudaram o Movimento do Contestado.

¹⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

geografia. Nomes como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha se tornaram portadores autorizados e reconhecidos de um pensar o Brasil e os seus habitantes.¹⁶ Eles elaboraram representações fundamentadas em um imaginário no qual o progresso era o fim último e inevitável da humanidade.

Essa discussão é fundamental para esse trabalho uma vez que o conjunto dessas representações – traduzido principalmente pela figura de Euclides da Cunha –, poderá nos auxiliar a compreender a forma de pensar dos escritores que se debruçaram sobre o Movimento do Contestado, onde também podemos observar tentativas de construção de uma identidade nacional.

À luz desse imaginário, alguns jornalistas, militares e intelectuais construíram, cada um a seu modo, uma visão acerca do conflito, dos seus participantes e do local onde ele ocorreu. Ao escreverem sobre o Movimento também pensaram a respeito do Brasil, refletindo acerca dos impasses e indefinições que permearam o projeto de formação de uma identidade nacional durante a década de 1910. Nessa perspectiva, os discursos sobre o Movimento do Contestado, elaborados no início do século XX, podem ser considerados narrativas da nacionalidade.

Buscando construir uma reflexão em torno dessas questões, selecionamos algumas fontes com o intuito de realizar leituras referentes ao imaginário social formado a partir do conflito, refletindo acerca

¹⁶ Esses autores, entre outros, estabeleceram discussões fecundas para o pensamento social brasileiro, na última década do século XIX e na primeira década do século XX. Cf. HERMANN, Jacqueline. Canudos sitiado pela razão: o discurso intelectual sobre a “loucura” sertaneja. In: **Revista História: Questões e Debates**. Curitiba, v. 13, nº 24, pp.126-150, jul./dez. 1996, pp.128-129 e NAXARA, op. cit., pp.78 e 89.

da importância desse acontecimento para a consolidação de um pensamento relativo aos problemas e aos destinos do país.

Para tal, o jornal paranaense *Diário da Tarde* foi um dos discursos que mais nos chamou atenção. Durante o período do conflito, esse periódico da capital paranaense se voltou para o Movimento emitindo opiniões e pareceres, evidenciando claramente a tentativa de convencimento da opinião pública. Foram muitas páginas de textos sensacionalistas, controversos e irônicos, que demonstraram a relação existente entre um pensamento regional e a forma como outros intelectuais pensavam a questão da nacionalidade brasileira. O *Diário da Tarde* também se mostrou regionalista, defendendo os interesses do Paraná por meio de contundentes críticas ao governo federal, tendo sempre como fio condutor a questão de limites territoriais entre este estado e Santa Catarina. Essas generalidades e especificidades foram pouco abordadas na bibliografia sobre o tema, apesar deste periódico ter sido citado por diversos autores.¹⁷

Uma exceção foi a obra de Marilene Weinhardt, que não somente analisou o *Diário da Tarde* como também teceu um comentário crítico sobre o desinteresse da academia paranaense – principalmente na área de letras – em relação à temática do Contestado. Esse foi um dos motivos que a levou a considerar esse evento uma ferida cultural.

¹⁷ O *Diário da Tarde* consta da bibliografia e em algumas citações nas obras de: MONTEIRO, *Os errantes...*; PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit. e QUEIROZ, op. cit.

É importante apontar que essa *dor moral* foi muito forte na constituição da historiografia paranaense, a ponto de ser silenciada como objeto de estudo da história.¹⁸

Apesar de analisar o *Diário da Tarde* de uma forma bastante detalhada, o objeto de estudo de Weinhardt se diferencia do nosso uma vez que sua reflexão se concentra na tentativa de compreender alguns aspectos dos romances históricos baseados na temática da Guerra do Contestado. Para trilhar esse caminho, a autora lançou mão dos textos militares, jornalísticos e bibliográficos produzidos no decorrer do século XX. Essas obras serviram, no trabalho de Marilene Weinhardt, ao propósito de possibilitar a busca por elementos que evidenciem sua potencialidade para a criação dos textos de ficção.¹⁹ Dessa forma, a leitura que teceu sobre os documentos históricos não ficcionais foi necessária em seu trabalho para o alcance de uma compreensão referente aos textos de ficção.

Devido a essa ausência de abordagens históricas mais específicas, acreditamos na necessidade de dispensar uma atenção maior ao *Diário da Tarde*, quem tanta ênfase deu ao Movimento, tentando

¹⁸ Weinhardt inova ao romper com o silêncio sobre o tema na academia curitibana nas últimas décadas. No que se refere a dissertações e teses, existe uma ausência de trabalhos sobre o Movimento do Contestado na Universidade Federal do Paraná, na área de Humanas. Ainda assim, seu trabalho não se caracteriza como uma conclusão de mestrado ou doutorado, mas como uma tese para o ingresso na cadeira de Literatura Brasileira da UFPR.

Anotamos aqui a nossa dívida para com a obra desta autora, que iluminou nossa reflexão relativa às fontes sobre o Movimento. A ideia de buscar uma especificidade no discurso, tanto em relação à questão da construção de uma identidade regional como em relação ao Movimento enquanto único, é apontada por ela. Ver WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos?** Algumas narrativas sobre o Contestado. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000, pp.11-23.

¹⁹ Ibidem, p.23.

percebê-lo a partir do imaginário que o informava e das representações que atribuiu aos diversos personagens desse conflito, a si próprio e aos outros, fossem estes catarinenses, sertanejos ou “cabecilhas”.²⁰ Ao escreverem notícias e artigos, traduzindo suas impressões sobre os acontecimentos, posicionaram-se demonstrando parte do pensamento da sociedade paranaense do período. Portanto, a questão da identidade regional e nacional também são elementos possíveis de serem apreendidos por meio da análise dos periódicos, principalmente se pensarmos que esse era o principal meio de comunicação na época. Nele, parte da sociedade paranaense também retratou a forma como se imaginava. Enfim, a utilização desses documentos servem ainda ao propósito de tentar preencher uma lacuna relativa à ausência de trabalhos sobre o discurso paranaense relativo ao Contestado, exaltando suas características e seu comprometimento com as ideologias e utopias de uma capital em vias de modernização.

Há que se considerar ainda, em relação a esse corpo documental, que a construção de um sentimento regionalista sofreu um grande impulso no início do período republicano, tanto devido à descentralização administrativa iniciada com a nova política do princípio federativo, como pela efervescência cultural que sofreu a capital do estado paranaense, propiciada pela ascensão da economia ervateira. Neste momento de formação de um sentimento republicano, no imaginário da elite paranaense, prevaleceram elementos relacionados a um anticlericalismo exacerbado e um positivismo radical, onde estiveram presentes as noções de progresso e ciência, em contraposição à ideia

²⁰ Cabecilhas foi um termo utilizado correntemente pelo *Diário da Tarde*, referenciando, na maioria das vezes, os políticos e “coronéis” catarinenses.

de monarquia e à figura do Imperador.²¹

Dentre os diversos textos publicados durante a década de 1910 sobre o Movimento, também selecionamos os relatórios e livros escritos pelos militares que estiveram presentes no local. Primeiramente, por apresentarem uma forma de abordagem diferente daquela a que teremos acesso com os periódicos. Mas, principalmente, pelas preocupações que demonstraram quanto à formação da nação brasileira e ao lugar ocupado pelo homem do interior nesse processo.

Os militares que se dedicaram a relatar os acontecimentos foram pessoas que percorreram a região do conflito e buscaram conhecer o inimigo de guerra. Ao descreverem a forma de vida do homem do campo, também construíram uma visão idealista de como deveria ser o brasileiro, de como teria que viver e se portar frente à nação. Por outro lado, também refletiram acerca de como a nação deveria tratá-los, já que representavam a verdadeira essência nacional. A forma de vida e o local onde habitavam os “carolas impenitentes” ou “semibárbaros” – expressões bastante utilizadas para a designação dos rebeldes – foram objeto de análise, classificação e definição por parte dos militares.

Assim como os jornalistas, os militares também estavam informados pelo imaginário de sua época e, em muitos aspectos, seu pensamento confluiu com aquele dos pensadores sociais do período, reproduzindo, por meio das representações que criaram, noções evolucionistas e, principalmente, positivistas.²² Ao elaborarem representações

²¹ Essa questão é amplamente discutida por PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República**. Curitiba-PR, 1996, 215 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná.

²² Segundo Schwarcz, a doutrina positivista teve sua penetração, sobretudo nos meios militares. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.15.

referentes ao homem sertanejo, mostraram-se preocupados com os rumos tomados pela nação brasileira, bem como com os impasses que a impediam de se tornar civilizada.

O primeiro texto militar fundamental na construção de uma visão sobre o Movimento foi publicado em 1916 e consiste em um relatório de guerra, apresentado por Fernando Setembrino de Carvalho,²³ comandante das tropas que derrotaram os últimos redutos rebeldes.²⁴ Também utilizaremos a obra de Herculano Teixeira D'Assumpção,²⁵ bastante rica por enfatizar as diferenças culturais existentes entre os moradores do interior e das capitais e, principalmente, por situar-se “na confluência do discurso militar com as leituras interpretativas do Brasil”.²⁶ Nesse mesmo viés de abordagem, incluímos o livro de Demerval Peixoto²⁷ o qual durante o conflito, em 1915, anotou diversos detalhes dos acontecimentos, enfatizando os aspectos culturais e geográficos da região do Contestado. Esses três autores enalteceram a nação brasileira e delegaram aos sertanejos o lugar da ignorância, do fanatismo e da barbárie. Mas, assim como boa parte dos pensadores sociais do período, não culpavam os habitantes do interior pelas condições nas quais viviam, mas sim àqueles que

²³ CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra**. Rio de Janeiro. Imprensa Militar, 1916.

²⁴ Reduto constitui as vilas que os *sertanejos* construíram para aguardar o retorno de José Maria. Para eles, era o local sagrado e sob ele fundaram as *Cidades Santas*. Durante o Movimento, existiram diversos redutos de tamanhos variados e que ocupavam lugares estratégicos na mata, não podendo ser caracterizadas, no entanto, como fortalezas. “Taquarussú é um lugar aberto, pois o sertanejo emprega a palavra *reducto* para designar uma aldeia habitada por homens em armas e não uma obra fechada, de fortificação”. D'ASSUMPÇÃO, op. cit., pp.259-260

²⁵ D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. **A campanha do contestado**: as operações da columna do sul. Bello Horizonte: Imprensa Oficial, 1917.

²⁶ WEINHARDT, op. cit., p.72.

²⁷ PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

decidiam sobre os rumos tomados pela política no país. Aproximando-se da crítica euclidiana, apontaram os governantes da República como responsáveis pela guerra nos sertões, devido ao abandono e ao descaso com o qual a população interiorana era obrigada a conviver.

Portanto, a partir dessas fontes mostraremos nesse trabalho o que estes relatos possuem de singular e de comum em relação ao imaginário do período. Perceber a forma como o Contestado e os seus participantes foram representados, sobre o governo republicano e sobre os próprios militares, bem como o posicionamento ideológico defendido por esses indivíduos, constituem itens fundamentais para compreendermos como o conflito foi pensado no interior de uma reflexão mais ampla sobre os futuros da nação e as (im)possibilidades para se chegar lá. Muito mais do que respostas, pretendemos buscar questionamentos referentes às representações sobre o Contestado e à maneira de se pensar o Brasil por grupos que estavam vinculados a uma elite dominante, seja ela ligada aos militares, aos intelectuais ou aos jornalistas. Mais importante do que saber qual foi a ideia de homem e de lugar no imaginário sobre o Contestado, cabe-nos indagar os motivos que levaram determinadas noções a serem apropriadas para a explicação desse conflito.

Para analisarmos esses documentos, que constituem representações sobre o Contestado, mas também sobre o imaginário social do período, foram de fundamental importância os apontamentos presentes na bibliografia produzida sobre o tema nas décadas posteriores.

Muitos estudiosos do Contestado indicaram a inadequação de algumas teorias explicativas sobre os participantes do Movimento e sobre o próprio conflito presentes no início do século XX, sem se deterem mais atentamente sobre essa questão. Dessa forma, esses textos

possibilitaram o surgimento de nossa problemática ao tecerem críticas quanto às representações que pesaram sobre os sertanejos do Contestado, bem como ao local onde moravam.

No primeiro capítulo, buscamos verificar a forma como os pesquisadores contemporâneos observaram o Contestado. Para isso, selecionamos obras vinculadas à Academia, devido ao fato desses trabalhos se apresentarem de forma mais analítica e por estarem apoiados em orientações metodológicas, evidenciando a necessidade dos cuidados referentes ao estudo de um grupo social, localizado em um tempo e em um espaço distinto.

Enfatizamos nosso respeito por todos esses estudiosos que se debruçaram sobre o Contestado, lembrando que o objetivo deste trabalho não é o de criticar visões que já não são correntes atualmente ou versões que, teórica ou metodologicamente, diferenciam-se de nossa forma de trabalho, mas sim desenvolver reflexões na premissa de que se um autor pode oferecer algo é o trabalho de reflexão que ele suscita no leitor que absorve o seu texto.

A opção pelo termo *Contestado*, utilizado no decorrer deste trabalho para definir o acontecimento do qual tratamos, também será explicado no primeiro capítulo. Tentaremos ainda, encaminhar o leitor a perceber que o *Movimento do Contestado* constitui uma expressão polissêmica designando inúmeras representações.²⁸ Definir como cada

²⁸ A importância de apresentar uma explicação quanto aos caminhos adotados por aqueles que se debruçaram sobre o tema consiste ainda em uma tentativa de apresentar aos leitores leigos no assunto análises que conferiram ao Contestado status de um movimento social. Sua amplitude e especificidade confundem-se, muitas vezes, com a questão de limites, obscurecendo os lugares ocupados pelos atores sociais nesse conflito. Enfim, acredito que a Academia paranaense (da capital, principalmente) desconhece o Contestado e o primeiro capítulo é, sobretudo, uma tentativa de apontar alguns caminhos percorridos, por pensadores de diversas áreas, na tentativa de conhecê-lo.

autor construiu uma reflexão em torno dos acontecimentos, geralmente utilizando o mesmo corpo de fontes – além de ampliar nossa compreensão a respeito do tema, possibilita percebermos que um movimento social definido como objeto de estudo também é passível de inúmeras interpretações. Lembramos que para nós, estudantes de História, foram essas representações que deram corpo e forma ao que conhecemos hoje como Movimento do Contestado.²⁹

Estabelecemos um recorte para analisar algumas representações referentes ao Contestado em sua relação com o pensamento social do início do século XX. Assim, no segundo capítulo, nos dedicaremos ao caso específico do discurso paranaense, por meio do periódico *Diário da Tarde*. Desde o começo do conflito, a imprensa da capital paranaense deu início a numerosas publicações sobre a questão, comentando, noticiando e opinando. Podemos observar nesse jornal narrativas referentes à posição tomada pelos governos do Paraná, de Santa Catarina e da capital brasileira, demonstrando tentativas de construir e manipular a opinião pública no que concerne às representações em torno da questão de limites, dos sertanejos e dos militares.

Indicaremos, nesse momento, a relação desse discurso com o imaginário social do período, tentando mostrar até que ponto o *Diário da Tarde* compartilhava das noções e olhares que estiveram presentes entre os grupos que pensaram o Brasil e os brasileiros.

Ao refletir sobre os rumos do Movimento, este periódico também construiu representações sobre os moradores do Brasil, almejando além de um ideal de nação, um ideal de estado. Portanto, refletiremos em

²⁹ Isso vale principalmente para os trabalhos de PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit.; QUEIROZ, op. cit., e MONTEIRO, **Os errantes...**

torno das questões relativas à construção de uma identidade nacional e regional, presentes nos discursos do *Diário da Tarde*, principalmente, ao abordarmos a participação e morte do militar João Gualberto.

Os autores que pensaram o Contestado partiram desse acontecimento para compreender o país. Ao pretender dar uma definição da realidade, as interpretações sobre o conflito estiveram permeadas por noções como pátria, civilização e progresso em contraposição a fanatismo, barbárie e analfabetismo, evidenciando o caráter evolucionista e positivista do imaginário do período e das representações que dele fizeram parte. Constituí a tese central do terceiro capítulo tentar compreender de que forma se consolidou essa busca por uma identidade nacional, chamando a atenção para as imagens construídas pelos militares, pautadas, principalmente, pela definição do homem e do espaço. Essas noções foram acionadas com o intuito de explicar o conflito, classificar o sertanejo, bem como o *lugar sertão*.

Partindo da análise dos relatórios militares e do *Diário da Tarde*, às noções presentes no imaginário sobre o Contestado constituem um item importante neste momento, especialmente quando analisadas à luz do Movimento de Canudos. Nesta parte do trabalho, evidenciamos o caráter fundador da obra euclidiana e a forma como ela foi apropriada por aqueles que se voltaram para o Movimento do Contestado.

2

CONTESTADO: UM TERMO POLISSÊMICO

Consideramos que o termo contestado tornou-se polissêmico desde o momento em que o conflito recebeu esse nome, em 1912. Nesse período, contestado se referia a uma região disputada judicialmente pelo Paraná e por Santa Catarina. O termo Contestado foi associado ao conflito armado que recebeu a denominação de Movimento ou Guerra do Contestado, devido ao fato dessa região ter constituído parte do palco onde se deu esse evento envolvendo sertanejos e forças militares.

No entanto, a polissemia em relação à palavra contestado não se encerra na associação à questão de limites. Refere-se a um termo que sugere imagens referentes a um acontecimento real. Ao utilizarmos essa palavra evocamos nossas lembranças, nossa memória, e logo associamos a palavra à ideia de um movimento social, talvez ligado a questões territoriais, talvez o aproximando ao Movimento de Canudos para facilitar a “visualização”. Atualmente, entendemos o termo como uma construção discursiva que pelo seu uso costumeiro foi sendo naturalizada, caracterizando uma representação “das diversas experiências que constituem o evento ‘Contestado’”.³⁰

Optamos por apresentar nesse item como diversos autores abordaram os elementos constitutivos do pensamento social do início do século XX, chamando a atenção para o uso, generalizador e

³⁰ Para Susan Aparecida de Oliveira, essa representação é assimiladora e consensual. Devido à enorme quantidade de interpretações sobre o conflito, cada qual seguindo uma direção singular e mesmo ao desconhecimento por parte do público acadêmico curitibano sobre o Movimento, discordamos dessa afirmação no que se refere à capital paranaense. OLIVEIRA, Susan Aparecida de. **Contestado: visões e projeções da modernidade**. Florianópolis-SC, 2001, 215 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, p.3.

classificatório, de determinadas noções. A confluência e/ou divergência das considerações feitas por esses indivíduos, direta ou indiretamente, suscitaram o surgimento da presente pesquisa.

Ao realizarmos esse percurso também tentaremos apontar a maneira como o Contestado foi erigido como movimento social, evidenciando como diferentes estudiosos construíram uma representação referente ao conflito, bem como sua relação com a questão de limites. Alguns questionamentos permearam o levantamento dessas representações, tais como: quais autores buscaram romper com as classificações elaboradas durante as primeiras décadas do século XX? A partir de quais parâmetros sustentaram seus argumentos? De que forma compreenderam os conflitos?

Diversos caminhos foram percorridos na definição do Movimento do Contestado. Nilson Thomé identificou muito bem os impasses relativos a esta questão ao sintetizar a diversidade de representações referentes ao conflito: “Para religiosos, ocorreu uma ‘Guerra de Fanáticos’; para sociólogos, houve um ‘Movimento Messiânico’: para políticos, aconteceu uma ‘Questão de Limites’; para militares, tratou-se de uma ‘Campanha Militar’; para marxistas, foi uma ‘Luta pela Terra’”.³¹ O autor enfatiza que a história aceita estas atribuições, acrescentando, entretanto, que, isoladas, constituem definições fragmentadas. Por sua vez, Thomé acredita que o Movimento do Contestado “foi um destacado evento histórico, resultante da revolta da população regional à ordem vigente, ou seja, uma insurreição da população cabocla”.³²

³¹ THOMÉ, Nilsonº **Os iluminados:** personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado. Florianópolis: Insular, 1999, p.13.

³² Idem. Nilson Thomé pode ser considerado um importante estudioso do assunto. Além de possuir um grande número de publicações referentes ao tema é morador da região onde ocorreu o conflito e travou conhecimento com muitos habitantes do

2.1. A Guerra do Contestado ou o território contestado?

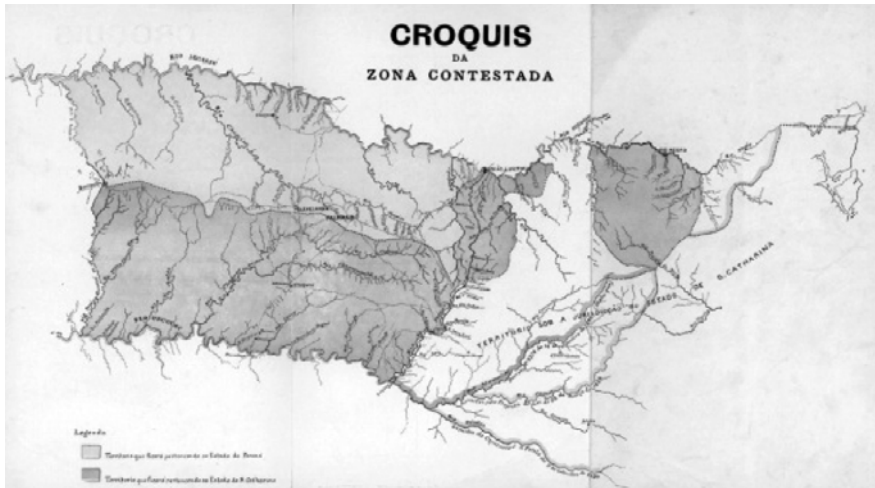
A própria definição *contestado* tornou-se objeto de uma pluralidade de significações. Isso ocorreu, principalmente, porque os indivíduos que relataram ou estudaram o Movimento ora associaram o conflito à questão de limites, ora enfatizaram que um evento não teve relação com o outro. Para Duglas Texeira Monteiro, por exemplo, os problemas gerados com a questão de limites deram origem a diversos conflitos armados, mas “nenhum desses conflitos, entretanto, tomou as proporções do que costuma ser chamado de Guerra do Contestado e que, com a questão de limites, manteve uma conexão apenas incidental”.³³ Essa hipótese tem sido utilizada por diversos pesquisadores, sem que pese uma observação mais apurada da forma como cada grupo que morava na região esteve envolvido no conflito.

Desde 1853, a disputa territorial entre o Paraná e Santa Catarina vinha se arrastando e, já no início do século XX – após a Proclamação da República e o princípio de autonomia dos estados da Federação – constituiu motivo de discussões acirradas entre as instâncias de poder desses estados brasileiros, contando, em diversos momentos, com as opiniões de representantes políticos de outras regiões do país. Diversos foram os pareceres emitidos pelo poder federal, ora dando ganho de causa a um, ora a outro. O litígio somente foi resolvido em

local, remanescentes do Movimento. No livro citado, o autor retrata as figuras místicas que percorreram o território antes, durante e depois do Movimento (de 1840 a 1980).

³³ MONTEIRO, Duglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**: Tomo III, o Brasil Republicano, 2º vol.: Sociedade e Instituições (1889-1930), 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.71.

1916, devido à pressão exercida pelo governo federal e pela opinião pública contra os representantes estaduais em função do conflito.³⁴



Croquis. Croquis da Zona Contestado, 1912. Autor: Romário Martins. Acervo Museu Paranaense.

Tornou-se comum a atribuição do Movimento à questão de limites entre os dois estados. No entanto, a importância da disputa entre Paraná e Santa Catarina interessava, principalmente, àqueles que moravam próximos à divisa territorial, às margens do Rio Negro e Iguçu, como evidenciou o historiador Paulo Pinheiro Machado, em

³⁴ Na divisão territorial de 1916, os dois estados cederam parte das terras que estavam reclamando como suas, sendo que o Paraná ficou com 20.000km² do território contestado enquanto Santa Catarina ficou com 28.000km². Assim, o Paraná cedeu a parte norte, compreendendo os municípios de Itaiópolis, Papanduva e Canoinhas, e Santa Catarina cedeu o sudoeste, compreendendo Palmas e Clevelândia.

Antes da última definição de limites, as lideranças políticas que moravam no território Contestado se articularam no sentido de criar um estado próprio, independente. O Estado das Missões foi um projeto que, apesar de não ter entrado em vigor, contou com um governo provisório constituído em União da Vitória. Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7ª ed. Curitiba: Editora e Gráfica Vicentina, 1995, pp.190-192.

sua tese.³⁵ O historiador evidenciou o fato de terem existido grupos de *sertanejos* e proprietários envolvidos no conflito devido a interesses relacionados à questão litigiosa, questionando assim, a vertente defendida por Monteiro. Tal associação também está relacionada ao fato de se ter elegido o território paranaense palco do estopim do conflito, devido ao fato do *monge* José Maria e de seus seguidores terem se instalado na região de Palmas em 1912, possibilitando o confronto com as forças militares paranaenses.³⁶

Mediante essas questões, ao nos referirmos ao Movimento do Contestado não podemos entendê-lo como sinônimo da questão de limites, uma vez que a maioria da população conflagrada morava em um território distanciado dessas disputas e possuía outras prioridades – como as aspirações religiosas, por exemplo – embora estas também estivessem relacionadas a questões de posse territorial.³⁷ Por esses motivos, assumimos a definição do Movimento do Contestado compreendendo o conflito que ocorreu entre *sertanejos* do interior (tanto catarinense quanto paranaense) e as forças do governo (federal e local). A questão de limites, a nosso ver, constitui um elemento a mais para a compreensão desse acontecimento.

³⁵ MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas-SP, 2001, 497 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, p.127. A tese deste autor foi publicada pela editora da Unicamp.

³⁶ Essa discussão será retomada no segundo capítulo.

³⁷ Cf. MACHADO, op. cit., p.127.

2.2. A polissemia do termo continua: as direções seguidas

É neste sentido que utilizamos a noção de polissemia para o Movimento do Contestado. As representações sobre o conflito fazem parte da sua história. O Contestado somente existe como fato histórico-social porque foi eleito como tal, porque sociólogos, religiosos, políticos, jornalistas e, mais recentemente, historiadores pensaram sobre ele. E cada qual construiu uma imagem sobre esse evento, vinculada a visões de mundo e questões teóricas específicas, próprias de cada tempo e lugar.

Descartando a ideia que nos remete à questão litigiosa propriamente dita,³⁸ optamos por abordar a temática *Contestado* a partir das construções discursivas que lhe atribuíram a característica de conflito, movimento ou guerra, evidenciando a elaboração de representações legitimadoras de uma ordem social, uma vez que os idealizadores dessas narrativas são considerados, ao menos por alguns segmentos da sociedade, portadores de uma determinada verdade, principalmente por se pronunciarem de um lugar *autorizado*.

Provavelmente impulsionada pela criação das Faculdades de Filosofia,³⁹ a partir da década de 50 a Academia voltou-se para o estudo do Movimento do Contestado visando explicar e entender os motivos que levaram tantos indivíduos a questionarem a ordem vigente. Foi no confronto desses olhares que surgiu a necessidade de uma

³⁸ Como já afirmamos, a questão de limites territoriais entre o Paraná e Santa Catarina constitui um importante elemento para a compreensão do conflito e será abordada na medida em que auxiliar na análise das narrativas selecionadas para este trabalho.

³⁹ Cf. WEINHARDT, op. cit., p.21.

análise acerca das noções constitutivas do pensamento social sobre o conflito, durante a década de 1910, ou seja, as obras acadêmicas nos auxiliaram na delimitação do tema, pois, direta ou indiretamente, demonstraram algumas permanências, suscitando o interesse em analisarmos os elementos presentes no imaginário sobre o Movimento do Contestado durante o período do seu acontecimento.

Para realizar esse percurso, procedemos com uma divisão de ordem cronológica quanto à bibliografia sobre o tema, visando apontar aquelas que indicaram, de alguma forma, elementos referentes ao pensamento social do início do século XX no que concerne a classificações sobre o Movimento do Contestado e sobre os seus participantes. Muitos autores apontaram os pressupostos científicos, as noções vigentes, a visão de mundo que orientou as narrativas sobre o Contestado, na maioria das vezes tecendo críticas. Partimos para a busca dessas reflexões, fundamentais para a constituição deste trabalho, na medida em que deram origem a questionamentos relativos às representações existentes naquele momento. Essas representações encontraram um lugar para o meio *sertão* e para o homem *sertanejo*, embora nenhum desses trabalhos tenha se detido de forma mais minuciosa sobre esta questão.

Vinculados a um pensamento predominante nas reflexões teóricas do seu tempo, mas também associados a uma visão de mundo particular, cada um desses autores seguiu um caminho, embora seus trabalhos revelem pontos de confluência em vários aspectos, uma vez que constituem reflexões dinâmicas que se apropriaram de uma amplitude de temas e explicações, muitas vezes se contradizendo e se questionando como tal. Nesta perspectiva, selecionamos alguns percursos que podem ser importantes no sentido de trilharmos os caminhos percorridos pelo pensamento social em torno do Movimento do

Contestado. Assim como os pensadores do início do século, aqueles que escreveram posteriormente também parecem estar preocupados com a brasilidade e com os rumos do país, fator que parece ser inerente àqueles que se dedicam, no Brasil, a pensar a sociedade.

2.2.1. Especificidades da polissemia: os clássicos

Os trabalhos acadêmicos que começaram a ser escritos a partir da década de 1950 inauguraram uma nova forma de abordagem referente ao Movimento e aos personagens que nele estiveram envolvidos. Os *sertanejos*, a partir desses estudos, passaram a ser considerados de um ponto de vista mais antropológico. A alteridade ganhou novos contornos, não situando mais o outro na esfera do inculto ou do incivilizado, até mesmo porque a sociedade ocidental demonstrou, por meio de duas grandes guerras, que o ideal de progresso e modernidade também trouxe em seu encaço morte e miséria. A noção de barbárie, tão comum nas explicações sobre os iletrados do início do século, perdeu seu sentido anterior, podendo ser utilizada para designar outros grupos, já não tão *incultos*.

Datam desse período três obras acadêmicas que se tornaram referência para os estudos sobre o Movimento do Contestado: *O messianismo no Brasil e no mundo*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; *Messianismo e conflito social*, de Maurício Vinhas de Queiroz e *Os errantes do novo século*, de Duglas Teixeira Monteiro.⁴⁰ O primeiro

⁴⁰ PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., QUEIROZ, op. cit., MONTEIRO, **Os errantes...** Esses autores, por meio de suas reflexões sobre o Movimento, também elaboraram um parecer e tentaram caracterizar a *realidade brasileira*, portanto, também

desses trabalhos foi o da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz.⁴¹ A obra desta autora inaugura uma mudança em relação aos estudos sobre os movimentos sociais religiosos que até então localizavam os participantes destes conflitos, com certa frequência, nos limites da patologia social.

Sua análise, influenciada pela ideias socioculturais do orientador Roger Bastide, pauta-se na importância de encontrar definições científicas necessárias para enquadrar, em caracterizações comuns, diversos movimentos sociais localizados em tempos e locais distintos. Partindo de uma reflexão weberiana, na qual o messias é classificado como líder carismático, os movimentos messiânicos para Maria Isaura Pereira de Queiroz teriam sempre a mesma forma, precedida pela figura do messias. No caso do Contestado, a denominação de messias foi atribuída à figura dos monges.

Apesar desta noção de messianismo ter sido adotada por vários estudiosos na análise do Movimento do Contestado, a obra de Pereira de Queiroz foi *revisada* por diversos autores, ora sendo questionada quanto à forma como utilizou as fontes,⁴² ora em relação à

podem ser considerados narradores da nacionalidade, embora suas obras datem de um período posterior. Sobre outros momentos da narrativa histórica ver: BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. **A (des)construção do discurso histórico: a historiografia brasileira dos anos 70**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. A autora se concentra em escritos produzidos durante a década de 70.

⁴¹ Além da publicação do livro *Messianismo no Brasil e no mundo*, Pereira de Queiroz defendeu em 1955, na *École Pratique des Hautes Etudes*, na França, sua tese intitulada *La "Guerre Sainte" au Brésil: Le mouvement messianique du "Contestado"*.

⁴² Conforme Márcia Janete Espig, a socióloga utilizou uma gama ampla de fontes de natureza diversa, porém, ao optar por uma ou outra visão, não explicita os motivos que a levaram a tal escolha. Outra questão se refere à utilização generalizada de outros contextos na explicação de aspectos referentes ao Movimento do Contestado. Ver: ESPIG, Márcia Janete. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Porto Alegre-RS, 1998, 179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p.31.

maneira como desenvolveu o conceito de messianismo. Segundo Paulo Pinheiro Machado, por exemplo, seria pouco útil a utilização dessa categoria da forma como emprega a socióloga. Para ela, a sociedade *sertaneja* do Contestado se encontrava em processo de anomia e o conflito possuía um caráter conservador, evidenciando uma crise estrutural. Portanto, na opinião da autora, o Movimento do Contestado não foi nem subversivo, nem revolucionário, mas sim reformista. Ao indicar como fator provocador do conflito o estado de anomia social, de perda de identidade como consequência de transformações sociais/culturais e econômicas, Pereira de Queiroz estaria nomeando de outra forma a patologia da população sertaneja.⁴³

A nosso ver, além destas questões apontadas por trabalhos recentes, o maior problema quanto à obra de Pereira de Queiroz reside no fato da autora tentar encontrar um denominador comum para diversos movimentos sociais localizados em diferentes tempos e espaços.

Em relação ao nosso objeto de pesquisa, Pereira de Queiroz indica um importante caminho ao criticar determinados aspectos presentes na definição do homem *sertanejo*, existentes entre os pensadores do final do século XIX e início do XX, principalmente no que se refere à dicotomia litoral-sertão. Conforme um pensamento consolidado a respeito, essa diferenciação simboliza a oposição progresso-atraso, afirmação contestada pela socióloga que enfatiza o fato de nem sempre podermos utilizar a noção de atraso para designar o surgimento dos movimentos messiânicos rústicos.

Considera ainda incorretas as afirmações de Euclides da Cunha e de Nina Rodrigues, quando estes indicaram que o estilo de vida

⁴³ Cf. MACHADO, op. cit., pp.5-7.

do homem *sertanejo* se encontrava ameaçado pela invasão de uma cultura estranha, ocasionando a insurreição rebelde.⁴⁴ Conforme as teses em vigor no início do século XX, a melhor forma de aniquilar esse tipo de reação seria levando o progresso aos moradores do interior, por meio da criação de escolas e da abertura de estradas, possibilitando a alfabetização e maior contato com os centros civilizados do país. Na perspectiva desses estudos, o messias seria o inimigo do progresso, chegando ao ponto de queimar objetos de luxo, definição essa decorrente da imagem de Antônio Conselheiro. Como principal argumento na defesa de seu ponto de vista, Pereira de Queiroz enfatiza que, ao contrário da afirmação desses cientistas sociais, muitos messias buscavam elevar o nível de vida dos seus adeptos, desenvolvendo o comércio, abrindo estradas, construindo casas, como no caso de Padre Cícero, por exemplo, que não só possuía uma educação letrada como também buscou transformar sua região em um grande centro econômico. Em relação ao grupo de Antônio Conselheiro, a socióloga afirma que queimavam objetos de luxo e não novidades, o que não contraria o progresso, mas sim, a riqueza.⁴⁵

Contraditoriamente, Pereira de Queiroz demonstra uma certa permanência do pensamento que atribuiu lugares distintos aos brasileiros. Isso ocorre, por exemplo, quando divide a sociedade brasileira em três seções “sócio-culturalmente distintas”: a primitiva, a rústica e a urbanizada.⁴⁶ A rústica seria aquela onde ocorreu o Movimento do Contestado. A autora contrapõe a sociedade do *sertão* à litorânea, comentando que nesta última existia uma estabilidade estrutural e uma

⁴⁴ *Ibidem*, p.343.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 344-346.

⁴⁶ PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p.331.

organização social tal que, diferentemente das sociedades rurais, “permitiu o desenvolvimento do Brasil como nação em relativa ordem e equilíbrio, sem grandes abalos interiores”.⁴⁷ A historiografia das últimas décadas demonstra que essa afirmação pode ser contestada, uma vez que diversos movimentos populares e políticos ocorreram em solo litorâneo, demonstrando que a população desses locais nem sempre se sentiu parte integrante de uma mesma nação.

Apesar dessa perspectiva que define diferentes seções para a sociedade brasileira, Pereira de Queiroz sugere a hipótese de que a “seção rústica” estabeleceu contato tanto com a sociedade que vivia nas zonas urbanas como com os indígenas, e enfatiza a carência de estudos que se detenham na análise das relações entre a sociedade rústica e a urbana, para verificar a existência ou não de isolamento.

Portanto, o estudo realizado por Maria Isaura Pereira de Queiroz foi o primeiro de cunho acadêmico sobre o conflito, no qual os aspectos sócio-culturais dos moradores do interior foram considerados não como elementos depreciatórios, mas como uma forma de vida específica que deveria ser compreendida a partir de sua lógica interna.

A segunda obra que analisaremos, *Messianismo e conflito social*, do sociólogo Maurício Vinhas de Queiroz, apesar de não apontar questões referentes ao pensamento social existente no início do século XX ou às terminologias utilizadas na definição dos *sertanejos* que estiveram envolvidos no Movimento do Contestado, possui uma divisão de capítulos que nos remete à estrutura da obra euclidiana. Iniciando pelo título “A terra e o homem”, assim como Euclides da Cunha em *Os Sertões*, o autor tece, de forma bastante detalhada,

⁴⁷ Ibidem, p.322.

considerações de cunho geográfico referentes à paisagem da região contestada para, em seguida, abordar aspectos sobre a ocupação territorial e adentrar, de forma bastante minuciosa, no conflito propriamente dito. A partir de elementos físicos do meio, procura mostrar algumas especificidades do Contestado em relação ao Movimento de Canudos. Talvez esse recurso tenha sido utilizado pelo sociólogo com o objetivo de diferenciar os dois eventos. No entanto, ao assumir o mesmo título que o autor de *Os Sertões* na definição de seus capítulos, Maurício Vinhas de Queiroz o consagra.⁴⁸

Em sua análise, Vinhas de Queiroz percorreu um caminho que posteriormente foi assumido por diversos estudiosos do Contestado: a questão agrária. Embora a referência à terra não seja determinante em seu texto, já na introdução afirma que “...pela primeira vez em nossa História as massas camponesas manifestaram a clara consciência da necessidade de garantir o seu ‘direito de terras’”.⁴⁹ Devido ao anseio pela terra, por bem-estar e segurança, a população que vivia no território contestado teria sofrido uma crise estrutural, acumulada ao longo dos anos. Apesar de focar a ideia de consciência em relação à terra, seu trabalho cai em contradição quando afirma, páginas depois, que os *sertanejos* possuíam uma falsa consciência dos problemas existentes no interior de sua sociedade, problemas esses responsáveis pelo acúmulo de tensões.⁵⁰ Uma outra questão é passível de ser apontada quando nos referimos à falta de consciência daqueles que participaram do conflito: 20 mil pessoas teriam aderido à uma guerra sangrenta e

⁴⁸ O impacto da obra *O Sertão*, de Euclides da Cunha, no pensamento social brasileiro do início do século XX, será abordado no terceiro capítulo deste trabalho.

⁴⁹ QUEIROZ, op. cit., pp.13-14.

⁵⁰ Ibid, pp.13-14 e 249.

longa, impulsionadas por uma falsa consciência dos problemas?⁵¹ Uma falsa consciência seria capaz de levar tantos indivíduos a colocarem em risco suas vidas e a de seus filhos, abandonarem suas casas, abrirem mão da convivência com parentes e amigos, declararem como inimigos antigos vizinhos que não compartilhavam de suas crenças?

Em relação à permanência de algumas representações sobre os *sertanejos*, datadas do início do século passado, percebemos que, embora Vinhas de Queiroz embora assuma um discurso bastante relativizante e enfatize as singularidades culturais dos rebeldes, ainda não rompe com um pensamento bastante característico entre os intelectuais na virada do XIX para o XX, o qual situava em lugares opostos letrados e iletrados. Essa questão é perceptível quando afirma que o messianismo é uma revolta alienada que “confia na transfiguração supranaturalística do mundo”, negando completamente a realidade compreendida como satisfação dos mínimos vitais.

O sociólogo acredita que os *sertanejos* do Contestado “acordaram do sonho” quando perceberam as vicissitudes da guerra, passando por uma “desalienação” que os teria levado a formular reivindicações de teor secular. No final do Movimento, entretanto, com a dissolução da solidariedade comunal e o acirramento das tensões internas, o Movimento teria sofrido “uma espécie de regressão no sentido do autismo”, se inserindo, portando, no terreno da patologia social.⁵² Ao vincular as ações dos rebeldes à doença, não estaria o autor demonstrando uma permanência do pensamento do início do XX representado, sobretudo, pela figura de Nina Rodrigues? A atribuição

⁵¹ Essa questão é apontada por GALLO, Ivone Cecília D’Avila. **O Contestado: o sonho do milênio igualitário**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1999, p.13.

⁵² Ver QUEIROZ, op. cit., pp.252-255.

de doença (mental) às atitudes assumidas pelos *sertanejos* nos movimentos sociais representam, a nosso ver, uma permanência, e demonstram uma interiorização de um conjunto de referências culturais que evidenciaram a necessidade de classificar, localizar e diferenciar o outro.⁵³

Para Maurício Vinhas de Queiroz, a idealização monárquica pode ser considerada um sonho, um momento de alienação interrompido pelas agruras da guerra e pela percepção da morte, responsável por trazer os sertanejos de volta à realidade. Essa separação entre real e irreal, conforme Bronislaw Baczko, corresponde a uma tradição intelectual racionalista que se consolidou em meados do século XIX, passando todo o século XX. O livro de Vinhas de Queiroz, publicado em 1966, conserva características oriundas desse momento em que a ciência e a razão, noções apropriadas em seu extremo, tornaram possível o desprezo e o esquadramento dos costumes e do modo de vida alheios ou estranhos, fator que “conjugava-se perfeitamente com o sonho colectivo de uma sociedade e de uma história finalmente transparentes para os homens que as constituem”.⁵⁴ Nesse sentido, a operação científica serviria como fio condutor para desvendar a história, desmistificar o que estava oculto, buscar a lógica para aquilo que não tinha explicação a partir de uma concepção racionalista do homem e da sociedade.

Essas reflexões visam demonstrar que mesmo entre os estudos acadêmicos sobre o Movimento do Contestado, realizados a partir

⁵³ Segundo Jacqueline Hermann a atribuição de loucura e doença aos movimentos sertanejos, ganhou legitimidade a partir da publicação da obra *Loucura Epidêmica*, do médico baiano Nina Rodrigues, em 1897. O livro tinha como objetivo explicar as origens da loucura coletiva que teria conduzido os sertanejos de Conselheiro à formação de Canudos. HERMANN, op. cit., pp.128-137.

⁵⁴ BACZKO, op. cit., p.297.

da década de 50, ainda permaneceram tentativas de inclusão do outro em um espaço caracterizado pela anormalidade. Os *sertanejos* continuaram sendo considerados diferentes não somente pela sua singularidade cultural, mas também pelas características que os tornavam “autistas”, portadores de uma patologia social.

Diversos pesquisadores, em trabalhos posteriores, questionaram esse posicionamento racionalista frente às crenças e ao imaginário dos homens comuns, priorizando aspectos fundamentais na concepção de mundo dos habitantes do interior do Brasil. Em uma vertente que procurou respeitar o olhar daqueles que romperam com uma determinada história, a espera do messias e de São Sebastião com seus cavaleiros, a idealização monárquica e a crença na vitória, fizeram parte da realidade dos sertanejos tanto quanto a guerra, as mortes e as doenças.

O terceiro trabalho que abordaremos neste item, do sociólogo Douglas Teixeira Monteiro, seguiu esse percurso e ainda é apontado como um dos mais analíticos sobre o Movimento. Em *Errantes do novo século*, o autor enfatiza que para alcançarmos um entendimento em relação ao conflito é necessário, antes de mais nada, compreendermos como os sertanejos pensaram e construíram sua nova realidade.⁵⁵

Sua reflexão é orientada pela sociologia da religião, por meio da qual intenciona analisar o comportamento social do grupo *sertanejo* durante o Movimento do Contestado partindo de uma visão interna, uma vez que “um acesso privilegiado para a interpretação é dado pelo universo de significados elaborado pelos que a enfrentam”.⁵⁶

⁵⁵ Ibidem, pp.13-15.

⁵⁶ MONTEIRO iniciou sua pesquisa sobre o Movimento do Contestado dez anos antes da publicação do seu livro. Para uma pequena biografia do autor ver: GALVÃO, Walnice Nogueira. Douglas Teixeira Monteiro, um intelectual a contracorrente (1926-78). **Sexta-feira**: utopia. São Paulo: Editora 34, nº 6, 2001, pp.189-198.

As expressões “desencantamento do mundo” e “reencantamento” tornaram-se conhecidas daqueles que se voltaram para a temática do Contestado devido à obra deste autor. Conforme Monteiro, desencantamento se refere à ruptura da estrutura vigente entre os moradores da região e estaria vinculado à própria crise do coronelismo e à penetração das empresas capitalistas ocupando diversificados ramos de trabalho, o que teria ocasionado o rompimento entre o consenso e a coerção e teria levado ao conflito propriamente dito. Antes de isso ocorrer, o autor acredita que existia uma estratificação das relações sociais, baseada em normas tradicionais onde as representações materiais e simbólicas caminhavam juntas e cuja unidade encontrava-se no fator religioso. “Sua estabilidade é mantida pela junção entre um consenso que encobre os aspectos coercitivos e uma coerção que garante a continuidade consensual”.⁵⁷

Essa crise das relações existentes entre os habitantes do local – ocasionadas pelas mudanças que apontamos acima – conduziu-os, segundo Monteiro, a um reencantamento do mundo, propiciado a partir dos valores ameaçados por essa crise. Os consensos foram elaborados, deste momento em diante, enquanto a coerção foi sancionada por elementos mítico-religiosos.

Apesar de seu trabalho ser considerado um dos mais importantes por aqueles que estudam o tema, recentemente Duglas Teixeira Monteiro foi criticado por priorizar, como motivo da eclosão do conflito, a crise do mandonismo local e a inserção das empresas capitalistas no território contestado. Segundo Ivone Gallo, essa explicação constitui uma necessidade racionalista “de tipo acadêmico”. Seu livro, *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*, caracteriza-se por

⁵⁷ MONTEIRO, *Os errantes...*, p.13.

inúmeras problematizações, onde o posicionamento de Duglas Teixeira Monteiro é questionado a partir da afirmação de que o universo cultural dos sertanejos era completamente diferente do qual vivenciamos na academia.⁵⁸

Apesar de ser alvo de algumas críticas, Monteiro foi o primeiro pesquisador desse tema a fazer considerações a respeito das análises que seguiram o caminho do determinismo do meio e da raça. Segundo o sociólogo, as explicações sobre o Contestado caracterizaram-se

*Pelo emprego de explicações que recorrem a poderosos determinismos geográficos ou biológicos na análise dos “fanatismos” religiosos brasileiros. Na vigência dessa voga, falava-se nas condições da terra, no clima, na composição étnica das populações envolvidas. Ou então, de modo menos generalizador, na ocorrência de “loucuras” ou “delírios coletivos”.*⁵⁹

A utilização dos opostos sertão e litoral, elementos fundamentais no pensamento social até a década de 1930, também foram apontadas por este autor como princípios existentes nos estudos sobre esse tipo de conflito:

⁵⁸ Para desenvolver seus argumentos Ivone Gallo elabora uma reflexão em torno de alguns elementos presentes no imaginário dos sertanejos do Contestado, como o Apocalipse de São João e a noção de monarquia. Ver GALLO, Ivone Cecília D'Avila. O Contestado e seu lugar no tempo. **Tempo**. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 6, nº 11, pp.143-156, jul. 2001 e _____, **O Contestado: o sonho...**, pp.14 et. seq.

⁵⁹ MONTEIRO, **Os errantes...**, p.13.

A partir de um certo ponto da evolução das reflexões a respeito da cultura brasileira, começam a surgir explicações que, abandonado o recurso às causas naturais, tentam identificar condições históricas, sociais e culturais. Esses surtos revelariam o abismo cultural entre o sertão e o litoral: símbolos de duas civilizações e de dois brasis. Um deles, eventualmente apresentado como autêntico e pouco conhecido o outro, mestiço e europeizado.⁶⁰

Além de indicar as dificuldades relativas à utilização de conjuntos de termos opostos no estudo sobre o Movimento, o sociólogo aponta algumas características presentes nessas abordagens, como o desconhecimento e a autenticidade atribuída aos habitantes do *sertão*, questão que como já comentamos ganhou importância nas narrativas que pensaram o Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Portanto, entre os autores citados até o momento, Monteiro foi aquele que mais teceu considerações referentes ao nosso objeto de estudo.

De forma geral, os três sociólogos indicam um problema estrutural, que teria ocasionado o conflito armado. Sustentando suas argumentações, privilegiam algumas variáveis econômicas, seja para indicar que os líderes messiânicos não eram culturalmente atrasados ou para explicar o esfacelamento das relações de compadrio.⁶¹ O que nos interessa, mais especificamente nesses textos, consiste na verificação de que os apontamentos referentes aos termos *sertão-litoral*, como

⁶⁰ Ibidem, p. 12.

⁶¹ Conforme Ana Maria Burmester, a perspectiva de análise histórica reincidindo sobre conceitos explicativos do capitalismo teve maior campo durante os anos 60-70. BURMESTER, op. cit., p.103.

representações opostas e utilizadas para a compreensão do Movimento do Contestado, foram levantadas há pelo menos meio século, sem que nenhum desses autores tenha se detido de forma mais detalhada sobre essa temática.

Não nos interessa neste trabalho analisar a permanência desse pensamento entre autores mais contemporâneos, mas sim utilizar a persistência de algumas dessas premissas no questionamento dos pressupostos que lhe deram origem e resgatar algumas reflexões realizadas a respeito.

2.2.2. Olhares de permanência

Embora alguns autores questionem a perspectiva de análise sobre o Contestado que privilegiou a distância sócio-cultural entre litoral e sertão, a partir da década de 50 essas ideias ainda persistiram nos escritos sobre o tema. Um exemplo dessa permanência foi a publicação do artigo de Osny Duarte Pereira, em 1966. Neste texto, editado na revista *Civilização Brasileira* em comemoração ao cinquentenário do Contestado, prevaleceu a ideia de que os moradores desse local encontravam-se em estado de “ignorância e de miséria e visitados também por monges, ascetas, curandeiros andarilhos, meninos-prodígios e outras criaturas dessa categoria, aptas para desencadear o fanatismo religioso”.⁶² Para este autor, os *sertanejos* representavam uma “gente analfabeta, obrigada a uma vida primitiva, quase igual à

⁶² PEREIRA, Osny Duarte. O cinquentenário da guerra sertaneja do Contestado Paraná-Santa Catarina. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, nº 9/10, p. 235-246, set./nov., 1966, p.237.

do homem das cavernas, dirigida pelos seus curandeiros e ‘puxadores’ de têrço que os reuniam nas toscas e pobres capelas, levantadas em geral pelo bodegueiro vendedor de cachaça”.⁶³

A referência a esse autor torna-se interessante devido ao fato dele estar escrevendo um texto não somente em comemoração ao aniversário do conflito, mas também de apresentação da obra de Maurício Vinhas de Queiroz, *Messianismo e conflito social*. Como já apontamos, o livro de Queiroz, apesar de em alguns momentos se referir à ideia de patologia social, procurou romper com alguns preconceitos em relação aos *sertanejos* e ao papel exercido pelos monges. Essas questões não foram apropriadas por Pereira, que reproduziu, de forma bastante evidente, um discurso característico das primeiras décadas do século XX.

Conforme o seu olhar, os caboclos pacíficos, humildes e dóceis repentinamente tornaram-se desafiadores, audazes, destemidos, “de uma resistência física inesperada, estrategistas inigualáveis e capazes das mais surpreendentes ações”.⁶⁴ A “massa esfarrapada, faminta e oprimida” estaria agindo por meio dos instintos e de uma intuição inexplicável, devido à ignorância. De forma bastante diferenciada de Maurício Vinhas de Queiroz, este autor, ao mesmo tempo em que credita as práticas dos *sertanejos* à sua ignorância, delega o papel de heróis aos soldados, os quais ressalta serem bravos e idealistas.

Osny Duarte Pereira defende a perspectiva de que o intelectual possui um importante papel no processo de mudança social, enfatizando a necessidade de se “esquadrinhar os fenômenos, sua etiologia e

⁶³ Ibidem, p.242.

⁶⁴ Ibidem, p.244.

seus prognósticos”, compreendendo que assim poderia evitar os males que acometem a sociedade. Partindo do conhecimento dos fatos passados os intelectuais poderiam planejar e organizar o futuro.⁶⁵ Além dessa perspectiva messiânica em relação ao papel do intelectual, o autor também defende a ideia de que uma comparação entre a Guerra do Contestado e a Campanha de Canudos estava por ser escrita. Neste sentido, seu objetivo consiste em compreender em que medida os dois movimentos se assemelham e se diferenciam para o que seria necessário realizar o mesmo estudo que se fez com Canudos.⁶⁶

Esse texto utilizado como exemplo nos permite verificar que, mesmo após a publicação das obras de Maria Isaura Pereira de Queiroz e de Maurício Vinhas de Queiroz, ainda persistiram análises onde o modo de vida do homem do interior foi compreendido de forma estereotipada e preconceituosa, apesar desses sociólogos serem citados na bibliografia. Portanto, percebemos que, se por um lado encontramos uma superação de posições estigmatizantes quanto àqueles que moravam no campo e viveram nos redutos *sertanejos*, por outro, diversos aspectos desse posicionamento continuaram presentes, marcando amplamente a alteridade, enfatizando e nomeando as diferenças, muitas vezes apresentadas com outra roupagem, mas demonstrando a permanência de uma necessidade de classificar o outro, indicando-lhe adjetivos, nomeando seu lugar e suas atitudes.

⁶⁵ Ibidem, p.245.

⁶⁶ Ibidem, p.237.

2. 2. 3. A perspectiva da esquerda

Todas as versões historiográficas sobre o Movimento do Contestado constituem o universo imaginário referente a este acontecimento. Nessas representações, esse evento foi nomeado e delimitado. O que sabemos sobre esse acontecimento hoje, ainda que informados pelo senso comum, vem da confluência ou divergência desses olhares, bem como das construções imagéticas que esses autores nos relegaram a partir de suas obras. Devemos observar o lugar e o contexto em que esses textos foram pensados, pois, da mesma forma como ocorre com as fontes, a bibliografia está inscrita em um processo sem o qual ela não poderia ter sido concebida.

Por isso, é importante enfatizar que foi somente a partir da década de 90 que os historiadores voltaram-se para o conflito, e data deste período também o surgimento de trabalhos significativos do ponto de vista analítico. Desde então, diversos historiadores vêm refletindo sobre as narrativas e os termos recorrentes utilizados na constituição de um pensamento sobre o Movimento do Contestado, principalmente no que se refere às primeiras décadas do século XX. A apropriação de categorias como *sertão*, *litoral*, *sertanejo*, *pátria*, entre outras, foi observada por alguns desses pesquisadores que questionaram a legitimidade de tal discurso. Ainda assim, esses trabalhos não tiveram como objetivo central analisar as narrativas sobre o Contestado em sua relação com o pensamento social do período, dispensando a essa temática poucas páginas em relação ao total das obras. Levantando as discussões já estabelecidas sobre essa questão, apontaremos as indicações desses autores quanto às imagens criadas sobre a população que

participou do conflito e sobre os elementos que formaram esse pensamento, como a dicotomia *sertão-litoral*.

O primeiro autor que abordaremos, Eloy Tonon, realizou um trabalho privilegiando as estruturas políticas que influenciaram a eclosão do Movimento, em uma perspectiva da luta pela terra. Apesar da atualidade de seu texto, sentimos a carência de uma maior especificação em relação a alguns apontamentos históricos, os quais são abordados de forma superficial ou absoluta, levando ao determinismo do político, sem considerar importantes trabalhos que levantaram outras hipóteses e questionaram visões anteriores demonstrando a importância do universo simbólico e religioso para os *sertanejos* envolvidos no conflito. Isso ocorre, por exemplo, quando o autor afirma que “A expropriação e expulsão dos *sertanejos* de suas posses levam-nos ao encontro das irmandades místicas”.⁶⁷

Ainda na década de 70, Duglas Teixeira Monteiro propôs outras hipóteses, tentando dar conta da explicação do surgimento das irmandades. Segundo ele, o advento do capitalismo e a crise do sistema de compadrio teriam ocasionado a reunião desses indivíduos.⁶⁸ Particularmente, acredito que não podemos atribuir a construção das *Cidades Santas* somente à expulsão dos *sertanejos* de suas terras, uma vez que os *sertanejos* viviam relações diferenciadas no interior de sua sociedade, sendo que diversos aspectos podem ser levantados quando nos reportamos à constituição das irmandades religiosas. Ao atribuímos essa criação à expulsão da terra, estaríamos deixando de considerar os

⁶⁷ TONON, Eloy. **O Contestado**: uma interpretação da rebeldia sertaneja. União da Vitória, 2000. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, p.12.

⁶⁸ MONTEIRO, **Os errantes...**, pp.13-14.

aspectos simbólicos do Movimento no qual não é possível separar a questão fundiária do universo cultural e imaginário vivido pelos moradores do interior catarinense e paranaense. Pensando que um fator levaria a outro (a questão da terra levou à questão religiosa) estaríamos caindo na velha armadilha da causa-consequência.

Outra questão defendida por Tonon e que já deixou de ser ponto de impasse na própria historiografia refere-se ao fato do autor buscar definir os *sertanejos* como vítimas dos acontecimentos: “Os sertanejos, além de excluídos do pacto associativo entre o mandonismo regional e local com o capital transnacional, foram manipulados e explorados, pelas novas relações políticas”,⁶⁹ ou ainda “Excluído, marginalizado, abandonado, violentado, o sertanejo perambula de um lado a outro do território que lhe pertencera de fato”.⁷⁰ Concordamos com o autor quando este afirma que os moradores do interior catarinense receberam, de forma inesperada, diversas mudanças, tanto políticas quando econômicas e sociais, o que não nos autoriza afirmar que eles foram vítimas das circunstâncias, já que não se deixaram explorar ou manipular como quer Tonon. Uma vez sentidas as transformações, eles se posicionaram contrariamente a elas, indicando que também são responsáveis pela sua história. Se a sociedade cria os indivíduos, é somente por eles que ela pode *ser* efetivamente. A sociedade só pode ser pensada por si própria, a partir dela própria. Os indivíduos são a sociedade, portando, sociedade e indivíduos se alteram juntos. Foi somente sobre o que já estava instituído que esses homens puderam transformar. Antes das mudanças que surgiram com a chegada das

⁶⁹ TONON, op. cit., p.34.

⁷⁰ Ibidem, p.184.

empresas ferroviárias e de todo o aparato que acompanhou a ideia de modernidade, nada poderia ser feito, pois era a sociedade que haviam construído e para os habitantes daquela região ela era dotada de significações. Somente quando esse sentido social foi rompido e suas significações imaginárias foram confrontadas, os *sertanejos* puderam pensar em algo diferente, que novamente pudesse significar.⁷¹

A representação que delega o Movimento do Contestado à luta pela terra talvez seja a que mais se estabeleceu na memória sobre o conflito. Confrontando diversos caminhos adotados pela historiografia sobre o tema, acreditamos que a questão da terra não pode ser considerada o elemento aglutinador da população, nem mesmo o motivo pelo qual os *sertanejos* se reuniram. Contudo, constitui mais um elemento para a compreensão do conflito. É importante apontar ainda que embora tenham surgido outras perspectivas de análise historiográficas, a vertente marxista ainda é bastante recorrente na explicação do Movimento do Contestado, como podemos observar a partir das obras de Eloy Tonon e Paulo Pinheiro Machado. Deixando de lado arguições que busquem a defesa de tal ou qual caminho, acreditamos que o mais importante ao analisarmos o Movimento do Contestado, ou qualquer outro objeto, seja o cuidado com generalizações e afirmações absolutas, que incorrem sempre em reduções empobrecedoras. O fator fundiário torna-se bastante válido desde que não seja considerado o denominador comum, mas sim uma possível representação sobre o conflito em meio a muitas outras. Caso contrário, corremos o risco de assumir novos preconceitos em relação ao nosso objeto de estudo.

⁷¹ CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto III**: o mundo fragmentado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, pp.121 et seq.

Ressaltando a gravidade dos problemas agrários na região contestada, Paulo Pinheiro Machado realiza uma reflexão mais sensível do ponto de vista do universo *sertanejo* ao inferir, ao lado da questão de terras, outros elementos, como a religiosidade, parte fundamental do modo de viver dos habitantes do interior paranaense e catarinense. O historiador acredita que nem mesmo para efeito didático podemos separar a questão religiosa da crítico-social e indica dois fatores como pontos fundamentais relacionados à questão agrária que repercutiu no Movimento do Contestado: a legislação republicana e a chegada da empresa *Brasil Railway Company*.⁷²

Considerando a experiência dos *sertanejos*, Paulo Pinheiro Machado realiza uma reflexão utilizando o referencial teórico fornecido pela nova esquerda inglesa. Para ele, o Contestado constituiu um “episódio importante na história da luta de classes no Brasil”.⁷³ Por meio dessas colocações, o autor contrapõem diferentes informações e fontes, tendo como objeto principal de análise o papel exercido pelas lideranças sertanejas no conflito.

⁷² Em 1908, a empresa norte-americana *Brasil Railway Company* iniciou a construção da estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Além da construção da ferrovia, a *Brasil Railway Company* recebeu uma concessão do governo federal para explorar e vender as terras que margeavam a estrada de ferro (15 km de cada lado), expulsando posseiros e explorando a madeira, através de uma afilhada chamada *Southern Brazil Lumber and Colonization Co*. Em pouco tempo, essa empresa controlava diversas redes ferroviárias no país, além de dispor de armazéns, frigoríficos, indústrias de papel e empresas de pecuária. Apesar do responsável pela empresa no Brasil ser o norte-americano Percival Farquhar, ela também contava com capital inglês e francês. Ver *Ibidem*, pp.133-148 e QUEIROZ, op. cit., pp.69-74.

⁷³ MACHADO, op. cit., p.17.

Em relação à questão que mais nos interessa para esse trabalho – o imaginário social do início do século XX e as noções que dele fizeram parte –, Paulo Pinheiro Machado chama a atenção para os problemas decorrentes da caracterização *messianismo e milenarismo* e tece uma crítica referente à ideia de isolamento geográfico e social, recorrente no pensamento social daquela época, até meados do século XX.⁷⁴ Segundo Machado, a população da região interiorana do Paraná e de Santa Catarina não vivia isolada, já que nesse local era comum a existência de atividades mercantis e tropeiras, ao contrário de algumas comunidades do litoral catarinense que “viviam em maior isolamento que a população do planalto”.⁷⁵

Devemos relativizar a ideia de isolamento das populações *sertanejas*, pois, se é fato que elas não participaram das decisões políticas que envolveram o país (pelo menos a nível formal), por outro lado é exagero afirmar que não tinham noção dos acontecimentos nacionais. Assumindo essa postura, corremos o risco de reproduzir um discurso vigente nas primeiras décadas do século XX, o qual atribuía o atraso das populações *sertanejas* ao seu isolamento. A atitude de colocá-las fora do plano da política do país, acionando a ideia de distância, também foi uma maneira de legitimar o domínio sobre as mesmas, construindo a representação de que agiam de forma inconsciente.

Ao analisar as formas de vida no mundo rural, Maria Cristina Wissenbach chama atenção para a necessidade dessa relativização,

⁷⁴ Segundo Nisia Trindade Lima, alguns pressupostos da análise do Brasil e dos brasileiros, existentes no final do XIX e início do XX, persistiram até 1964. Os habitantes do interior constituem um desses objetos privilegiados de estudo. LIMA, op. cit., p.14.

⁷⁵ MACHADO, op. cit., p.17.

uma vez que a produção de alimentos e utensílios nas comunidades rurais muitas vezes abasteciam as cidades, sendo vendidas em feiras, nas ruas e nos principais mercados de grandes centros urbanos, “gerando uma intensa movimentação e atividades que as autoridades procuravam a muito custo controlar”.⁷⁶ Além disso, os caminhos que ligavam as cidades, bem como as estradas de ferro que foram construídas na virada do XIX para o XX, serviam como via de comunicação.⁷⁷

Além dos caminhos percorridos por viajantes e comerciantes, a estrada de ferro também pode ser considerada, para a população do Contestado, uma via de comunicação com outras regiões do território sulino. Mais que isso, ela constituiu, na perspectiva de algumas representações sobre o Movimento, a forma como a modernidade pôde ser sentida pelos moradores daquele local, principalmente, por meio de todo o processo de instalação da via ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul e cortando o território do Contestado.

No caso da população *sertaneja* que participou desse conflito, devemos também levar em consideração o fato de nem todos estarem alheios a uma educação formal ou ignorarem as transformações que ocorriam no país. Até o final do século XIX, os fazendeiros e os pequenos sitiantes possuíam uma condição material de vida semelhante. Entretanto, também corresponde a essa época o momento em que os maiores fazendeiros de Lages, por exemplo, enviaram seus filhos para estudarem no Rio Grande do Sul, o que possibilitou a criação de jornais e teatros por meio dos quais os lageanos procuravam “copiar os

⁷⁶ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: **História da vida privada no Brasil** – v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.62.

⁷⁷ Idem.

costumes das grandes cidades”.⁷⁸ Outra questão importante refere-se à ideia da população interiorana estar alheia às mudanças que ocorriam na capital. Segundo Paulo Pinheiro Machado, o tropeirismo

*criava um ambiente de permanente ligação do planalto com outras regiões. A população do trabalho não vivia em isolamento num sertão longínquo, mas estava ligada por laços de trabalho, parentesco e solidariedade a outras comunidades mais distantes e era frequentemente informada dos últimos eventos políticos das províncias vizinhas.*⁷⁹

A questão do isolamento, portanto, foi uma perspectiva que encontrou seu lugar-comum nas narrativas sobre o Contestado no início do século XX. Não somente entre os escritos sobre esse conflito, mas, também, no pensamento social brasileiro do último século, quando os narradores da nacionalidade se referiam ao morador do espaço interior ou do oeste brasileiro.

Além da noção de isolamento, Machado também aponta o fato de que nas fontes sobre o Contestado, prevaleceu a ideia de “um Brasil rural, atrasado, supersticioso, bruto e ignorante, tendo que ser reprimido pelas forças militares, representantes da ordem, da civilização, do progresso e da ciência”.⁸⁰ Segundo este autor, os militares tinham presente a experiência de Canudos, apropriada por meio de *Os Sertões*, elemento importante para a formação de um olhar dualista sobre o país.

⁷⁸ MACHADO, op. cit., p.68.

⁷⁹ Ibidem, pp.67-70.

⁸⁰ Ibidem, p.32.

2.2.4. Outras perspectivas: a cultura e a modernidade

Mesmo após a Proclamação da República, persistiu entre camadas sociais populares, principalmente as rurais, uma espécie de saudosismo monárquico. A presença de um ideal monarquista entre os participantes do conflito foi tema de controvérsia e discussão na década de 1910 e tem sido retomado por diversos pesquisadores, de forma não menos polêmica. Em interessante trabalho de dissertação, que inaugura uma nova forma de análise do Movimento, Márcia Janete Espig – apoiada em pressupostos da história cultural – aponta as divergências existentes nos textos do período quanto à existência da noção de monarquia entre os rebeldes. Ao tratar a respeito da presença da literatura carolíngia entre os *sertanejos*, a autora ressalta que a ideia de monarquia no Contestado esteve muito mais atrelada às transformações que se processaram naquela sociedade, não se tratando, portanto, da instalação de um regime de governo em oposição a outro, mas sim do enaltecimento de um tempo passado e da idealização de uma realidade futura, ideais estes associados a um forte sentimento religioso, ou seja, a “lei de rei” era para os *sertanejos* “uma coisa do céu”, enquanto a República representava a “lei do diabo”.⁸¹ O saudosismo monárquico existente entre os moradores daquele local estava relacionado ao rompimento do presente, este último representado, sobretudo, pelos poderes oligárquicos, governamentais e empresariais,

⁸¹ Cf. MONTEIRO, **Os errantes...**, p.109. Sobre esse assunto ver: AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. ESPIG, **A presença...** e GALLO, **O Contestado**: o sonho... e QUEIROZ, op. cit.

de forma que a monarquia que desejavam não era a do passado, mas a do futuro.

Em relação à questão que nos interessa para esse trabalho, Espig, ao se referir à noção de *sertão*, presente em diversas análises sobre o Movimento, critica o fato da generalização que ocorre nesses trabalhos quando são aplicadas as mesmas hipóteses para todo o território nacional, “igualando manifestações culturais, representações e imaginários de grupos humanos diferentes entre si”,⁸² não se considerando, portanto, especificidades sociais e culturais. Neste sentido, observar os olhares que se voltaram para o Contestado legitimando a ideia de *sertão* para essa parte do território brasileiro torna-se fundamental para compreendermos alguns rumos tomados pelas narrativas que pensaram a nacionalidade.

Muito mais que uma questão de luta pela terra, como muitos já afirmaram, o Movimento do Contestado foi uma resposta da população local às transformações que ocorreram na virada do século XIX para o XX, tanto nas relações pessoais – de fidelidade entre coronéis, agregados e posseiros – como nas mudanças que se operaram a nível nacional, nos poderes estaduais e regionais, nos círculos do poder político, administrativo e econômico, onde as oligarquias tornaram-se mais poderosas em detrimento dos pequenos chefes locais.⁸³

Alguns autores, ressaltando essas transformações, atribuíram o Movimento do Contestado à inserção da modernidade no Brasil. Esta foi a tese central do trabalho de Susan de Oliveira, chamado

⁸² ESPIG, **A presença...**, p.18.

⁸³ MONTEIRO, Um confronto..., pp.38-92.

Contestado: *visões e projeções da modernidade*.⁸⁴ Nesta obra, a autora aborda aspectos relacionados ao imaginário moderno, buscando as principais representações que permearam a compreensão sobre o Contestado durante a primeira metade do século XX.⁸⁵

Susan de Oliveira foi a autora que mais detalhadamente observou aspectos referentes ao imaginário desse período em sua relação com o pensamento social voltado para os movimentos rurais. Ao referir-se a Canudos, afirma que este evento significou uma experiência apreendida pela intelectualidade urbana em relação à forma como as populações nativas se defrontaram com a modernidade. Constituinto um vasto campo de referências, inúmeras imagens e interpretações foram elaboradas por esse movimento paradigmático, principalmente por meio da figura de Euclides da Cunha e de sua obra *Os Sertões*.⁸⁶

A autora reflete a respeito da produção de imagens/textos que surgiram posteriormente a Canudos, indicando que no caso do Contestado também houve uma disseminação como memória, propiciada por meio da criação de textos acadêmicos, institucionais, orais, poéticos, iconográficos, entre outros. Nesse ponto, discordamos da autora, pois, se houve uma busca pela construção de uma memória sobre o evento, ela ficou restrita ao estado catarinense. No Paraná, por exemplo, não encontramos essa proliferação de textos/imagens referentes ao Contestado, a não ser pela existência de alguns romances históricos

⁸⁴ OLIVEIRA, **Contestado...**

⁸⁵ Embora esse texto seja rico no sentido de fornecer os elementos que estiveram presentes no imaginário moderno do período, a autora peca ao analisar com os mesmos procedimentos obras científicas e de cunho ficcional e produzidas em épocas diferentes, além de cometer alguns erros relacionados a eventos datados como, por exemplo, quando considera que a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina foi a mesma que envolveu a Argentina.

⁸⁶ OLIVEIRA, **Contestado...**, p.85.

(incluindo uma peça de teatro) e de poucas referências acadêmicas.⁸⁷ Na capital paranaense, diferentemente do que ocorre em Santa Catarina, não prevaleceu uma memória do conflito, nem por meio de uma poética popular, nem mesmo em nível de senso comum.

A autora também aponta aspectos relevantes quanto à importância atribuída à figura euclidiana pelos narradores do Contestado, enfatizando que a comparação com Canudos teria transformado a Guerra do Contestado “em um episódio menor nas páginas da historiografia brasileira. (...) Ler o Contestado a partir da comparação com ‘Canudos’ tem se constituído, muitas vezes, num movimento mimético de argumentação do fanatismo religioso, numa mera repetição da história como determinante do *ethos sertanejo*”.⁸⁸ É sobre esse movimento e as suas especificidades que trataremos nos próximos capítulos, buscando mostrar alguns olhares que tentaram encontrar Euclides da Cunha onde ele não esteve e que procuraram Canudos, onde existia o Contestado.

A presença euclidiana entre os narradores da nacionalidade também é apontada por Marilene Weinhardt no sentido de sempre estar presente nas análises que se concentram em confrontos entre a *civilização* e a *barbárie*. A obra *Os Sertões*, na opinião desta autora, evidencia a hegemonia do discurso em detrimento do fato e, se por um lado ele ilumina, “indicando o caminho da denúncia quanto ao caráter destruidor da

⁸⁷ Segundo Marilene Weinhardt, pairou um silêncio referente aos romances literários que tiveram o Movimento do Contestado como temática principal. Muitas vezes injustificado, na opinião de Weinhardt, esse silêncio demonstra que “a consciência sobre os ‘crimes da nacionalidade’ é perversa a ponto de não permitir que suas figuras atinjam proporções de atos culturais perturbadores”. WEINHARDT, op. cit., pp.16-18.

⁸⁸ OLIVEIRA, *Contestado...*, pp.87-88.

ação civilizatória”, por outro, projeta sombra sobre alguns textos, inclusive aqueles referentes ao Movimento do Contestado.⁸⁹

No terceiro capítulo deste trabalho, concentraremos a análise nas narrativas militares e em sua relação com os elementos constitutivos do pensamento social do início do século XX. Para isso, dialogaremos com o trabalho de Rogério Rosa Rodrigues,⁹⁰ voltado para uma perspectiva de análise da participação militar no conflito, utilizando como fonte os livros e artigos publicados por esses indivíduos que estiveram presentes no palco dos acontecimentos. Rodrigues levanta questões importantes no que concerne ao modo de pensar e aos caminhos seguidos pelo Exército durante os combates entre *sertanejos* e forças militares, relacionando essas reflexões com as representações por eles erigidas ao narrarem o conflito.

Rodrigues ressalta ainda a mobilização dos símbolos empregados pelos militares e as tentativas destes de justificar a ação no *front*, tanto para a sociedade civil quanto para os próprios militares envolvidos na guerra. Rodrigues aponta também a importância da obra euclidiana, ao chamar a atenção para o fato das narrativas militares estarem inseridas no campo literário-político do início da República e marcarem, da mesma forma como os escritos intelectuais, a desilusão frente ao novo regime. Segundo este historiador, os militares que escreveram sobre sua atuação no Movimento do Contestado foram estimulados e inspirados por *Os Sertões*. Nestes discursos, Rodrigues

⁸⁹ WEINHARDT, op. cit., pp.16-17.

⁹⁰ RODRIGUES, Rogério Rosa. **Os sertões catarinenses: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado**. Santa Catarina, 2001. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

também identifica representações recorrentes, envolvendo concepções maniqueístas da sociedade brasileira, porém, detém sua atenção às agruras vivenciadas pelos soldados no palco do conflito e às dúvidas e incertezas que marcaram a ação militar.⁹¹

Partindo de uma abordagem diferente, acreditamos que as narrativas militares podem ser exploradas de forma mais específica em sua relação com o pensamento social do início do século XX e com as angústias dos intelectuais que pensaram o Brasil e os brasileiros nesse período.

2.3. Algumas hipóteses e uma proposta de pesquisa

A partir dos trabalhos comentados, percebemos que a mesma lógica de análise que serviu para a interpretação de Canudos também foi utilizada, em diversos momentos, para definir o Movimento do Contestado, bem como para caracterizar os seus participantes. Na manutenção dessa alteridade (*bárbaros versus civilizados*), os dois conflitos se encontram, como tantos outros que datam mais ou menos da mesma época. Apesar dessa aproximação, não podemos compará-los, uma vez que estão inscritos em um determinado lugar na história. São acontecimentos únicos, que envolveram pessoas de carne e osso. No entanto, eles se confundem em diversas narrativas, devido ao poder figurativo e, até certo ponto, autônomo que a obra euclidiana assumiu em relação ao Movimento de Canudos. Hipoteticamente acreditamos que essa circulação de imagens/representações difundidas pelo

⁹¹ Ibidem, pp.29-35.

Os Sertões ocorreu, principalmente, devido ao fato do discurso euclidiano fortalecer noções que se tornaram ponto de partida para a compreensão do *brasileiro* por diversos pensadores sociais.

Muitos autores indicaram que o discurso euclidiano tornou-se hegemônico, figurando, muitas vezes, nas análises referentes a outros acontecimentos posteriores e diferentes de Canudos. Identificaremos em que medida as narrativas sobre o Contestado apreenderam os elementos constituintes da narrativa euclidiana e refletiremos a respeito da maneira como esse discurso esteve imbuído de valores correntes entre os narradores da nacionalidade, de forma geral. Para isso, uma análise detalhada dos termos recorrentes e das possibilidades de sua utilização nestes textos se faz necessária.

Os Sertões, como pensamento paradigmático, foi apreendido pelos narradores do Contestado, tornando-se parte de uma comunidade imaginária hegemônica e abrangente entre os intelectuais e a sociedade letrada do início do século XX. Auferimos a hipótese de que, nesta comunidade de imaginação, esses autores constituíram suas reflexões referentes ao conflito compartilhando não de uma leitura específica da obra euclidiana, mas de um pensamento onde determinadas categorias e posturas foram recorrentes e se consolidaram a partir da difusão e da eleição de *Os Sertões* como instrumento de crítica ao regime republicano.

Ao definir os habitantes do interior, diversos indivíduos demonstraram que não somente os homens do campo possuíam uma utopia. A utopia da modernidade se fez sentir por meio da repressão dirigida àqueles que com ela não concordavam. Essa repressão não se expressou somente por meio do ataque físico, através de armas, aviões e pólvora. Ela se fez sentir, principalmente, por meio das significações

imaginárias da sociedade, ou seja, na maneira de pensar o outro e a si mesmo. Conforme sugeriu Castoriadis, “as irrupções do mundo bruto serão signos de alguma coisa, interpretados e exorcizados. (...) Os outros serão colocados como estranhos, selvagens, ímpios...”.⁹²

Destituindo o caráter político de sua fala, de suas ações e, fundamentalmente, de suas crenças e objetivos, o imaginário republicano definiu o outro, bem como o lugar que o caracterizou como tal. Resta-nos indagar: quais foram os grupos que criaram essas representações? São elas homogêneas ou cada um construiu uma *verdade* singular às outras? Qual a posição ocupada por aqueles que definiram o homem e o lugar do Contestado? O *sertão* do Contestado, tantas vezes mencionado nos textos sobre o Movimento, pode ser igualado aos outros *sertões* brasileiros? Conhecer os caminhos seguidos por essas narrativas significa compreender, principalmente, a forma como se construiu uma memória coletiva sobre o conflito e seus participantes, bem como as representações que colocaram em lugares opostos letrados e iletrados, *civilização e barbárie*.

As próximas páginas servem ao propósito de descortinar essas relações, evidenciando os vínculos das narrativas sobre o Contestado com o pensamento social das primeiras décadas do século XX.

⁹² CASTORIADIS, **As encruzilhadas...**, p.130.

3

REPRESENTAÇÕES SOBRE O CONTESTADO NA IMPRENSA REGIONAL

3.1. Os periódicos no início do século XX: o lugar da imprensa

Entre as diversas representações elaboradas durante a segunda década do século XX sobre o Movimento do Contestado, merecem destaque àquelas que surgiram nas páginas da imprensa escrita diária de Curitiba, particularmente no *Diário da Tarde*. Orientados pela necessidade de construção de uma identidade regional – no momento em que os estados brasileiros adotavam a descentralização administrativa – e impulsionados pela nova ordem republicana, os jornalistas desse periódico construíram uma imagem do conflito, orientados por valores presentes no pensamento social que informou grande parte dos intelectuais da época, mas também por questões de cunho local.⁹³

Conforme o estudo de Luis Fernando Pereira, os intelectuais paranaenses da I República alimentavam ideais positivistas, cientificistas e anticlericais, com a intenção de promover uma modernização conservadora, apoiados por uma história de tendência messiânica conduzida pelos grandes homens. Será que esses elementos também estiveram presentes nas representações sobre o Contestado? Quais foram as noções que orientaram a construção discursiva no *Diário da Tarde* e que deram forma à ideia desse conflito? Quais foram as categorias recorrentes e os interesses assumidos por aqueles que escreveram sobre o tema? Em que medida as reflexões que orientaram as representações

⁹³ Conforme Luis Fernando Pereira, apesar das elites sociais brasileiras defenderem a instauração Republicana, alguns elementos foram característicos de determinados estados. O Rio Grande do Sul, a título de exemplo, adotou o republicanismo doutrinário, excluindo os elementos centrais do positivismo. Ver: PEREIRA, **Paranismo...**, op. cit., pp.22-26.

sobre o Contestado no *Diário de Tarde* fizeram parte de uma comunidade de imaginação presente na sociedade brasileira? Até que ponto essas análises estiveram pautadas na necessidade de constituição da nação brasileira? Orientados por esses questionamentos, analisaremos as notícias referentes ao Movimento do Contestado no *Diário da Tarde*. Entretanto, primeiramente, é necessário refletir acerca do papel da imprensa do início do século XX e dos cuidados metodológicos fundamentais para o seu estudo.

Ao iniciarmos a pesquisa sobre o Movimento do Contestado nos surpreendeu o fato de não existir um número considerável de trabalhos acadêmicos sobre o tema em uma capital que contou com um jornal tão *proselitista* como o *Diário da Tarde*, no que se refere à publicação, comentários e informações representando o conflito e às tensões geradas pela questão de limites territoriais. O Contestado foi um assunto que obteve um lugar especial nas páginas desse periódico, um dos principais do estado paranaense na década de 1910.

Nessa época, a imprensa escrita diária constituía o mais importante e eficiente meio de comunicação e divulgação de notícias, não somente no Brasil, mas em todo o ocidente.⁹⁴ Ao analisar diversos periódicos cariocas e baianos que circularam nos primeiros anos do

⁹⁴ Segundo o estudo realizado por Walnice Nogueira GALVÃO, durante o século XIX circularam, somente no Rio de Janeiro, em torno de dois mil periódicos. Ver GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais. 4ª expedição*. São Paulo: Ática, 1994, p.15. Celeste Cordeiro também apontou a importância da imprensa na segunda metade do XIX e levantou números relevantes quanto à circulação de periódicos no Ceará. Ver: CORDEIRO, Celeste. *O Brasil vira manchete: o papel da imprensa na formação do Brasil moderno*. **Revista de Ciências Sociais**, Ceará, v. 29, nº 1/2, pp.84-91, 1998, p.85.

período republicano, Walnice Nogueira Galvão concluiu que existiam, proporcionalmente à população, mais jornais do que atualmente.⁹⁵

A imprensa escrita caracterizou-se por um posicionamento explicitamente formador de opinião e emitia notícias carregadas de pareceres apaixonados e sensacionalistas, evidenciando-se como agente “de autonomização moral da sociedade e de formação do povo como novo sujeito político”.⁹⁶ Segundo Celeste Cordeiro, isso ocorreu porque no início do período republicano os periódicos se fortaleceram como responsáveis pela divulgação de propostas e ideias políticas relacionadas à liberalização do Estado. Os jornais, assim como os livros, foram considerados, por aqueles que pensaram a nação e os brasileiros, condutores do iluminismo e do combate ao obscurantismo religioso.⁹⁷ Devemos ter em mente que esse também foi um momento no qual escritores e leitores abraçavam a tese da necessidade nacional de alcançar o *progresso e a civilização*.

De forma geral, as narrativas presentes nesses periódicos poderiam seguir a linha do suspense, da ironia, da galhofa ou da agressão política e da indignação. Conforme apontou Galvão “sendo, como foi, de enorme importância informativa, o jornal desse tempo suscita no leitor de hoje a opinião de que tudo, mas *tudo*, se passa nas páginas dele. E não só se passa como se cria, sejam incidentes, intrigas ou até

⁹⁵ Ibidem, p.16.

⁹⁶ CORDEIRO, op. cit., p.84. Ver também ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, nº 2, pp.269-289, dez. 1998, p.271.

⁹⁷ Ibidem, p.86.

mesmo conseqüências”.⁹⁸ No caso do Movimento do Contestado, essa questão se torna evidente. Qualquer acontecimento ou informação recebida e publicada pelo *Diário da Tarde* sobre a questão de limites ou sobre o conflito transformava-se em um pretexto para atacar e culpar os representantes políticos catarinenses e nacionais. Esse fator certamente dificulta a utilização desse material como fonte única na pesquisa sobre o conflito, pois, sem os devidos cuidados metodológicos, estaríamos correndo o risco de apreender somente uma visão dos acontecimentos. Em relação ao *Diário da Tarde*, devemos considerar ainda alguns elementos importantes quando se trata da análise desse documento.

Do ponto de vista material, um item que chama a atenção de um leitor do século XXI refere-se às imagens. No período em que pesquisamos, elas somente eram utilizadas como recurso em momentos de grande comoção nacional ou mediante um importante acontecimento, conforme o julgamento dos editores. Esse fator é importante na medida em que as poucas imagens que encontramos durante o tempo correspondente à duração do Movimento referem-se a este evento. Portanto, perceber os elementos que, eventualmente, puderam ser utilizados nas representações dos atores sociais envolvidos no conflito significa a possibilidade de abarcarmos uma quantidade maior de argumentos demonstrando a forma como o *Diário da Tarde* se posicionou em relação a ele, buscando definições e classificações de seu grupo e dos

⁹⁸ GALVÃO, op. cit., p.18. [grifo da autora]. Apesar de Walnice Nogueira Galvão analisar os periódicos que circularam duas décadas antes do período com o qual trabalhamos, consideramos que diversas questões que apontou podem ser utilizadas para tecermos considerações metodológicas quanto ao uso dessa fonte.

demais. Significa, também, apontar a importância que tal evento teve para a imprensa regional daquela época.

Apesar das dificuldades quanto ao manuseio e leitura desses jornais,⁹⁹ para o historiador eles constituem uma importante fonte de pesquisa. Além de sua periodicidade, também trazem referências cronológicas, indicativos de memória e informações sobre outros acontecimentos. Podemos considerá-lo, de certa forma, como um “arquivo do cotidiano”,¹⁰⁰ o que não significa que os textos e a visão de mundo que o orienta devam ser tomados, pelo pesquisador, como expressão da verdade. De forma geral, diversas considerações de ordem metodológica devem ser observadas ao nos debruçarmos sobre essa fonte, como o cruzamento com outros documentos de época e com a bibliografia pertinente ao tema, buscando perceber o discurso implícito em suas páginas. Também se torna indispensável, além desses itens, tentar desvendar o posicionamento político e ideológico evidenciado nas notícias que os jornais dirigiam ao público.¹⁰¹

Uma vez que são os homens que conferem sentido às letras articuladas nas páginas dos periódicos, os valores e crenças presentes na sociedade é que informam seus idealizadores ao elaborarem uma visão de mundo, impressa nas notícias na forma da escrita, dos

⁹⁹ A dificuldade quanto à leitura é ocasionada tanto pelo tamanho da folha como pela estreiteza, quantidade de colunas e tamanho das letras. O texto era composto de forma artesanal, não existindo equipes de revisores, fator este também prejudicial à leitura, pois as trocas de letras, palavras ou até frases inteiras era constante. Marilene Weinhardt aponta questões referentes a essas dificuldades para o *Diário da Tarde*, op. cit., p.28.

¹⁰⁰ ESPIG, O uso..., p.274.

¹⁰¹ Márcia Janete Espig tece importantes considerações quanto à utilização de periódicos para a pesquisa histórica, priorizando o caso da história cultural e do Movimento do Contestado. *Ibidem*, p.288.

argumentos e da construção imagética a respeito de diversos fatos e atores sociais. Como um livro que narra uma história de ficção, os jornais dessa época elaboravam representações de seus personagens, atribuindo-lhes ações, sentimentos e desejos. Enfim, concedendo sentido às informações veiculadas, relacionando-as aos valores e crenças presentes no grupo para o qual escreviam. Não se pautando nessas premissas, estaria fadado ao fracasso editorial. Por este motivo, observar os periódicos levando em consideração que eles fazem parte do imaginário do período no qual foram produzidos é fundamental, pois esse imaginário informava tanto aqueles que escreviam as notícias como os seus leitores, constituindo a mesma comunidade de imaginação.

Dessa forma, a imprensa escrita diária não pode ser compreendida como um documento isolado ou como portadora de uma verdade irrestrita, pois são os indivíduos que, ao interpretarem ou se apropriarem das representações contidas em suas páginas, lhe conferem sentido, assumindo, repudiando ou recriando significações a partir das imagens veiculadas e construídas através deste meio de comunicação. Por outro lado, “as mensagens enunciadas por um jornal se inserem – ou lutam para se inserir – no imaginário social presente em determinada época”,¹⁰² característica esta importante para um periódico que pretendia ser vendido e lido pela população. Nesse sentido, acreditamos que a análise do *Diário da Tarde* possibilitará percebermos alguns elementos do imaginário social presente na sociedade paranaense e nacional durante os anos do Movimento do Contestado.

Outro cuidado fundamental em relação à utilização dos jornais como fonte histórica diz respeito às possibilidades de leitura, ou

¹⁰² ESPIG, O uso..., p.276.

seja, aos seus possíveis leitores. Uma vez que a imprensa dessa época era formadora de opinião, porta-voz do senso-comum e refletia as dúvidas e angústias da sociedade brasileira,¹⁰³ resta-nos indagar sobre a parcela da população que ela informava. Existe certa unanimidade da parte dos pesquisadores desse período quanto à opinião sobre a parcela da população que tinha acesso a esses textos. Segundo esses autores, os jornais constituíram um importante veículo de informações, tornando-se comum no cotidiano dos habitantes do meio urbano:¹⁰⁴ “A leitura diária dos jornais constitui comportamento habitual entre a classe proprietária e a nascente classe média, formada por funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais etc.”.¹⁰⁵ Levando em consideração que, no início do século XX, o número de analfabetos excedia o de leitores, o público alvo era essencialmente uma elite letrada, em sua maioria residente nas capitais e com acesso à imprensa escrita, “um habitante de local ‘civilizado’, portador de uma cultura superior que o tornava um cliente bastante distinto”.¹⁰⁶

Embora saber ao certo quais foram os leitores do *Diário da Tarde* durante a primeira década do século XX seja uma tarefa muito difícil, para não dizer impossível, gostaríamos de traçar algumas considerações quanto aos possíveis (e não ideais) leitores. Partindo da ideia de Roger Chartier, de que a construção de sentido é determinada por um conjunto de variações que permitem, mediante um trabalho interdisciplinar, “descrever rigorosamente os dispositivos materiais e formais pelos quais os textos atingem os leitores”,¹⁰⁷ apontamos que

¹⁰³ Cf. GALVÃO, *No calor...*, p. 18 e WEINHARDT, *op. cit.*, p.20.

¹⁰⁴ Cf. CORDEIRO, *op. cit.*, p.85 e ESPIG, *O uso...*, pp.276-277.

¹⁰⁵ CORDEIRO, *op. cit.*, p.85.

¹⁰⁶ ESPIG, *O uso...*, p.277.

¹⁰⁷ CHARTIER, *O mundo...*, p.179.

as práticas de leitura dessa época, principalmente relacionadas aos periódicos, não podem ser indistintamente atribuídas somente aos moradores da capital, uma vez que no interior também circulavam jornais.

Inferimos essa hipótese considerando que em Curitiba, ¹⁰⁸ por exemplo, era publicado um jornal intitulado *O trabalho*, de propriedade de Francisco Ferreira de Albuquerque, importante chefe local. Obviamente, o jornal servia aos interesses desse político e do seu partido. O que é importante percebermos aqui é que mesmo no interior circulavam periódicos locais que, se não eram lidos por uma grande parcela da população, possivelmente eram apreendidos por meio da audição, transmitida por pessoas que comentavam a respeito das notícias.

Citamos ainda como exemplo Antonio Tavares Júnior, um dos líderes de reduto que, antes de mudar-se para Canoinhas, foi poeta. Durante o conflito ele estabeleceu comunicação com as forças oficiais por meio de correspondências. Portanto, por mais que o número de analfabetos excedesse o de leitores, houve circulação de informações. Certamente elas poderiam chegar deturpadas, pois passavam pelo filtro de outros leitores ou informantes.

Não nos compete aqui, e nem é o objetivo desse trabalho, realizar uma história das práticas de leitura, entretanto, ao nos referirmos aos *sertanejos*, não podemos assumir a representação que vingou no início do século XX e que permaneceu durante tanto tempo – considerando os moradores do interior rústicos, analfabetos e ignorantes,

¹⁰⁸ Curitiba foi um dos principais municípios de atividade dos rebeldes durante o Movimento.

como se vivessem em uma ilha, isolados dos acontecimentos que atingiam o país.¹⁰⁹

Apesar dessas questões, concordamos com a vertente que enfatiza a ideia de um público alvo a quem interessaria conduzir informações, opiniões e pareceres, conquistando assim a sua adesão, de forma que “não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido)”,¹¹⁰ ou seja, o imaginário veiculado nas ideias do jornal – neste caso do *Diário da Tarde* – ia ao encontro das noções presentes no imaginário do público leitor, pelo menos em sua maioria, pois caso não houvesse aceitação da opinião pública quanto às matérias que publicava, os editores continuariam levando-as adiante? Seu sucesso editorial não estava vinculado a uma boa recepção por parte do público?

Partindo dessas questões, nos propomos a realizar uma análise das representações que fizeram parte das notícias e ideias veiculadas no *Diário da Tarde*, especificamente aquelas que informaram sobre o Movimento do Contestado.

¹⁰⁹ Talvez o maior exemplo de que os moradores do interior praticavam a leitura seja o fato de terem assumido a representação dos Doze Pares de França, influenciados pela apropriação do livro História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França.

¹¹⁰ CHARTIER, O mundo..., p.182.

3.2. O *Diário da Tarde*

O *Diário da Tarde* foi um jornal de composição liberal¹¹¹ e oposição ao governo federal, do qual guardava relativa autonomia. Durante os anos que pesquisamos mostrou-se bastante regionalista ao defender os interesses do Paraná. Suas publicações seguiam uma tendência sensacionalista, apaixonada e irônica, questão que como já vimos era comum na imprensa escrita brasileira no início do século XX.¹¹² Da mesma forma, as notícias referentes à política, à administração pública e ao policiamento das ruas seguiam essa linha editorial.

Durante os anos de 1912 a 1916, encontramos no *Diário da Tarde* as mais variadas informações, desde notícias sobre a Alemanha até o desenvolvimento da economia do mate no estado, avisos de suicídios, prisões, acidentes e a publicação de textos literários como poemas e folhetins. O jornal também contava com uma coluna destinada à publicação de telégrafos recebidos de diversas capitais brasileiras e de países europeus. Também eram publicadas informações sobre a vida cultural do Estado, como avisos de bodas, festas, comemorações, aniversários, além de sessões dedicadas a propagandas de remédios, roupas, escolas... Enfim, uma grande variedade de assuntos.

¹¹¹ Cf. RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo, 1985, 264 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p.23.

¹¹² Segundo Ribeiro, o *Diário da Tarde* tinha “em sua linha editorial a preocupação com as notícias inéditas (o furo) e com certo sensacionalismo – pouco comum na imprensa local acostumada com transcrições de jornais do Rio”. Idem.

As notícias consideradas mais importantes eram editadas em primeira página. As informações culturais, os telégrafos e outras notícias secundárias se localizavam, geralmente, nas próximas duas páginas. Existia ainda uma quarta e quinta página, destinadas à propaganda de produtos, lojas e profissionais especializados.¹¹³

As informações eram obtidas, principalmente, por meio de telegramas que chegavam diariamente de outros estados ou países. Para o Contestado, além desse meio, foi comum a existência de mensageiros, pessoas enviadas ao local para tentar pacificar os sertanejos ou somente com o intuito de obter notícias referentes aos últimos eventos. Qualquer pessoa que passasse pela região, fosse comerciante ou viajante, era requisitado a dar seu testemunho sobre os acontecimentos presenciados.

No entanto, não podemos compreender essas informações como uma fonte precisa da realidade. Como já dissemos, utilizamos esse documento como uma representação sobre o Movimento que, como tantas outras, tentou se impor, fazendo prevalecer suas ideias e valores sobre as demais representações, articulando uma linguagem simbólica na construção de imagens sobre os seus inimigos e sobre si própria.

Devemos levar em consideração que, durante o período pesquisado, o *Diário da Tarde* foi publicado diariamente. Outra questão importante se refere ao fato deste periódico editar, desde o início do conflito até o seu término, notícias diárias a respeito do Movimento do Contestado, muitas vezes ocupando páginas inteiras, principalmente a

¹¹³ Essa divisão por páginas sofre algumas alterações durante o período pesquisado. No entanto, as notícias consideradas de maior relevância pelo jornal continuaram sendo publicadas em primeira página.

primeira folha. Esses itens, embora não nos permitam verificar quem eram os leitores do *Diário da Tarde*, ao menos nos possibilitam afirmar que o seu discurso fazia sentido e, mesmo, possibilitava a vinculação de identidade entre seus leitores, uma vez que a publicação era contínua e os títulos recorrentes. Assim observamos, por exemplo, durante a primeira fase do Movimento, chamadas que se repetiam diariamente, buscando atingir a curiosidade do leitor, visto ainda não existirem informações precisas sobre os acontecimentos. “Um novo Canudos?” era a forma habitual de se referirem – durante esse início ainda incerto – ao que viria a ser o conflito.¹¹⁴

Seguindo essa perspectiva, as notícias referentes ao Contestado sempre apareciam em tom alarmista: “Um novo Canudos? Os fanáticos chefiados pelo monge João Maria – O movimento alastra-se – A atitude do governo federal – Mobilização de forças do Exército – Estão prontos 25 canhões – Os fanáticos armam-se, abandonando as casas e a família”.¹¹⁵ Esta chamada esteve no cabeçalho da segunda notícia sobre o conflito. Inicialmente, a reunião dos moradores do interior catarinense foi comparada com o Movimento de Canudos; depois, o periódico afirmou que este se alastrava e, em seguida, comentou a respeito da mobilização das forças do Exército e da seleção das armas. O sensacionalismo leva a crer que realmente existia um grande conflito ocorrendo.

¹¹⁴ **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de setembro de 1912, nº 4182, p.1, c. 6-7 e números seguintes.

¹¹⁵ **Diário da Tarde**, Curitiba, 26 de setembro de 1912, nº 4183, p.1, c. 5-6.

A partir da segunda fase do Movimento, em 1913, as chamadas ocorrem por meio da designação do local onde os sertanejos se reuniam para a construção de sua Cidade Santa. “Successos do Taquarussú” e, posteriormente, “Os successos de Caraguatá”¹¹⁶ eram expressões que indicavam o local dos redutos e poderiam vir acompanhadas de outras chamadas mais explicativas: “Os successos de Caraguatá: o único responsável pelas victimas de Taquarussú é o governador do estado”.¹¹⁷ O título adiantava o que seria apresentado no decorrer da notícia. O leitor que acompanhava o periódico, ao ler a chamada, relacionava o conflito ao governo catarinense, uma vez que o discurso do *Diário da Tarde* se prolongava na ideia de responsabilizar o estado vizinho pela reunião da “massa inconsciente dos míseros amotinados”.¹¹⁸ A partir de 1915, quando o Movimento começou a ser controlado pelas forças militares, os títulos das chamadas tornaram-se mais variados: “Fanáticos e bandoleiros”, “O último reducto” ou “Os bandoleiros submettem-se”.¹¹⁹

O leitor habitual, ao se defrontar com estes títulos, já saberia o assunto do qual ele tratava, como se estivesse seguindo os capítulos de uma longa novela. As chamadas eram expressivas e orientavam o leitor, criando uma representação não somente das características do Movimento e dos seus personagens, mas, principalmente, do papel do *Diário da Tarde* nesta empreitada, o qual evidenciava a necessidade de formar uma identidade regional. Expressões como “Pela humanidade”,

¹¹⁶ Taquaruçu também aparece no *Diário da Tarde* e em outras fontes como Taquarussú. Da mesma forma, Caraguatá pode aparecer como Gratoatá ou Caragoatá.

¹¹⁷ **Diário da Tarde**, Curitiba, 30 de março de 1914, nº 4649, p.4, c. 3-4.

¹¹⁸ **Diário da Tarde**, Curitiba, 26 de dezembro de 1913, nº 4571, p.4, c. 1-2.

¹¹⁹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 de janeiro de 1915, nº 4983, p.1, c. 4 e números seguintes.

“Pela verdade”; “Basta de sangue” ou ainda “A odisséia de um pacificador” demonstram a autoridade do discurso proferido por aqueles que moravam na capital. As representações assumidas pelo *Diário da Tarde* demonstram a possibilidade não somente de classificar o outro, mas também a forma como este grupo designou uma representação de si, distribuindo as posições sociais, construindo o que Baczko definiu como “código do bom comportamento”,¹²⁰ por meio da defesa de pacificação do conflito. Assumindo o papel considerado ideal pelos ditos civilizados, esse discurso evidencia ainda a maneira como “o imaginário social elaborado e consolidado por uma colectividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais”.¹²¹ Existiria uma melhor forma de legitimar o discurso se não defendendo a pacificação e se isentando das responsabilidades quanto ao conflito?

As notícias criavam um clima de expectativa. Tanto em relação ao desfecho da história, como em relação à ameaça que causava à própria capital curitibana. Ao informar acerca dos acontecimentos, o *Diário da Tarde* veiculava em seus textos sobre o conflito um apelo a um determinado comportamento, a uma ação. Propiciava e criava um clima onde o leitor se entregava à notícia e também aos valores e ideias que ela trazia consigo. Ao ler, ele se identificava com o discurso proferido pelo periódico, afinal de contas, o jornal se apresentava como defensor dos interesses do Paraná. Caso contrário, como poderíamos explicar a continuidade tão recorrente das notícias relativas ao Movimento do Contestado?¹²²

¹²⁰ Cf. BACZKO, op. cit., p.309.

¹²¹ Ibidem, p.309.

¹²² Essas questões também são apontadas por Marilene WEINHARDT, op. cit., p.30.

3.2.1 O Movimento do Contestado no *Diário da Tarde*

Discordamos de Paulo Pinheiro Machado quando este afirma que “a imprensa se revelou uma fonte muito pobre sobre o conflito”.¹²³ Para este autor, os jornais indicaram a visão das elites econômicas e políticas e da intelectualidade, preocupando-se muito mais em publicar notícias e opiniões referentes à questão de limites. Para o nosso trabalho, o fato dos jornais se mostrarem reveladores da forma de pensar dos moradores das capitais bastaria. No entanto, consideramos importante apontar que, ao menos no caso do *Diário da Tarde*, é possível observarmos alguns aspectos referentes ao universo cultural e às práticas dos sertanejos, principalmente quando encontramos notícias que demonstram curiosidade frente à forma de vida e atitudes do grupo rebelde. As representações edificadas sob esses discursos denotam uma forma eficaz de articular uma identidade e definir os papéis sociais.

O *Diário da Tarde* não se preocupou somente em relatar os acontecimentos, como chegou a enviar jornalistas ao local para obter informações, além de acompanhar as investidas do deputado Correia DeFreitas, um importante político paranaense que percorreu a região conflagrada buscando apaziguar os rebeldes, visitando os redutos com o intuito de convencer os sertanejos a dispersar, oferecendo em troca garantias de vida e assentamento.

Por meio desses discursos, que tornam o imaginário social inteligível e comunicável, observaremos algumas construções referentes aos participantes do Movimento, ao local onde ocorreu o conflito, bem como à identidade que o jornal conferiu aos seus pares, nomeando a si próprio e ao outro.

¹²³ MACHADO, op. cit., p.35.

3.2.1.1. “O brilhante ornamento do Exército brasileiro”

Este item do trabalho tem por objetivo realizar uma reflexão sobre as representações criadas pela imprensa paranaense acerca do militar João Gualberto e de sua participação no conflito. O início do Movimento do Contestado está relacionado à sua ação como comandante das tropas enviadas ao local para dispersar José Maria e seus adeptos. Por meio da construção de imagens sobre os militares e seus inimigos, percebemos que o *Diário da Tarde* assumiu um discurso dualista, onde prevaleceu a ideia de bons e maus, forma encontrada também para legitimar a repressão.

Conforme afirmamos no primeiro capítulo, a associação do Movimento do Contestado à questão de limites deve-se ao litígio territorial e ao fato de que o estopim do conflito foi ocasionado em território paranaense. As ações que desencadearam nesse fim tiveram início em setembro de 1912, quando um grupo de sertanejos comemorava em Taquaruçu, região de Campos Novos, em Santa Catarina, a festa de Bom Jesus. Contavam eles com a presença de uma figura bastante popular entre os habitantes do local, o monge José Maria.¹²⁴ Neste mesmo mês, o *Diário da Tarde* publicou uma informação recebida do Rio de Janeiro, na qual constava que o governador de Santa Catarina teria enviado um telegrama a um senador catarinense “...scientificando ter havido em Campos Novos uma grave sublevação com o intuito de

¹²⁴ A figura dos *monges* foi comum, durante esse período, no interior do sul brasileiro. Geralmente, eram indivíduos leigos que se tornavam peregrinos, adotando ou aceitando a denominação de *monge*. Fazia parte de suas atribuições realizar benzedimentos, rezas, curas milagrosas, dar conselhos e divulgar profecias relacionadas ao futuro da humanidade e dos moradores da região.

restaurar a monarquia”.¹²⁵ Imediatamente, o governo catarinense enviou forças para o local e conseguiu dispersar José Maria e seu grupo de adeptos, que seguiram em direção ao Irani, em Palmas, território contestado porém pertencente ao Paraná naquele período.¹²⁶

O *Diário da Tarde* passou a publicar notícias galhofeiras sobre o monge e seus adeptos, levando a crer que a tal proclamação monarquista não existia. Segundo o jornal, para salvaguardar os interesses do Paraná, um batalhão de oficiais paranaenses foi enviado à região. A incredulidade quanto a um movimento rebelde por parte dos jornalistas e dos militares é perceptível a partir das comunicações realizadas com a capital:

Alguém, do canto da barraca querendo desanuviar os nossos rostos perguntou: E o monge??

*Uma gargalhada estrondou e a pilherias, como foguetes em noite de S. João, crusaram-se no espaço acanhado da nossa “tenda de guerra”. Com as “piadas” a respeito do “heroico” proclamador da monarquia, que faz lembrar um personagem das “mil e uma noites”.*¹²⁷

¹²⁵ **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de setembro de 1912, nº 4182, p.1, c. 6-7.

¹²⁶ Existe um grande debate na bibliografia sobre o tema em relação à instauração da monarquia durante a festa do Bom Jesus, em 1912. A maioria dos autores defende a ideia, presente em algumas fontes do período, de que a proclamação monárquica somente existiu como tema de trova durante o festejo. Devido a artimanhas e conflitos políticos, o coronel Ferreira de Albuquerque, importante liderança local e compadre de Vidal Ramos, duas vezes governador de Santa Catarina, teria denunciado a festa como um movimento contrário à recém-instalada República, com o objetivo de caluniar seus inimigos. Ver: **ESPIG, A presença...**, pp.55-57; **QUEIROZ**, op. cit., p.88.

¹²⁷ **Diário da Tarde**, Curitiba, 10 de outubro, n 4195, pp.1, c. 3-4.

No periódico, ora se delegava a responsabilidade da proclamação à figura do *monge*, ora se enfatizava que o movimento não passava de um ardil catarinense para tomar o território contestado. No entanto, quando o grupo de José Maria entrou em território paranaense, a seriedade e a preocupação passaram a caracterizar as notícias, sendo prontamente organizada uma tropa do Regimento de Segurança, sob o comando do coronel João Gualberto, designada para ir ao local aprisionar os insurretos. Afinal, não se sabia o objetivo de tal invasão e cogitava-se na possibilidade de que o estado vizinho estivesse enviando pessoas às terras em litígio e que o “fanático” José Maria seria “mandatário dos catarinenses”.¹²⁸

No dia 22 de outubro de 1912, ocorreu o embate entre as forças do Regimento paranaense e o grupo de José Maria, no qual morreram o líder religioso e o comandante das tropas, João Gualberto, além de muitos *sertanejos* e militares: “Desses mortos, o único que havia sido identificado pelas autoridades paranaenses era o *monge*, cujo túmulo não tinha terra em cima e sim umas taboas, para elle facilmente ‘resuscitar’”.¹²⁹ Segundo diversos autores, relatos posteriores sobre esse primeiro conflito foram contados por *sertanejos*, segundo os quais José Maria não teria morrido, mas “desaparecido”, ou, então, teria saído de cena “fugindo pelas nuvens num cavalo”. A crença em sua ressurreição foi imediata à sua morte e o seu retorno profetizado para dali a um ano.¹³⁰

¹²⁸ **Diário da Tarde**, Curitiba, 19 de outubro de 1912, nº 4203, p.4, c. 2.

¹²⁹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 18 de novembro de 1912, nº 4228, p.1, c. 5-6.

¹³⁰ Apontamos a questão da morte do *monge* e a imediata crença em sua ressurreição visando mostrar que o sentido messiânico do Movimento teve início a partir desse acontecimento. Em nenhum momento a bibliografia sobre o tema ou as fontes indicam que para os *sertanejos* a morte do *monge* estivesse diretamente vinculada à questão de limites entre os dois Estados. Existem referências apontando a crítica dos habitantes da região contestada a alguns *coronéis* locais. Ao que parece, os futuros rebeldes ficaram ainda mais ressentidos com o chefe local de Curitiba, *coronel* Albuquerque, após a morte de José Maria.

Em setembro de 1913, na região de Taqurussú, algumas famílias voltaram a reunir-se, acreditando que o tempo de espera findava e que o monge em breve retornaria. Essa reunião não teve, pelo menos em seu núcleo inicial, relação direta com a questão de limites. José Maria quando fugira, durante a festa do Bom Jesus de Taquaruçu, não estava interessado nas terras paranaenses. Seus adeptos, quando se reuniram formando o primeiro reduto, um ano após a sua morte, também não reivindicaram naturalidade paranaense ou catarinense, mas sim a possibilidade de prepararem um lugar para o retorno de seu líder espiritual que traria a redenção e o tempo de felicidade que tanto almejavam.

Como observamos, a entrada de João Gualberto no conflito deu-se imediatamente à comunicação da presença de José Maria e de seu grupo na região de Palmas, no Paraná, durante a primeira quinzena de outubro de 1912. A imagem do militar já vinha sendo construída pela imprensa há algum tempo, fator que pode ser verificado por meio das diversas notas referentes ao seu comando no Tiro Rio Branco.¹³¹ No dia 11 de outubro de 1912, por exemplo, foi publicado um artigo em primeira página com o título “Coronel João Gualberto”. Além de parabenizá-lo pelo seu aniversário, o *Diário da Tarde* evidenciou a imagem que possuíam sobre o militar:

Soldado que honra o Exército Nacional, jornalista vigoroso, engenheiro de vasta competência, patriota abnegado, amigo dedicadíssimo, indivíduo que cultua as mais altas virtudes cívicas, chefe de família verdadeiramente modelar, o dr. João

¹³¹ O Tiro Rio Branco, foi uma sociedade criada por militares e João Gualberto foi seu presidente desde a fundação, em 1909.

*Gualberto é uma dessas raras figuras que se impôs (...) pela capacidade do trabalho e pelas fulgurações da sua inteligência.*¹³²

À frente do Tiro Rio Branco, João Gualberto obteve o primeiro lugar na parada militar de 7 de setembro, na Capital Federal, vitória que lhe conferiu popularidade entre os militares e políticos paranaenses. O governador deste estado, Carlos Cavalcanti, chegou a cotá-lo para prefeito de Curitiba, fator que desagradou os seus correligionários, sendo então nomeado Comandante do Regimento de Segurança do Estado do Paraná.¹³³

Na cobertura da viagem da tropa comandada por João Gualberto, a imprensa buscou ser o mais minuciosa possível, desde a organização para a partida até o momento do embarque, sempre tecendo considerações elogiosas quanto ao seu patriotismo e a sua organização.

Além do discurso escrito, podemos observar o envolvimento da população curitibana por meio da iconografia no momento em que a tropa comandada por João Gualberto embarcou em direção a União da Vitória.

¹³² **Diário da Tarde**. Curitiba, 11 de outubro de 1912, nº 4196, p.1, c. 4.

¹³³ Para uma biografia mais detalhada de João Gualberto ver: SÁ FILHO, João Gualberto Gomes de. No centenário de João Gualberto. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. XXV, pp.11-26, 1975.



Foto 1. Embarque da polícia para o Contestado, 1912. Artur Wischral. Acervo Museu Paranaense.

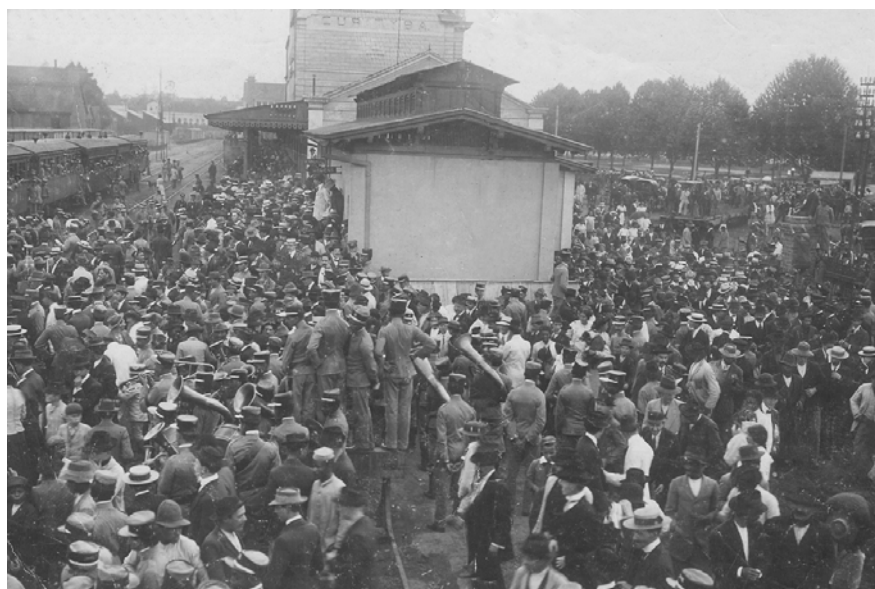


Foto 2. Visão geral do embarque da polícia para o Contestado, 1912. Artur Wischral. Acervo Museu Paranaense.

Diversas imagens foram produzidas mostrando o caminho percorrido pelos militares. Na última fotografia tirada de João Gualberto, a tropa partia de Porto União em direção a Palmas. É interessante observar a indumentária usada pelo grupo onde aparece, por exemplo, um soldado carregando um instrumento de sopro, responsável pelo anúncio da passagem dos militares, bem como os olhos atentos da população, a observar o *desfile* da tropa.



Foto 3. Última fotografia de João Gualberto ao partir de Porto União rumo a Palmas, 1912. Autor não identificado. Coleção de postais Júlia Wanderley. Casa da Memória, da Fundação Cultural de Curitiba.

Nas páginas do jornal, tinha-se a impressão, como bem apontou Marilene Weinhardt, que ninguém corria risco de vida nas tropas comandadas por João Gualberto.¹³⁴ O *Diário da Tarde* também

¹³⁴ WEINHARDT, op. cit., p.39.

buscou construir uma imagem positiva do governo paranaense, tomando como ponto principal o fato do então presidente, Carlos Cavalcanti, ter a iniciativa de enviar militares para o local onde se encontrava o grupo de José Maria.

Em 23 de outubro de 1912 foram publicadas, em primeira página, as notícias referentes à morte dos soldados da tropa paranaense, inclusive o comandante João Gualberto. A partir deste momento, o *Diário da Tarde* deu início a uma série de informações referentes ao embate, além da publicação de inúmeros telegramas de pêsames em nome do militar e dos demais "heróis" mortos no Irani.

As notícias editadas sobre esse acontecimento atribuía aos militares o papel de heróis em contraposição aos seus inimigos, considerados violentos e sanguinários. Uma série de artigos relativos aos mortos foi apresentada de forma dramática, sensacionalista, auxiliando na construção de uma memória coletiva e, principalmente, buscando demarcar os limites territoriais, regionais de sua identidade.

Pensar de que maneira a mídia constrói a imagem de determinadas figuras é também verificar como determinadas narrativas reconstroem trajetórias de vida, dramatizando e tornando a morte um espetáculo, possibilitando, dessa forma, a atribuição de significados àquele acontecimento, apontando elementos que se quer eleger como legítimos perante a nação. Lembrar o morto é invocar sua passagem pela vida na Terra, enfatizando seus atos e os fatos que mais marcaram sua existência. Durante vários dias, o *Diário da Tarde*, além de reconstituir toda a trajetória das tropas antes do embate, invocou a tristeza e o respeito do povo curitibano frente ao heroísmo daqueles que morreram em nome da pátria, especialmente João Gualberto:

João Gualberto é um nome inolvidavel, principalmente para nos que aqui o tinhamos para cada instante, dando-nos os seus bellos conselhos, que eram ouvidos com todo o acatamento, auxiliando-nos com as figurações da sua intelligencia, pondo a cada instante em destaque a sua (?) capacidade jornalística.

É um nome inolvidavel para o Paraná e para a República, que elle sonha engrandecer com o seu (?) sentimento civico, a sua cultura mental e de guerreiro que até a hora suprema de eshalar o ultimo suspiro, manteve, em dessassombro sem par, essa linha de bravura inaudita, batendo-se desesperadamente no cumprimento do dever. (...)

Não. Os heroes são assim. A vida é nada quando se tem a defender um nome que é um symbolo de virtudes civicas.

O bravo João Gualberto o comprehendeu. Depois de entrar na luta, fosse qual fosse o inimigo, elle daria todo o seu sangue, o seu derradeiro alento, para conseguir a victoria, ou cahiria conservando immaculado aquelle nome que já não lhe pertencia, mas sim à terra que elle amava e par aqual queria morrer. (...)

Felizes os quem, como João Gualberto, cahem para a morte na convicção de que legam á Pátria e á família um nome que é toda uma história de honra, de bravura e de cultura civica.¹³⁵

O discurso referente à morte dos soldados pode ser compreendido como uma forma de articular a construção de uma identidade

¹³⁵ **Diário da Tarde**, Curitiba, 28 de outubro de 1912, nº 4210, p.1, c. 4.

regional a uma identidade nacional. "Entre os nossos bravos succumbiram o brioso militar, o brilhante ornamento do Exército nacional, coronel João Gualberto, que heroicamente caiu sobre a metralhadora que pessoalmente dirigia". Cabe lembrar que João Gualberto não era paranaense, mas sua atitude foi incansavelmente invocada como defensor da região. Conforme Olgária MATOS, "Herói ou instituições heróicas são fonte de *identificação imaginária* ou, em outras palavras, de *identidade coletiva*".¹³⁶ Dessa forma, utilizar a imagem do militar, atribuindo-lhe atitudes heroicas, tornou-se um fator importante para o Paraná naquele momento de disputa territorial.

Demonstrar que a população da capital se posicionou de forma solidária e mesmo indignada com os acontecimentos conferia legitimidade aos argumentos relacionados à morte dos militares, bem como possibilitava a continuidade da publicação de notícias sobre o conflito. Assim, divulgava o jornal:

O dia de ontem a população de Curitiba passou-o sob a impressão brutal dos tristes acontecimentos.

*A rua 15 de novembro, a sua principal arteria, desde pela manhã, logo que abaixamos na pedra as principais noticias, encheu-se de povo que se apresentava num misto de consternação e de revolta, ao mesmo tempo de orgulho pelo heroismo com que o bravo Regimento de Segurança, mais uma vez, mostrou à sua dedicação ao Estado e á República.*¹³⁷

¹³⁶ MATOS, Olgária. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 6, nº 1-2, pp.83-90, 1994, p.87. [grifo da autora].

¹³⁷ **Diário da Tarde**, Curitiba, 24 de outubro de 1912, nº 4207, p.1, c. 1-5.

A construção do biográfico pela imprensa escrita foi importante, pois atribuiu sentido à realidade em questão, ou seja, em um período de disputa entre os dois estados, no momento em que se buscava fortalecer ou mesmo construir uma identidade regional, essas tentativas de ressignificações em torno das imagens de homens ligados ao conflito foram fundamentais e, neste sentido, o papel exercido pelos meios de comunicação tornou-se de crucial importância para que a sociedade paranaense conseguisse articular uma identidade local à nacional. Podemos afirmar, portanto, que a mídia pode ser considerada como articuladora de experiências sociais, "contribuindo para a afirmação e a emergência de identidades, alteridades e territorialidades".¹³⁸

¹³⁸ RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 12, nº 1, pp.201-218, mai. 2000, p.204.



Foto 4. Capa do Diário da Tarde referente à morte de João Gualberto, impressa em cetim, 1912. Acervo Museu Paranaense.

Desde as primeiras notícias sobre o conflito, o *Diário da Tarde* edificou a imagem dos soldados que morreram no conflito. Utilizando as noções de patriotismo, de civismo e de dedicação, o *Diário da Tarde* elaborou uma representação onde os militares foram apresentados como homens perfeitos, capazes de abdicar de si próprios em nome da nação. O imaginário – neste caso o imaginário republicano, a partir do qual os indivíduos letrados se consideravam condutores da ordem e do progresso – iluminou o fenômeno político, produzindo efeitos, transmitindo valores, direcionando à noção de bem e mal, certo e errado.

A atribuição de heroísmo a João Gualberto e a dramatização em torno de sua morte estiveram presentes nas notícias desde o combate do Irani até o dia em que o seu corpo chegou em Curitiba para ser velado e recebido em cortejo fúnebre. Neste momento, a morte realmente se tornou uma festa. Foi criado todo um aparato para o recebimento do corpo. O clima de comoção emitido pelo *Diário da Tarde* com a chegada do militar morto pelos sertanejos foi enorme. Em suas páginas, foram reportados aspectos da biografia do morto, lembrando seus principais feitos enquanto vivo. Nas ruas da cidade diversos recursos foram utilizados para homenageá-lo. A teatralização da morte foi posta em cena. Para que a plateia pudesse contemplá-la, o itinerário do cortejo fúnebre percorreu as principais ruas da capital.



Foto 5. Enterro de João Gualberto: Rua XV de Novembro, 1912. Autor não identificado. Acervo Museu Paranaense.

Lembrando uma parada militar, seguiram, junto ao caixão, diversos grupos, como escolas, associações, o Tiro Rio Branco e carros com coroas. Todos entoando marchas fúnebres. O jornal descreveu o cortejo tal como aparece nas imagens que seguem. As ruas estavam tomadas pela multidão, controladas por um cordão de isolamento humano. As sacadas dos prédios repletas de pessoas. O carro que trazia o corpo estava ornamentado com coroas, tudo ao estilo Luiz XV, inclusive

a vestimenta dos cocheiros que os conduzia. As referências às lágrimas das mulheres, as ladainhas saudosas entoadas em homenagem aos mortos e os depoimentos de pessoas transtornadas com os acontecimentos foram constantes. A presença de homens ilustres, convidados a discursar em homenagem ao morto, faziam parte de todo o aparato. Esses elementos foram fundamentais na construção da representação, do imaginário sobre a morte dos “resumidos defensores da honra do Paraná”.¹³⁹



Foto 6. Cortejo fúnebre do Coronel João Gualberto. Saída do Tiro Rio Branco, 1912. Autor não identificado. Acervo Museu Paranaense.

¹³⁹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 29 de outubro de 1912, n° 4211, pp.1, 4 e 5.



Foto 7. Cortejo fúnebre do Coronel João Gualberto. Saída do Tiro Rio Branco, 1912. Autor não identificado. Acervo Museu Paranaense.

Os acontecimentos foram recapitulados pelo jornal inúmeras vezes, dramatizados e transformados em tragédia, buscando conquistar a atenção dos leitores. Nesse sentido, a imprensa também pode ser entendida como um mecanismo de construção e preservação da memória. Lembrar a vida dos heróis, resgatando os aspectos biográficos mais importantes para construir sua imagem, é um método eficaz para a elaboração da memória e construção de uma identidade local. Dessa maneira, foram relatadas algumas atitudes de João Gualberto que mereceram o reconhecimento de homens públicos, como seu casamento com uma mulher de família tradicional e o posicionamento que conquistou ao longo de sua curta carreira militar. A recorrência a esses momentos foram importantes para que o *Diário da Tarde* possibilitasse a

construção de interpretações e atribuiu sentidos às ideias e comportamentos de João Gualberto. Para que o imaginário social fosse formado, conforme o interesse dos grupos dominantes, foram selecionadas imagens e representações capazes de expressar as afirmações textuais. Edificaram-se noções opostas em torno daqueles que foram considerados os heróis mortos em combate. E aos inimigos, nesse primeiro momento, coube o papel de assassinos.

No ano seguinte à morte do militar, após o calor da hora, o *Diário da Tarde* publicou notícias referentes aos auxílios prestados à família dos mortos. Uma das ruas da cidade recebeu o nome do comandante das forças, bem como uma vila criada logo em seguida aos acontecimentos. Conforme a concepção republicana vigente entre os paranaenses, os grandes personagens da história se tornavam objetos de veneração míticos, encontrando na reelaboração da história uma forma de legitimação para o novo regime e para os interesses regionais.

Interessante notar que na memória da população curitibana não permaneceu a imagem do oficial, ou seja, os construtores da memória não agiram posteriormente para que a imagem dos "heróis" do Contestado prevalecesse. Talvez devido ao fato do próprio *Diário da Tarde* ter mudado de posicionamento quando teve início a segunda fase do conflito. Sem a presença do monge, concentrando-se em um território fora dos limites até então estabelecidos do Paraná, mas ainda em uma região de disputa, os sertanejos não eram mais os assassinos do "brioso" militar e de sua tropa, mas sim, "duplamente vítimas do famoso regulo e vítimas da ignorância".¹⁴⁰ Em outras palavras, o

¹⁴⁰ **Diário da Tarde**, Curitiba, 9 de janeiro de 1914, nº 4582, p. 4, c. 5-7. O termo "regulo" se refere a Francisco Ferreira de Albuquerque que, como já comenta-

Diário da Tarde passou a alimentar a ideia de que os sertanejos estariam sendo coagidos e explorados pelos políticos catarinenses.

Uma reflexão acerca dos acontecimentos e das representações que permearam a participação do coronel João Gualberto no Movimento do Contestado foi fundamental para esse trabalho, uma vez que por meio da análise desse discurso poderemos compreender as tentativas do *Diário da Tarde* de designar a identidade paranaense, distribuindo os papéis sociais conforme interesses imediatos, definindo os aliados e os inimigos a serem combatidos. Ao realizar esse percurso, tornou-se evidente a imposição de um código de valores, bem como a emergência de categorias opostas, que visaram definir o lugar que ocuparam os atores sociais participantes do conflito.

3.2.1.2. José Maria: “guerreiro audacioso, fanático e monarquista”

Desde a primeira notícia referente ao conflito, uma das principais preocupações do *Diário da Tarde* foi designar os culpados. Seus narradores, ao relatarem os acontecimentos do Irani, construíram representações relacionadas não somente à imagem dos militares, mas também daquele que consideraram ser o líder dos *sertanejos* que combateram as forças de João Gualberto: o *monge* José Maria.

Nas notas que chegavam de Santa Catarina ou do Rio de Janeiro, a culpa residia, principalmente, sobre este personagem. Em vários momentos as notícias passaram a impressão de que se tratava

mos, era um político local que havia se desentendido com José Maria e alguns de seus adeptos.

de um personagem de ficção. Assim, os narradores do Contestado dedicaram páginas à genealogia desse indivíduo, considerado fundamental na eclosão do conflito e, nestes textos, moldaram a sua imagem, classificaram-no, delimitaram-lhe lugares e atitudes.

É importante salientar que os monges se tornaram figuras valorizadas e significativas para a cultura sertaneja do sul do Brasil. No interior dessa região, diversos peregrinos passaram a ser respeitados e venerados pelos moradores locais, recebendo a denominação de monges. No território onde ocorreu o Movimento do Contestado, três desses personagens sobressaíram-se: o primeiro deles, João Maria de Agostini, fazia peregrinações pelo sul do país, construía capelas, realizava batizados, casamentos, curas milagrosas e organizava procissões. Marcou sua imagem, nos textos posteriores, o caráter profético de seu discurso. O segundo *monge*, Anastás Marcaf, apareceu durante a Revolução Federalista, da qual foi simpatizante. Defendia a monarquia, apesar de nunca ter se posicionado contrariamente à República, e afirmava que esta era a ordem do demônio, enquanto a Monarquia representava a ordem de Deus.¹⁴¹ Assim como o primeiro monge, Anastás Marcaf fazia profecias e antevia o fim do mundo. Para os *sertanejos* era considerado santo, tornando-se mais importante que os próprios padres. A sua imagem ainda figura entre os moradores da região, em altares domésticos e nas devoções realizadas em rios e locais por ele percorridos.¹⁴²

¹⁴¹ Ibidem, op. cit., p.62.

¹⁴² Maiores detalhes sobre os monges podem ser encontrados em THOMÉ, op. cit. Segundo o autor, morador da região onde hoje está localizada a Universidade do Contestado, atualmente João Maria “tem a devoção de significativa parcela da população regional, devoção esta testemunhada em cruzeiros, capelinhas, cercados de pousos, oratórios, pocinhos de água, árvores abençoadas, grutas e fotografias com sua imagem”, p.120.

As representações que permaneceram sobre os *monges*, logo após o conflito, podem ser percebidas através do olhar de um militar que atuou no Movimento:

A superstição fazia crescer outro valor e emprestava qualidades de milagres ás famosas curas de João Maria de Jesus – o Monge.

As plebes do inculto sertão começaram a se reunir ao lado daquele homem estranho, do “taumaturgo” como ele próprio se intitulava. Era um misterioso indivíduo de barbas e cabelos crescidos, de vestes humildes e que, calçando alpercatas, apoiava num cajado o corpo de ancião fatigado do peregrinar religioso; um “homem santo” que sopitava passar as noites ao relento e rejeitava as esmolas mais fartas.

Antes de Taquarussú, os sertanejos viviam impressionados com a realização de algumas profecias de João Maria. O profeta surgindo, em 1911, nos Campos de Curitiba, ai profetizara coisas tenebrosas.¹⁴³

No imaginário da população letrada que vivia nas cidades, a crença no *monge* e em suas profecias representava pura superstição oriunda do analfabetismo e do isolamento predominante no *sertão*. Já no imaginário da população sertaneja prevalecia um forte sentimento religioso, no qual se mesclavam também elementos do mundo profano. Distantes da atuação da Igreja Católica, a existência de indivíduos

¹⁴³ PEIXOTO, op. cit., pp.114 e 162.

que se revestiam de caráter religioso e curativo fazia parte do cotidiano da população. Crendices populares, benzimentos e curas por meio de ervas eram comuns, mesmo porque os moradores do interior não contavam com a presença de médicos na região. Conforme Duglas Teixeira Monteiro, "a ausência da medicina oficial, de padres e de escolas favoreceu e mesmo exigiu a presença e a expansão de crenças e praticas tradicionalistas".¹⁴⁴

Apesar de terem existido inúmeros curandeiros, benzedeiros e outras figuras associadas a *monges*, João Maria foi o mais importante representante da *categoria*. Interessante notar que os crentes do monge não distinguiam entre o desaparecimento do primeiro e o surgimento do segundo. Para eles, era o mesmo indivíduo, que após alguns anos retornara de sua peregrinação.¹⁴⁵ João Maria desapareceu definitivamente entre os anos de 1904 e 1908. Para aqueles que acreditavam em suas prédicas, entretanto, o monge nunca morrera, mas, após terminada sua missão, teria se estabelecido no morro do Taió, onde estava encantado, aguardando o momento do retorno.

A lembrança de João Maria se tornou uma permanência no imaginário da população *sertaneja*. Apesar de nunca ter caído no esquecimento, algum tempo depois outro *monge* assumiu o seu papel. José Maria, apesar de possuir condutas semelhantes à João Maria, com o passar do tempo, adotou uma outra posição: o de articulador de uma nova sociedade, responsável por inculcar entre seus adeptos a crença de que eram invencíveis.

¹⁴⁴ MONTEIRO, *Os errantes...* p.186.

¹⁴⁵ Alguns textos afirmam que os dois monges que atendiam pelo nome de João Maria peregrinaram, por um determinado período, ao mesmo tempo. Para outros estudiosos, o segundo surgiu somente após o desaparecimento do primeiro. Cf. THOMÉ, *op. cit.*, p.44.

Se até então as praticas mágico-religiosas-medicinais prevaleciam, foi com José Maria que elas passaram a ter uma conotação mais política. Este *monge* representava a negação da estrutura social que se estabelecia e seus seguidores se identificavam com a sua marginalidade.

Na primeira notícia referente ao conflito publicada no *Diário da Tarde*, José Maria foi apontado como revolucionário: “O José Maria quer derrubar a República, pôz a idéa em acção, provocando, mesmo, um movimento de forças como si de facto o regimem proclamado em 15 de novembro estivesse em sério perigo de ser derrocado”.¹⁴⁶

A notícia tentou imprimir a ideia de que seria absurdo pensar em uma crise política da República, principalmente, quando causada por um indivíduo alheio à cultura letrada. Mas por que afirmar com tanta veemência a estabilidade do regime? É possível que a instituição de uma nova sociedade pelos *sertanejos* tenha assustado aqueles que dela não faziam parte, pois, para o início do Período Republicano, as revoltas constituíam um perigo iminente, sobretudo a partir do momento em que um grande contingente de pessoas ingressou para o *exército* das *Cidades Santas*. Esse sentimento tornou-se ainda maior quando rebeldes, munidos de suas winchesters e facões de pau, venceram diversas investidas das forças repressoras.¹⁴⁷

Nesse primeiro momento, o *Diário da Tarde* buscou construir uma imagem de José Maria. Ele foi considerado “a cabeça directriz do movimento subversivo”.¹⁴⁸ Definido como um homem esperto e audacioso, suas práticas foram sendo reveladas e, na retórica do jornal, apareceram sempre acompanhadas de um tom irônico.

¹⁴⁶ *Diário da Tarde*, Curitiba, 25 de setembro de 1912, nº 4182, p.1, c. 6-7.

¹⁴⁷ Os rebeldes tinham por hábito (e ao que parece por preferência) a luta à arma branca.

¹⁴⁸ *Diário da Tarde*, Curitiba, 7 de novembro de 1912, nº 4219, p.2, c. 3.

Não há quem não tenha ouvido falar em nosso Estado desse José Maria Agostinho, o monge de longas barbas e de cajado á mão. Ora habitando nas cavernas, ora o tronco duma imbuia, errante pelos sertões, inculcando-se um ser divino e vindo ao mundo para redimir a humanidade.

José Maria, com as unhas compridas e agudas, percorria os nossos sertões fazendo predicas e distribuindo cinzas e água com que dizia, curava qualquer moléstia.

A turba fanática e crédula via no velho monge um ser saper-natural [sic] e acreditava nas suas palavras e nos seus remédios. (...)

O peregrino dos sertões chegou a conquistar inumeros adeptos que o acompanhavam, em romaria, de um logar para outro.(...)

José Maria, agora, porém, surge no Estado de Santa Catharina não como um pregador, um distribuidor de tisanas, mas como um fanatico mais pilhérico ainda, acompanhado de adeptos querendo arrazar povoações e restaurar a monarchia.¹⁴⁹

Percebemos que, ao lado de uma caracterização física, apareceu uma definição relativa a algumas práticas de José Maria no estado catarinense. É importante observar ainda que os adeptos não passavam, na visão do periódico, de uma “turba fanática e crédula”. O *monge* surgiu então como a pessoa capaz de enganar, de ludibriar os seus seguidores.

¹⁴⁹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de setembro de 1912, nº 4182, p.1, c. 6-7

*A princípio, pareceu ser isso muito pilhérico, cousas dum fanático qualquer que, com alguns adeptos, andasse por ahi illudindo uns pobres caboclos. (...) A simples vista, a gente é sempre levada a não dar credito às pregações e ao poder suggestivo desses monges que sempre aparecem fazendo prophecidas e explorando a ignorância das populações sertanejas.*¹⁵⁰

Apesar das tentativas de definir as atitudes e intenções de José Maria, as primeiras notícias publicadas pelo *Diário da Tarde* não foram suficientes para esclarecer as características do movimento. Somente conseguem articular a informação de que parecia não existirem possibilidades de uma comparação ao Movimento de Canudos (embora o título nos leve a pensar o contrário)¹⁵¹ ou à questão de limites territoriais. Apesar dessa negativa, é evidenciado o caráter político de tal reunião e a possibilidade dos envolvidos alterarem o meio no qual vivem.

Outra questão importante refere-se ao fato de que, inicialmente, houve uma confusão em torno de José Maria. Logo, descobriu-se que este e João Maria não eram a mesma pessoa. Os dois peregrinos foram diferenciados a partir de então. A José Maria coube o papel de portador de características exóticas e de estranhos hábitos.

¹⁵⁰ **Diário da Tarde**, Curitiba, 26 de setembro de 1912, nº 4183, p.1, c. 5-6.

¹⁵¹ O título desta notícia é: Um novo Canudos? **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de setembro de 1912, nº 4182, p.1, c. 6-7.

José Maria Cortes de Agostinho, intitulado curandeiro, é um typo indiatico, de 45 a 50 annos, estatura media, cabellos corridios e compridos: usa bonet de couro de jaguatirica, enfeitado com um penacho e fitas. No seu acampamento, logar denominado Taquarussu, município de Coritibanos, Estado de Santa Cathariana, José Maria, montado em um bonito cavallo, de espada (...), acompanhado por fanáticos, inclusive mulheres e creanças, proclamou a monarchia, sendo acclamado imperador o velho octagenario Fulano Rocha Assumpção 1º: (...) a guarda do novo imperio composta de 24 fanaticos, com a denominação de 12 pares de França.

Em suas excursões, marcha na vanguarda um piquete de 20 fanáticos armados a Winchester e todos montados em cavallos brancos e na retaguarda marcham as mulheres e creanças. O “monge” tem declarado aos fanáticos, que, quando se aproximaram as forças do governo, que devem retirar-se porque só elle dará combate a mil homens. No dia 28 de setembro estavam acampados na casa do negociante Praxedes, sendo este agraciado com as honras de Duque. O fazendeiro Generoso Ribeiro, que fazia parte dos doze pares, foi agraciado com o titulo de marquez.

José Maria tem o livro da historia de Carlos Magno e faz a leitura deste aos fanáticos. Em sua companhia tem sempre o monge duas meninas donzellas, e quando alguma senhora lhe faz consulta sobre moléstia elle manda que se retirem, e que, em caso contrario, elle desaparecerá.¹⁵²

¹⁵² **Diário da Tarde**, Curitiba, 14 de outubro de 1912, nº 4198, p.1, c. 7.

À descrição física segue a das vestimentas e acessórios que formam a indumentária do monge. As roupas, como o penacho ou o couro de jagatirica, indicam elementos da cultura do interior do Brasil. Em seguida, o jornal comenta sobre a Proclamação da Monarquia e as titulações que seguiram a esse ato. A leitura da gesta carolíngia e a presença das figuras femininas e infantis são itens importantes de serem lembrados, além da maneira como os *sertanejos* (orientados pelo *monge*) organizavam a sua guarda. Essas características foram acionadas com o objetivo de mostrar quem eram os inimigos da República. Esse conjunto denotava o exotismo atribuído ao grupo e as diferenças de cultura existentes nas diferentes regiões do Brasil.

O *Diário da Tarde* também buscou diferenciar José e João Maria: “Os *monges* João e José Maria – Um é pacato e inofensivo; o outro é perigoso e revolucionário”. Na sequência, José Maria foi designado ainda como “guerreiro audacioso – fanático e monarquista”.¹⁵³ Atribuindo, assim, características religiosas ao primeiro – que neste período já estava morto –, ao segundo foram imputados elementos de ordem política a partir das expressões “revolucionário” e “monarquista”. Dessa forma, a ação foi delegada ao segundo *monge*, de forma mediática.

Na diferenciação entre os dois, todas as características que José Maria possuía, inclusive aquelas consideradas “civilizadas” pelo cronista, eram compreendidas como negativas, pois o monge não se utilizava delas para o “bem”. José Maria, além de ser “verdadeiramente indomável,” “saber ler e escrever regularmente” – fator de diferenciação em meio ao *sertão* ignorante e analfabeto –, era também um

¹⁵³ *Diário da Tarde*, Curitiba, 15 de outubro de 1912, nº 4199, p.4, c. 1.

“Homem intelligente que [...], exerce grande influência sobre os ignorantes caboclos, que se deixam dominar por suas prédicas mystico-heróicas, entremeadas de legendas, próprias mesmo para atrahir em torno de sua pessoa, o fanatismo de pobres analphabetos”.¹⁵⁴

O *Diário da Tarde* procurou identificar os antecedentes de José Maria, saber de onde veio, quais suas atividades anteriores, atribuindo-lhe ações criminosas. Essas designações foram importantes recursos utilizados na construção de uma representação relativa a esse indivíduo, caracterizado como uma pessoa pernicioso e esperta. Segundo o jornal

A sua morada predilecta era o xadrez, e a penitenciaria, depois de ter soffrido outros castigos, devido à sua má conduta, em 1895. Quando o regimento se achava em marcha para as fronteiras desse Estado, o tal soldado José Maria, que pertencia ao 4.o esquadrão e me parece que tinha o n. 71, desertou, tendo sido capturado annos depois na cidade do Rio Negro.

*Nessa occasião o regimento achava-se na legendaria cidade da Lapa, para onde foi o tal desertor responder o conselho de guerra. Depois de cumprir sentença por esse crime, foi posto em liberdade e tornou a desertar, não se sabendo mais o paradeiro de tal soldado incorrigível. Esse José Maria que vos lembro, sr. Redactor, tinha muitas habilidades para tudo que era mau, inclusive curandeiro e feiticeiro.*¹⁵⁵

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ *Diário da Tarde*, Curitiba, 2 de novembro de 1912, 4215, p.1, c. 2.

Quem dá esse informe é Bandeira de Melo, um auxiliar da inspetoria de serviço de Proteção aos Índios de São Paulo, comunicando que conhecera José Maria, pois faziam parte do mesmo Regimento. Aqui, a prática de curandeiro e feiticeiro – elementos que como já vimos faziam parte do universo dos *sertanejos* – aparece como maléfica, ou seja, era um aspecto da cultura local considerado fora dos padrões exigidos para a obtenção do *progresso*.

As caracterizações a respeito do *monge* não o designavam como um *sertanejo*, embora culturalmente ele o fosse, uma vez que a população se identificava. Informando acerca dos acontecimentos, o *Diário da Tarde* elaborou uma imagem distante, como se o tal personagem tivesse se materializado dos livros de ficção para a realidade, tornando-se uma espécie de entidade mitológica e misteriosa, um “lendário Monge de longas barbas e unhas crescidas, a maneira dos sacerdotes egypcios”.¹⁵⁶

Portanto, mostrando aspectos da experiência religiosa de José Maria e, em seguida, algumas de suas atividades representadas como criminosas, o *Diário da Tarde* veiculou a ideia de que “o ‘Santo’ transformou-se em revolucionário”,¹⁵⁷ principalmente após a comparação com o líder nordestino: “tal como Antônio Conselheiro, de Canudos”.¹⁵⁸

As tentativas de reconstruir sua trajetória de vida foram constantes. O inimigo a derrotar, portanto, não era o *monge* religioso, que pregava a paz nos sertões, mas sim um indivíduo perigoso, experiente,

¹⁵⁶ *Diário da Tarde*, Curitiba, 5 de outubro de 1912, nº 4191, p.1.

¹⁵⁷ *Diário da Tarde*, Curitiba, 25 de setembro de 1912, nº 4182, p.1, c. 6-7.

¹⁵⁸ *Idem*.

enfim, um criminoso. Ninguém poderia se sentir culpado. Longe de inferir qualquer responsabilidade aos governos e a sociedade de forma geral, nesse primeiro momento, a culpa recaía sobre um único indivíduo. Dessa forma, os jornais iam indicando os caminhos ao seu leitor, “formando seu espírito, orientando as suas paixões, inculcando modelos formadores positivos e apontando os inimigos a derrotar”.¹⁵⁹

Durante o conflito, a crença no poder dos monges chegou ao ponto de os rebeldes acreditarem terem tornado-se invencíveis. Nesse contexto, até mesmo os padres chegaram a ser preteridos e excluídos do universo no qual viviam esses indivíduos, já que condenavam sua atitude.

Em 1913, por exemplo, Frei Rogério Neuhaus, um franciscano responsável por pregar a religião católica na região onde grande parte dos redutos foram formados, decidiu intervir tentando convencer os rebeldes a se dispersarem. No reduto de Taquaruçu,

O Padre dirigiu-se a algumas pessoas, particularmente. Aparece o chefe comandante, o Manoel, e gritou: “Padre, o que é que você quer aqui, seu cachorro? Suma, senão apanha!” (...) A mãe do moço gritou: “Os padres não prestam mais nada!”

[Frei]: “Antes-tempo a senhora me respeitava”.

Eusébio entrou nessa conversa de família e bradou:

“Liberdade! Agora nós vivemos num outro século”.

¹⁵⁹ BACZKO, op. cit., p.324

[Frei]: “Eusébio, amigo velho. Pare com essas bobagens”.

E o velho assanhando-se mais ainda, brandia seu facão em maior agitação: “Se o Senhor não acredita na Palavra de Deus, eu o arrebento”.¹⁶⁰

Frei Neuhaus se surpreendeu frente à mudança daqueles homens que outrora lhe respeitavam tanto. A palavra de Deus não pertencia mais aos padres. Ao contrário, naquele momento o clero simbolizava a República dos coronéis, as empresas estrangeiras, o secular. O sagrado somente a eles pertencia naquele momento e, é claro, ao monge. Essa relação estabelecida com a religião foi condenada tanto pelos padres como pelos militares e jornalistas. Como já afirmamos, no *Diário da Tarde*, a crença no **monge** foi considerada sinônimo de superstição e ignorância.

3.2.1.3. De “facínoras” a “ignorantes”: algumas representações sobre os rebeldes

De 1912 a 1916, o *Diário da Tarde* publicou informações e reportagens direcionadas ao Movimento do Contestado. Por meio de construções textuais, nomearam e definiram os grupos envolvidos, possibilitando que os leitores criassem uma imagem dos participantes. Os jornalistas também elaboraram representações sobre sua identidade social, apropriando-se de diversos termos. Definindo o outro, dotavam de sentido o seu próprio mundo. No entanto, embora inserido em uma

¹⁶⁰ STULZER, Frei Aurélio. **A guerra dos fanáticos (1912-1916):** a contribuição dos franciscanos. Espírito Santo: [s.e.], 1982, pp.46-48. STULZER reuniu nesta obra as memórias de Frei Neuhaus, bem como a sua biografia.

determinada comunidade de imaginação, o discurso do *Diário da Tarde* se mostrou, em suas matérias sobre o Contestado, heterogêneo, no sentido de agregar diferentes versões relativas aos mesmos acontecimentos ou, ainda, incluir em suas páginas diferentes olhares sobre os mesmos indivíduos, sempre mantendo uma distância segura. Com o desenrolar dos acontecimentos, percebemos que houve uma significativa alteração no direcionamento das notícias veiculadas, evidenciando determinados interesses e prioridades.

Nesse sentido, podemos estabelecer uma linha divisória para o discurso do *Diário da Tarde* em relação à caracterização dos rebeldes. Isso significa dizer que, em um primeiro momento, o jornal se posicionou de uma determinada forma quanto aos participantes e quanto a seu próprio ponto de vista, que se alterou na medida em que os sertanejos tornaram-se mais fortes. Em termos cronológicos, essa divisão seguiu aquelas que nomeamos como primeira e segunda fases do conflito.

O primeiro momento, que vai de outubro de 1912 a setembro de 1913, corresponde às primeiras informações recebidas sobre a reunião dos rebeldes e à batalha do Irani, com a morte de João Gualberto e José Maria. Este último somente foi objeto de classificação do jornal durante os três últimos meses de 1912, a partir do momento em que Francisco Ferreira de Albuquerque o denunciou como monarquista.

Durante essa fase, os sertanejos ficaram relegados, no discurso do *Diário da Tarde*, à condição de *analfabetos e incultos*, e o adjetivo *ignorância* foi considerado como fator preponderante para o levante. Segundo o jornal “a questão é que os caboclos, homens sem cultura e de uma credulidade inconsciente, deixam-se arrastar facilmente, quando se lhes contam cousas que os impressionam pela

estupidez”.¹⁶¹ Cultura e consciência, neste caso, eram as características ausentes àqueles que moravam no *sertão*. Surgem aqui as primeiras oposições que estruturam as forças efetivas do discurso *civilizador* encaminhado pelo *Diário da Tarde*. Mesmo caracterizados como “insconscientes” e “incultos”, os rebeldes foram definidos como “elementos perturbadores da ordem” e “capazes de produzir graves depredações e desordens”.¹⁶² Essas noções assentavam em uma comunidade de imaginação que não somente reconheceu como sua, mas legitimou essas definições de homem ao consentir com a repressão militar que levou tantas pessoas à morte.¹⁶³ Verificaremos agora a partir de quais formulações o *Diário da Tarde* definiu os participantes do Movimento do Contestado.

Seguindo à morte de João Gualberto, os rebeldes foram caracterizados das mais variadas formas: “bandoleiros hirsutos”, “horda de bandidos”, “bando de faccinoras”, prevalecendo, entretanto, expressões que os caracterizavam como “ignorantes caboclos”, explorados por José Maria, um “perigoso homem”.¹⁶⁴ Em outros momentos, os cronistas levantaram a hipótese de que outros indivíduos, como Miguel Fragoso, Miguel Fabrício das Neves ou Juca Fabrício, proprietários de terras na região do Irani e simpatizantes de José

¹⁶¹ **Diário da Tarde**. Curitiba, 26 de setembro de 1912, nº 4183, p.1, c. 5-6.

¹⁶² **Diário da Tarde**, Curitiba, 26 de setembro de 1912, nº 4183, p.2, coluna Samaritana e 14 de outubro de 1912, nº 4198, p.4, c. 3, respectivamente.

¹⁶³ Segundo Micael Herschmann e Carlos Alberto Pereira “Tanto na última década do século XIX quanto nos anos 30, constatamos a preocupação, por parte das elites, em montar um arcabouço institucional que ‘localizasse’ no espaço social as ideias hegemônicas”. Esses autores, enfatizam ainda que na virada do XIX para o XX, a palavra de ordem era “civilizar”, ficando em pé de igualdade com a Europa. Ver HERSCHMANN, Michael; PEREIRA, Carlos Alberto. O imaginário moderno no Brasil. In: (orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.12.

¹⁶⁴ Esses termos aparecem em diversos artigos do periódico. Ver **Diário da Tarde**, Curitiba, de 23 a 31 de outubro de 1912.

Maria¹⁶⁵ teriam liderado os *sertanejos* na batalha contra as tropas paranaenses. Tal como José Maria, eles também foram considerados perniciosos. Miguel Fragoso, por exemplo, foi denominado “caudilho”, além de “terrível bandoleiro”.¹⁶⁶

Diversos momentos de incerteza e confusão podem ser encontrados nas páginas do periódico, principalmente em relação ao número de sertanejos que travaram combate contra as forças paranaenses e às armas que possuíam. Em alguns momentos, encontramos a afirmação de que o número de adeptos do monge chegava a 500, em outros: “Dizem as ultimas praças chegadas do Irany, que a columna foi inopinadamente cercada por mais de 300 fanáticos, inclusive mulheres”.¹⁶⁷ Os narradores do *Diário da Tarde* chegaram ao ponto de demonstrar para o público a confusão na qual se encontravam, conforme podemos observar no telegrama recebido de União da Vitória e publicado no *Diário da Tarde*, em 24 de outubro de 1912:

Antes, muito antes de mover-se o regimento de Segurança, já corriam aqui em União da Victória, descontraídos boatos sobre o monge José Maria.

Ora, o monge tinha 200 homens outr’ora, o monge proclamava a monarchia em Campos Novos, (S. Catharina) e por

¹⁶⁵ Eles eram proprietários de terras na região do Irani e possuíam um grande número de homens à sua disposição. Ao que parece, todos eram simpáticos a José Maria, o qual considerava a população do Irani “sua gente”. Ao chegar ao território paranaense em 1912, encontrou abrigo nas residências dessas pessoas. Cf. QUEIROZ, op. cit., pp.92, 93, 97 e 98.

¹⁶⁶ **Diário da Tarde**, Curitiba, 24 de outubro de 1912, nº 4207, p.1, 2 e 4.

¹⁶⁷ **Diário da Tarde**, Curitiba, 23 de outubro de 1912, nº 4206, p.1, c. 1 e 28 de outubro de 1912, nº 4210, p.1, c.1 e p. 4, c. 4, respectivamente.

*último, já elle tinha tomado conta da cidade de Palmas, onde havia aprisionado diversas pessoas de influencia politica etc.*¹⁶⁸

A mesma confusão se dava com relação às armas que os sertanejos teriam utilizado na batalha. Primeiramente, as notícias enfatizavam que “o armamento dos fanáticos é idêntico ao que usa o Exercito” e, em seguida, “matando a facção os primeiros soldados e quem encontraram na frente”.¹⁶⁹ As notícias nem sempre vinham sob a autoria do jornal. Na maioria das vezes, eram transcrições de telegramas recebidos dos municípios próximos ao Irani, que transmitiam informações pouco claras e até contraditórias. Esses elementos demonstram que José Maria e seus seguidores eram, antes de tudo, um mistério a ser desvendado pela imprensa.

Na busca por uma definição desses grupos, o *Diário da Tarde* os considerou assassinos, cruéis e sanguinolentos, terminologias associadas principalmente à morte de João Gualberto. Ainda não se sabia ao certo as proporções do Movimento, o interesse dos “fanáticos” ou o número de adeptos. As notícias procuravam desvendar aspectos relacionados ao meio e à cultura desse povo, tentando estabelecer uma genealogia da experiência *sertaneja*, inclusive de seus momentos de conflitos e lutas. Em 20 de novembro de 1912, por exemplo, o *Diário da Tarde* publicou um artigo intitulado *A vida que levam os bandidos nos sertões do Paraná*.¹⁷⁰ O texto, sem autoria, tinha por objetivo

¹⁶⁸ *Diário da Tarde*, Curitiba, 24 de outubro de 1912, nº 4207, p.1, 2 e 4.

¹⁶⁹ *Diário da Tarde*, Curitiba, 25 de outubro de 1912, nº 4208, p.1, c. 1 e 26 de outubro de 1912, nº 4209, p.4, c. 3.

¹⁷⁰ *Diário da Tarde*, Curitiba, 20 de novembro de 1912, nº 4230, p.1, c. 7.

“contar-se a vida dos bandidos no sertão do Paraná, agora que aquella parte do adeantado Estado se acha conflagrada por um bando aventureiro”.¹⁷¹ Em seguida, buscaram definir “que espécie de gente é essa que engrossa as fileiras bandoleiras”, evidenciando o perigo que corria a população, uma vez que esses indivíduos estavam “de posse de armamentos de guerra moderno”. Armamentos que, pelo que se sabe, não passavam de alguns Winchester e facões de pau.

Em seguida, no mesmo artigo, o cronista relatou experiências vividas por homens “civilizados” ao lado dos caboclos. Foi citado o Cerco da Lapa, quando o coronel Joaquim Lacerda, “um dos chefes políticos de maior prestígio no Paraná”, combateu ao lado do General Carneiro e teve à sua disposição centenas de caboclos, “o melhor elemento que tiveram as forças legaes”.¹⁷² Se por um lado o discurso atribuiu como característica negativa o bandoleirismo no qual viviam os *sertanejos*, por outro lado, o fato de serem corajosos e afeitos à luta foi abordado de forma positiva:

*Os combates travados naquella velha cidade [Lapa] são a prova da bravura daquela gente affeita a lucta. O inimigo tinha todas as vantagens: superioridade em número, em armas, em posições, em víveres. Foi apertado o cerco. Durante os combates [os sertanejos] pareciam verdadeiros heroes.*¹⁷³

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Idem.

Assim, quando lutaram ao lado dos representantes do poder, foram heróis. Porém, quando se ergueram contra eles, foram incriminados. Ao lutarem contra as forças oficiais foram considerados assassinos, como mostra um trecho do mesmo artigo ao fazer referência a um importante atirador que os auxiliou na luta contra os maragatos, conhecido como João Gordo:

Certa vez, o general, que admirava da certeza da sua pontaria, viu um soldado inimigo empunhando a bandeira no cemitério, entre outros camaradas.

- Se és capaz mata aquela, disse o soldado.

*E este, levando a carabina a mira, deu ao gatilho. A bandeira tombou e com ella o soldado. (...). Terminada a revolução, esse mesmo homem, que tantos serviços prestou à pátria, tornou-se um assassino terrível.*¹⁷⁴

Além dessas experiências, o *Diário da Tarde* publicou informações relacionadas ao universo valorativo dos *sertanejos* e as suas práticas cotidianas. Além de informar, alimentavam o imaginário daqueles que se debruçavam sobre a leitura das notícias referentes ao conflito:

¹⁷⁴ Idem.

Euzebio Ferreira, indivíduo remediado em meios de vida foi ou é adepto fervoroso do monge José Maria falecido no combate do Irany. Residem em São Sebastião e acha-se em Taquarussú onde espera com fé sebastiânica a volta do monge que ‘não morreu’ ou que ressuscitará. (...)

Têm esses homens feito vendas de gados e outros teres para ocorrer ás primeiras despesas com a guerra de S. Sebastião, pregada pelo monge.

Há pouco tempo se reuniram 80 a 100 pessoas e fizeram uma procissão invocatória em a qual ou depois da qual o monge fallou, promettendo breve regresso. (...)

Euzebio tem um filho chamado Manoel, que desde pequeno deu suas notas de expertise. Agora ele é vidente interprete do monge que não apparece, mas com quem se communica e cujas ordens recebe e transmite aos “povos”. Todas as manhãs os fieis vão beijar-lhe os pés. (...) O filho de Euzebio de vez em quando vai ao mato próximo e lá ouve o que diz o monge. Volta e communica. Seguem-se as orações e supplicas e também as libações pois segundo parece os se- quazes crêem no monge mas não descrêem de Noé ou de Baccho e cultuam em ambos os ritos. A cachaça é o gênero que elles sacrificam para “Maior Gloria do Monge”.¹⁷⁵

¹⁷⁵ **Diário da Tarde**, Curitiba, 30 de dezembro de 1913, nº 4574, p.4, c. 4.

Além das atividades que faziam parte do dia-a-dia dos rebeldes, atitudes depreciativas, como o consumo de álcool, lhes foram atribuídas. A partir de dezembro de 1913, os *sertanejos* novamente voltaram a se reunir no município denominado Taquaruçu, em território catarinense, porém contestado pelo Paraná. Ali eles aguardavam o retorno do *monge* José Maria, enquanto edificavam sua *Cidade Santa*. Em um misto de desconfiança, agressividade em relação ao estado vizinho e preocupação, o *Diário da Tarde* novamente passou a publicar notícias diárias sobre os acontecimentos, geralmente sob o título “Os sucessos de Taquarussu”, enfocando a necessidade de dispersão sem derramamento de sangue. A partir desse momento, os rebeldes foram representados como vítimas do analfabetismo e da política catarinense, sendo indicados, recorrentemente, como “miseros caipiras”. O periódico alterou o discurso que vinha defendendo até então, enfatizando o caráter pacífico do Movimento e a inconsciência daqueles que se rebelavam. A culpa foi atribuída aos governantes catarinenses e, apesar das práticas *sertanejas* continuarem sendo apresentadas de forma exótica, o moralismo presente nos redutos se tornou elemento fundamental para esse discurso, que buscou consolidar uma identidade local – aproveitando para culpar o estado catarinense pela reunião dos *sertanejos*.¹⁷⁶

¹⁷⁶ Taquaruçu foi o primeiro reduto no qual se reuniram os rebeldes. Esse local foi atacado pelas forças do Exército em fevereiro de 1914, quando morreram muitas pessoas. A partir dessa data, o *Diário da Tarde* reforçou a ideia de humanismo para com os *sertanejos* passando a atacar, cada vez de forma mais enfática, os representantes do governo catarinense.

Os fanáticos reuniram-se duas vezes durante o dia ao toque de um velho tambor de pelle de carneiro.

Reunidos, punham-se em fôrmas e em seguida, enfileirados, percorriam o “gramado” dando vivas a todos os santos, a José Maria e á liberdade.

Havia entre elles evidentemente muita ignorância, como é natural, pois em todo o Taquarussú que conta para mais de cinco mil almas, não existe uma única escola!

(ás escolas em Santa Catharina existem só nas cidades ou villas e suas proximidades.)

Os fanáticos obedecem a uma ordem superior.

Fallam só em José Maria.

O intermediário divino, no Taquarussú era um mulatinho de dez annos, filho de um tal Linhares.

Este transmittia as inspirações celestiaes, mui reservadamente, só a seu pai e a um negro velho de cerca de setenta annos.

Linhares e o negro, por seu turno, expediam as ordens recebidas, que eram religiosamente observadas por Anseleto Ribeiro, o chefe ostensivo do reducto e seus subordinados.

Ao cahir da noite, olhavam para as nuvens e grimpas dos pinheiros e allucinados julgavam ver castellos, cidades, torres, igrejas e o ‘exercito’ de São Jorge e São Sebastião. (...)

Havia entre elles a mais absoluta moralidade.¹⁷⁷

¹⁷⁷ **Diário da Tarde.** Curitiba, 06 de março de 1914, nº 4629, p.4, c. 2-4.

Inicialmente comentando sobre os rituais diários, a veneração aos santos e ao *monge*, o *Diário da Tarde* considerava natural a ignorância reinante entre os rebeldes, ignorância esta estritamente relacionada à ausência de uma cultura letrada, uma vez que ela somente existia devido à ausência de escolas na região do reduto. Em seguida, o jornal relatou a forma como estava constituída a hierarquia em Taquaruçu, mostrando a existência de uma divisão social e atribuições específicas a cada *função*. Apesar de considerarem os rebeldes “alucinados”, a palavra “moralidade” ganhou força no final do texto. Para o leitor, fica a impressão de que, apesar de estarem agindo fora da normalidade, seguiam determinadas condutas morais, o que, de certa forma, foi utilizado no discurso para destituí-los de qualquer responsabilidade, mas, também, para inocentá-los frente à sociedade.

A culpa não recaía mais sobre os sertanejos, e sim nos governantes de Santa Catarina, que propiciaram a falta de consciência àquelas que, não tendo acesso a escolas, revoltaram-se contra os mandatários locais. Essa representação permaneceu nas páginas do *Diário da Tarde* até o final do Movimento. Unindo a questão de limites à culpa dos políticos catarinenses, os moradores do interior foram considerados vítimas das circunstâncias e do abandono no qual se encontravam.

3.2.1.4. Algumas representações geográficas

Segundo Candice Vidal e Souza, as noções de sertão e litoral foram importantes categorias na construção de uma representação sobre o Brasil e os brasileiros para os pensadores sociais.¹⁷⁸ Essa representação, entretanto, não esteve circunscrita somente ao meio intelectual, mas compôs o imaginário de uma época, tornando-se paradigmático das formas de se pensar a sociedade brasileira. Essa questão também pode ser percebida ao percorrermos as páginas do *Diário da Tarde*, principalmente nas notícias referentes ao Movimento do Contestado.

Por meio de um imaginário geográfico que evidenciou representações sobre a identidade brasileira, o *Diário da Tarde* demonstrou a forma como os paranaenses e os brasileiros compreendiam uma parte de seu país.

Muitas vezes, os textos que evidenciavam esse imaginário geográfico seguiam um tom romântico, como esta nota de Victor Grein: “Esta vaie cheia de saudades e do tédio que nos enche a alma pelos dias passados neste solitário e nostálgico *sertão*, a margem do Rio do Peixe”.¹⁷⁹ E assim, seguiam-se descrições sobre o *sertanejo* e o local onde ele habitava. De forma melancólica, o espaço foi representado a partir de suas características naturais. A natureza surgiu como parte integrante do interior do Brasil, do local denominado *sertão*:

¹⁷⁸ VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p.25.

¹⁷⁹ **Diário da Tarde**. Curitiba, 10 de outubro de 1912, nº 4195, p.1, c. 3.

Muito longe ainda?

Menos de meia légua. Lá surgem as primeiras habitações.

De feito, a claridade opalescente do luar, as primeiras casas do Itayópolis apareciam, numa eminência do terreno, em duas grandes filas paralelas.

A estrada alargava-se agora plana, larga, bem cuidada.

Era como imensa fita de prata que se fosse distendendo através da matta, colleando montes, subindo cêrros, transpondo arrojós.

Erguiam-se-lhe aos flancos, como solitários monges, esguios pinheiros seculares, as verdes cômas farfalhando ao vento.

A temperatura baixava a mais e mais: e o sueste inclemente que se desencadeou feroz era bem o prenuncio da geada, que, pela noite fora, deveria transmutar o verde profundo da floresta, dos campos e das collinas na algida brancura das alvoradas hyemaes.

Pela calada da noite, a luz fúnebre da lua, aquelles três cavalleiros silenciosos, embuçados em negros ponches, tiritando de frio, as esporas vibrando num sonido mettalico, reproduziam a trágica ensenação de alguma tela medieva.¹⁸⁰

¹⁸⁰ GREIN, Victor. No Contestado. In: **Diário da Tarde**. Curitiba, 16 de dezembro de 1912, n° 4252, p.1, c. 3-4.

Apesar da recorrência à natureza, o cronista demonstrou que o inóspito *sertão* do interior paranaense se diferenciava dos outros *sertões* do Brasil, possuindo características próprias. A geada e o pinheiro constituíam elementos fundamentais na definição deste local e a comparação com “alguma tela medieval” dava o tom melancólico e romântico à narrativa, mas também denotava a ausência de desenvolvimento e progresso. Muitas vezes, pareceu-nos que o autor se inspirou em *Os Sertões*, pois assim como Euclides da Cunha, Victor Grein tentou descrever aspectos relacionados ao clima e à vegetação, inserindo o morador do interior nesse meio, de forma que parece, àquele que se detém em suas páginas, que esse local diferencia-se demasiadamente da Curitiba do início do século XX.

No entanto, boa parte das notícias referentes à questão espacial tratam a respeito das dificuldades encontradas no meio em que viviam os *sertanejos*. As tropas que seguiram para o Irani a partir de 1912, por exemplo, relataram as dificuldades no transporte, não somente de cargas, mas principalmente dos soldados que seguiam a pé e a cavalo.¹⁸¹ Os jornalistas e soldados enviados ao local queixavam-se constantemente das dificuldades relacionadas ao clima e ao solo, típicos da região serrana, elemento espacial de fundamental importância para os *sertanejos*, que se aproveitavam desses fatores em sua tática de luta contra as forças oficiais.

¹⁸¹ **Diário da Tarde**. Curitiba, 26 de setembro de 1912, nº 4183, p.1, c. 5.

Informações que reputamos muito valiosas nos dizem que as forças federaes que brevemente entrarão em combate contra os jagunços começaram a sentir os horrores daquelles sertões. Ali tem chovido constantemente, o que sem duvida há de augmentar o estado precário em que se acham os que foram incumbidos de restituir a calma aquella região de nossa terra.

O que, porem, leva o desanimo aos soldados e não menos aos seus chefes, é a posição singular em que se encontram as forças federaes. Os inimigos não guerream a peito descoberto, (...) de maneira a poderem ser atacados sem rebuços e nobremente. Mas, pelo contrário, vivem refugiados no matto, de onde sahem de vez em quando para as emboscadas traiçoeiras. (...)

Os jagunços transportam-se de um logar para outro com a maior facilidade, e não se transportam carreando caminhos limpos aonde podem ser atacados.

*O seu trajecto é de serra para serra, de matto fechado para matto virgem, de modo que não são vistos e portanto não poderão ser atacados.*¹⁸²

A ideia de *sertão* – talvez devido a uma permanência da obra euclidiana – em um primeiro momento nos remete a um local árido, seco, sem vegetação, onde o sol é o grande companheiro da terra ressequida. No início do século XX, entretanto, a noção de *sertão*

¹⁸² **Diário da Tarde**. Curitiba, 13 de abril de 1914, nº 4660, p.4. c. 1-2.

extrapolava a ideia do clima, encontrando no fator isolamento o seu lugar comum. Isso pode ser percebido ao acompanharmos as notícias referentes ao Movimento do Contestado nas páginas do *Diário da Tarde*. Nesses textos, o termo sertão aparece de forma bastante natural quando os cronistas referem-se ao interior catarinense ou paranaense. Natural, porém diferente e necessário de ser incorporado ao conjunto da nação, ele aparece sempre como o contraponto da *civilização*. Portanto, os *sertanejos*, “abandonando os lares, desprezando o trabalho honesto e divorciando-se da civilização, se internaram, errantes, pelos sertões desertos, para attentar, de armas na mão, contra a ordem e contra as autoridades legalmente constituídas”.¹⁸³

O *sertão* representava a extensão territorial desafiadora, difícil de ser conquistada, principalmente pelas suas características naturais. Representava, enfim, uma região inóspita, um local que se destacava como resistência, pois, apesar de percorrido, não fora dominado. Por um lado, designava “uma região do mapa imaginário do Brasil”¹⁸⁴ e, por outro, um viver particular dos habitantes do interior: “Por ambos os temas se articulam reflexões sobre o projeto nacional, em tentativas de acompanhar como o *sertão* tem feito o Brasil e por que razões determina os rumos da nacionalidade”.¹⁸⁵ Nesse sentido, o *Diário da Tarde* articulou um discurso onde a possibilidade de inserir os *sertanejos* ao fluxo homogeneizante da nacionalidade estaria necessariamente relacionado à criação de escolas no interior do Brasil. Essa foi uma dentre várias das representações que permearam o imaginário dos relatores do conflito. Segundo Vidal e Souza, podemos “reconhecer no

¹⁸³ *Diário da Tarde*, Curitiba, 04 de janeiro de 1915, nº 4983, p.1, c. 4.

¹⁸⁴ VIDAL E SOUZA, *A pátria...*, p.51.

¹⁸⁵ *Idem*.

pensamento social uma formação coletiva que produz discurso poderoso e eficaz sobre regiões da nação”,¹⁸⁶ o que significa dizer que essas formulações estiveram de acordo com as formas de hierarquia, dominação e poder da sociedade em questão. Formular as regiões, criar imagens sobre elas e sobre os seus habitantes, foi uma maneira de firmar um domínio político autorizando o próprio discurso.

3.2.1.5. O olhar romântico

Sobre o morador do interior do Brasil também pesou um olhar romântico em artigos publicados pelo *Diário da Tarde*, em 1912: “Quem tenha viajado nos nossos sertões (refiro-me ao planalto paranaense), encontrará no meio dessa riquíssima floresta soberba de araucárias e da liex paranaense, o ranchinho do caboclo, como geralmente é conhecido o nosso caipira”.¹⁸⁷ Neste trecho, o autor situa geograficamente o “caboclo” paranaense, caracterizado como dócil e pacífico, diferenciando-o do morador do interior de Santa Catarina, considerado perigoso nesse momento recente à morte de João Gualberto.

Sob o título de *A vida sertaneja*, Cleto da Silva, um político morador da região contestada, teceu alguns comentários referentes à vida dos “caipiras” nos *sertões*. Pautando-se em valores evolucionistas e eurocêntricos, enfatizou que o típico morador do interior paranaense vivia longe da *civilização* e não se interessava muito pelo trabalho, elemento fundamental para o *progresso*. Além das definições de

¹⁸⁶ Ibidem, p.28.

¹⁸⁷ SILVA, José Julio Cleto da. A vida sertaneja. In: **Diário da Tarde**, Curitiba, 12 de novembro de 1912, nº 4223, p.1, c. 6-7.

ordem moral, o “caboclo” também foi caracterizado pelos apetrechos que utilizava: “indispensáveis á sua vida de matreiro: – serigote, redes, buçalete; uma espingarda, marca picapao e o respectivo bocó de couro de capivara onde elle guarda a munição”. Objetos esses próprios àqueles que vivem em uma região inóspita, de difícil sobrevivência. Além desses itens, foram considerados “de um valor inestimável”, a cuiá para o chimarrão, a bombilha de metal, a viola e o cão.¹⁸⁸

Além dessa crônica, outras notícias foram publicadas sobre o modo de vida *sertanejo*, relatado de forma melancólica, como se o mal-estar da modernidade não tivesse, ainda, atingido a vida bucólica e pitoresca dos moradores do interior: “Longe da civilização, alheio ao evoluir constante dos grandes centros o caboclo desconhece os males que affligem esse turbilhão humano, que lucha desesperadamente, ou que se levanta, por momentos, sem jamais alcançar a meta dos seus desejos”.¹⁸⁹ A um pessimismo do meio urbano unia-se um romantismo em relação ao meio *sertanejo*, como se o homem do interior, isolado da civilização, ainda não tivesse sentido os seus males. Os grandes centros urbanos brasileiros, apesar de serem considerados os espaços onde se efetuaría o projeto da civilização, também eram vistos como o lugar no qual as pessoas sentiam-se infelizes, onde o turbilhão humano, no seu vai e vem cotidiano, vivia uma luta eterna, sem jamais obter a felicidade. O *sertanejo*, por sua vez, era aquele morador singelo que levava uma vida pacata, sossegada, voltado simplesmente a sua sobrevivência diária.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Idem.

De forma melancólica e pesarosa, Cleto da Silva contrapõe a forma de vida do caboclo à *civilização*. “Quantas recordações, me vem a memória, desses bons tempos que já vão distantes: tempos felizes em que eu também macetava o pinhão, palestrando com o caboclo, numa intimidade sincera, sem rodeios, sem essas etiquetas que a civilização nos impõe”.¹⁹⁰ A etiqueta, embora elemento importante para os valores culturais defendidos pelos *civilizados*, é apresentada aqui quase como um fardo, uma preocupação constante, diferentemente da vida do caboclo, simples e rude. Novamente, surge a dicotomia da modernidade – bastante presente na crônica deste autor – lugar ideal por ser *civilizado*, porém triste por exigir atitudes artificiais daqueles que viviam sob suas insígnias.

Em seguida, o autor apresenta aspectos do cotidiano do *sertanejo*. Este aparece como um exímio narrador, contando as proezas e aventuras comuns no meio rural, o que caracteriza mais um motivo para diferenciá-lo do homem das letras: “o caboclo passou-me a contar (não histórias das guerras entre os homens que se dizem civilizados e que, em nome da ambição se matam barbaramente), mas, elle ia-me contando dos contratempos nas roças”.¹⁹¹ Novamente, a frase soa de forma pessimista. Para Cleto da Silva – diferentemente de grande parte dos cronistas da época –, a barbárie estava relacionada às guerras entre aqueles que se consideravam civilizados, e não ao meio rural.

Entre desqualificado e idealizado – de forma romântica –, as representações sobre o habitante do *sertão* fizeram parte do imaginário referente ao *ser* brasileiro. Esse imaginário, gestado no decorrer do

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Idem.

tempo, solidificou-se nesse período. Talvez, o personagem de Jeca Tatu, que surge através da pena de Monteiro Lobato dois anos depois, seja a figura mais representativa dessa imagem do verdadeiro brasileiro, “juntando e materializando ideias que antes se encontravam e permitindo a elaboração e visualização de uma imagem estereotipada, que catalisou, naquele momento, opiniões que antes não encontravam endereço certo”.¹⁹²

A questão linguística, também explorada pelo cronista do *Diário da Tarde*, constituiu um importante elemento na definição desse homem do interior, bem como na posterior solidificação de um estereótipo do homem “caipira”, ainda hoje bastante presente nos meios culturais que circulam em nosso país:

Prometti, então, arranjar-lhe um cão de caça, ao que elle me respondeu: – “Iguar ao Capanga não pinta outro... e continuou “Vance tá vendo o Brazino ahi deitado”. Esse “animar” já “foi barbaridade de bão, mas porém agora tá veio” coitado! Não aguenta mais uma corridinha meio apurada... e repetiu! – Quar como o Capanga não pinta outro!...¹⁹³

¹⁹² NAXARA, op. cit., p.24.

¹⁹³ SILVA, **Diário da Tarde...** p.6. O *sertanejo* refere-se a um cachorro de sua propriedade que teria matado um tigre.

Essa representação, ainda bastante *eficaz* e presente, induz à ideia de que a ignorância anda de braços dados com a pronúncia ou com o vocabulário e demonstra a permanência de um pensamento que se solidificou no início do século XX.

Assim como a linguagem, os aspectos culturais, a forma de vida e de moradia do caboclo tornaram-se importantes na diferenciação em relação àqueles a quem se destinavam os jornais. A sua habitação, o ranchinho caipira, era feito de “paos roliços”, amarrados com cipó, coberto com tábuas, sem forro e sem assoalho, características bastante impróprias para um período em que se pretendia a higienização das moradias. Finalmente, constata o cronista: “E é ahi, cercado dessa simplicidade bucólica, nesse casebre tosco e pequenino, que o caboclo nasce, vive e morre”. Como que cumprindo um ciclo, sem ambições maiores da vida. O cronista encerra o texto evidenciando que o mundo ao qual se referiu não era aquele do qual fazia parte, mas sim um universo próprio, exótico e, ao mesmo tempo, distante do local de onde falava.

3.2.1.6. O olhar científico

No final do século XIX e início do XX, a intelectualidade brasileira fundamentou sua epistemologia em noções como raça e meio, identificando, por meio dessas construções, as diferenças existentes entre o Brasil e a Europa. A comparação do brasileiro com o tipo europeu ganhou espaço na representação do que seria o ideal da humanidade, sempre acompanhada dos princípios evolutivos para

onde parecia caminhar a humanidade.¹⁹⁴ Partindo dessas premissas, os cronistas do *Diário da Tarde* apresentaram ao leitor os habitantes de Itayópolis, local então pertencente à parcela contestada do território paranaense. Os narradores, apesar de se pautarem em ideias hegemônicas, buscaram adaptá-las à realidade local. Diferentemente do discurso euclidiano que nos via fadados à civilização – a qual precederia, entretanto, uma guerra entre as raças da qual os mais fortes sairiam vencedores –, o *Diário da Tarde* evidenciou o fato dos imigrantes europeus se adaptarem à cultura sertaneja, e não o inverso.

A totalidade dos habitantes é formada em sua maioria de polacos, ruthenos, gallicianos, trazidos pela emigração. No meio daquelle babel de raças e dialectos raro exponta o typo genuinamente nacional, isento ainda da intromissão do sangue europeu.

Todavia, há perfeita identificação do descendente do colono com o meio e os costumes nacionaes.

A não ser pelos traços physionomicos que, a primeira vista, o denunciam, por nada mais se diferencia este do brasileiro puro. Assimila-lhe o timbre da voz, copia-lhe os gestos e ademaes, reproduz-o integro e parelho.

É de ver o garbo com que loiros filhos de poloneses, de azulados olhos nostálgicos se affazem aos costumes do nosso caboclo. (...)

¹⁹⁴ ORTIZ, op. cit., pp.15-17.

Hábitos inveterados que os haja, ficam apregados nos velhos ascendentes: porque a prole, nascido ao influxo da nova pátria, rompe de vez com tradições e usos, amoldando--se com rigor ao habitat.

Mas, seja por uma questão de atavismo ou pela influência da educação mestiça, o que não deixa de se transmittir fortemente de uma geração a outra e estabelece um como contágio de uma a outra raça é o fanatismo religioso.

E tanto mais notável é o facto quanto é certo que o único recurso para o dizimar não logra o seu effeito, pois que as escolas leigas são de uma escassez deplorável.¹⁹⁵

Além dos paranaenses adaptarem parte das ideias hegemônicas à realidade local, a preocupação com a identidade nacional – da mesma forma como aparece na obra de diversos intelectuais do período – esteve ligada à figura do caboclo, “o typo genuinamente nacional”. De maneira determinista, o meio era capaz de “moldar” os descendentes de europeus nascidos no Brasil, mas não considerados “brasileiros puros”. Além do meio, que aproximava o europeu dos hábitos de vida do *sertanejo*, existia outro elemento unificador desses habitantes do *sertão* paranaense: o fanatismo religioso, resultado, segundo os cronistas do *Diário da Tarde*, da ausência de escolas leigas na região, e que possibilitou aos imigrantes considerarem o padre autoridade máxima.

¹⁹⁵ *Diário da Tarde*, Curitiba, 16 de dezembro de 1912, nº 4252, p.1, c. 3-4.

A educação ilustrada e enciclopédica, nesse sentido, foi compreendida como uma das vias condutoras, talvez a principal, para o caminho da *civilização*, fator pelo qual o litoral se diferenciava do *sertão*, que não possuía escolas. Esse foi um dos primeiros artigos sobre o movimento abordando a falta de escolas na região contestada, discurso que será reforçado a partir da destruição de Taquaruçu, em 1914, quando os rebeldes passaram a ser representados no *Diário da Tarde* como vítima das circunstâncias e do abandono dos governos.

Ao lado da ideia de ignorância, a noção de loucura e inconsciência foi reforçada nas notícias sobre o Movimento. Os *sertanejos* foram considerados “homens, mulheres e crianças, que agem inconscientemente, acorrentadas á cegueira da ignorância e sugestionados pelo fanatismo religioso” apresentando “signaes de alienação mental”.¹⁹⁶ Foram recorrentes terminologias que dessem crédito a essa tese e construções textuais que privilegiaram termos derivados da ideia de loucura.

No vocabulário da imprensa e de diferentes setores do governo catarinense, os *sertanejos* foram denominados fanáticos, sendo que a partir de 1914, com o desenvolvimento do conflito, esse termo esteve associado ao de bandidos e jagunços.¹⁹⁷ O *Diário da Tarde*, diferentemente, passou a enfatizar as noções relacionadas à loucura:

¹⁹⁶ **Diário da Tarde**. Curitiba, 05 de janeiro de 1914, nº 4578, p.1, c. 1-2 e 27 de janeiro de 1914, nº 4623, p.4, c. 2-3.

¹⁹⁷ MACHADO, op. cit., p.1.

Uma centena de indivíduos, míseros sertanejos, reúnem-se num certo ponto do território de Santa Catharina, afim de seguir o 'seu vidente', um perfeito typo de desequilibrado, atacado de exaltação religiosa". (...)

Pelas palavras dos fanáticos, pelas respostas aos conselhos dos missionários, pelas ameaças ás censuras que este articulara contra os erros de sua crença absurda, torna-se evidente o estado de perturbação daquelles rudes espíritos, de sertanejos, abandonados á sua própria sorte e entregues á mais completa ignorância.¹⁹⁸

Podemos considerar as noções de *loucura* e *inconsciência* importantes para a constituição do pensamento hegemônico do período. Segundo Jacqueline Hermann, as interpretações de Nina Rodrigues, assim como as de Euclides da Cunha, tornaram-se também parte do imaginário do período. Como médico, Nina Rodrigues estudou o Movimento de Canudos, buscando a origem da rebeldia *sertaneja*. Uma das ideias que fundamentou sua resposta foi a atribuição de loucura ao líder do movimento baiano, Antonio Conselheiro. Como médico, obteve credibilidade em suas análises, uma vez que agiu como representante da razão, portanto dos *civilizados*. Caracterizando-se como um eminente cientista brasileiro, teve suas ideias aceitas e assimiladas pela intelectualidade.¹⁹⁹

¹⁹⁸ **Diário da Tarde**, Curitiba, 05 de janeiro de 1914, nº 4578, p.1, c. 1-2.

¹⁹⁹ HERMANN, op. cit., pp.33-136.

A ideia da loucura *sertaneja* como parte do discurso intelectual nos interessa na medida em que esteve presente no imaginário social do período e foi utilizada para justificar a repressão àqueles que se mostraram contrários à República. Portanto, acionar o termo “loucura”, longe de mostrar-se como uma defesa dos marginalizados e oprimidos, sugeria medidas repressivas uma vez que esse termo designava uma doença. Conforme Hermann

*a sacralidade da ciência funciona como a base exata e inquestionável para o enfrentamento belicoso e violento contra o desconhecido que, uma vez classificado e nomeado de “reduto da loucura”, é aprisionado numa inteligibilidade totalmente alheia ao acontecimento em si, mas com um sentido preciso numa rede de significações.*²⁰⁰

Portanto, com o objetivo de construir uma rede de significações de acordo com o pensamento hegemônico do início do século XX, o jornal pode ser compreendido como um instrumento de persuasão, legitimação e interiorização de valores e crenças, uma vez que, como importante meio de comunicação da época, veiculava informações, notícias e pareceres relacionados à forma como a sociedade letrada considerava os outros grupos.

A ideia de humanidade para com os “miseráveis desgraçados” tornou-se também parte importante no conjunto dos textos do *Diário da Tarde*. Seguiram-se diversas notícias, acompanhadas desse discurso para com o “estado de allucinação” em que se encontravam os rebeldes.

²⁰⁰ Ibidem, p.137.

Mas que mal fez essa gente, que crime praticou para ser assim atacada? Que crime praticou para arrojar-se sobre ella o Exército Nacional?

Pois é inadmissível que (...) o exercito vá fazer o papel de ‘capitão do matto’, atacando e matando os desgraçados que estão reunidos para rezar, a espera de seu monge – sem, até aquele momento pelo menos – ter cometido crime, assaltos ou depredações de qualquer natureza! (...)

Não temos o direito de matar os pobres caboclos, que se reúnem, sem cometer crime algum, para cultuar o espírito de seu monge ou cumprir as allucinações de seu “vidente”. Se é um crime o agrupamento, crime maior é voltar contra os peitos dos sertanejos, de suas mulheres, de suas innocentes crianças as metralhadores que a nação nos entregou para defendermos a honra da Pátria!

Os sentimentos de humanidade protestam contra a trucidação de brasileiros, homens, mulheres e crianças que não cometeram crime algum, e, que, mesmo que o comettesse, não podiam ser assim castigados.

Se a lei protege o índio e o considera um tutelado do Estado, com que direito se mata o caboclo fanático, que no estado de ignorancia e inconsciência em que se encontra, pode ser equiparado aquelle?²⁰¹

²⁰¹ **Diário da Tarde.** Curitiba, 05 de janeiro de 1914, nº 4578, p.1, c. 1-2.

A comparação com os indígenas demonstra que, longe de simplesmente narrar a iniciativa dos sertanejos ou de ver em seu ato uma significação política, a eles foi negado o direito de opinar quanto a sua história, cabendo, neste caso, a própria tutela. Nesse sentido, os rebeldes foram considerados incapazes de atuar politicamente. Esvaziou-se a questão política remetendo o Movimento à ideia de irresponsabilidade e loucura. Observamos ainda que a menção a crianças e mulheres se tornou um recurso retórico bastante utilizado, propiciando cenas que percorriam o caminho do drama e da tragédia.

Assim, assumindo um discurso paternalista e protecionista, os narradores do *Diário da Tarde* construíram representações, nomeando os *civilizados* e os *irracionais*.

Temos, pois, razão de insistir sobre este ponto, o erro, a de-shumanidade de se atacar essa pobre gente, que nenhum mal fez, que crime algum praticou e a qual, pela sua condição de irresponsabilidade, devia ser tratada com mais brandura.

As feras se subjagam por meios brandos. Os ferozes boróros se tornam homens benignos pelos inteligentes processos de pacificação.

Por que havemos de esmagar a ferro e fogo os míseros fanáticos?

Homens rudes, mergulhados na noite da mais crassa ignorância, possessos de furor religioso, elles são capazes de excessos, que praticam com a mesma naturalidade com que – segos

e embriagados pelos fanatismo, – se atiram á bocca das nossas metralhadoras.

É preciso porém que, nós, humanos e civilizados não nos colloquemos ao seu nível indo batel-os, pretendendo reduzir-os pela força – o que é uma tentativa vã.

É certo, porém, que , por esse processo elles não serão reduzidos, serão esmagados, nessa luta desigual, (...) porque o facto é que os pobres sertanejos não serão vencidos – morrerão com á sua crença, arrastados voluntariamente ao irremediável suicídio.

*Humanos e civilizados, repetimos, temos o dever de despartar a piedade de todos para as pobres mulheres, para as infelizes criancinhas, que vão morrer sem saber porque...*²⁰²

Foi assim, desumanizando aqueles que consideravam fanáticos, que os escritores do jornal humanizaram os que se localizavam do outro lado. Defendendo o cerco pela fome, ao invés da utilização de armas, o discurso humanitário considerou que o diálogo era a melhor maneira de levar a *civilização* àqueles que ainda estavam à margem dela. “Porque não havíamos de usar desse processo digno, humano, num conflicto em que uma das partes é a ignorância, o fanatismo e a irresponsabilidade e a outra é o governo, o Estado, um povo culto e *civilizado*?”²⁰³

²⁰² **Diário da Tarde**. Curitiba, 06 de janeiro de 1914, n° 4579, p.4, c. 1-4.

²⁰³ **Diário da Tarde**. Curitiba, 10 de janeiro de 1914, n° 4583, p.4, c. 5-7.

Após as investidas rebeldes contra as forças do Exército e o crescimento e fortalecimento dos redutos, o *Diário da Tarde* passou a distinguir dois grupos: “fanáticos e bandoleiros”.²⁰⁴ Sob este título buscaram diferenciar aqueles que se reuniram inconscientemente sendo conduzidos pela lúbia dos bandidos e a existência de sujeitos de má índole entre os rebeldes, apesar da maioria da população ser “ignorante”. Ainda assim, defenderam a pacificação, chegando mesmo a justificar os saques empreendidos pelos *sertanejos*, afirmando que tal atitude representou a consequência e não a causa do conflito.

Denominá-los fanáticos foi uma forma de negar a crítica dos moradores da região contestada à sociedade da qual faziam parte e a história que vivenciavam, além de justificar a repressão. As ações dos *sertanejos* foram interpretadas como parte de sua *incultura e barbárie*. Tendo suas atitudes e o seu discurso desautorizados, os rebeldes foram inseridos à margem da normalidade e, dessa forma, da possibilidade de escolher um modo de vida que se adequasse às suas necessidades.

Desde o início do Movimento, o *Diário da Tarde* emitiu opiniões, notícias e pareceres referentes ao conflito. Construiu uma ideia de homem e de lugar. A definição de lugar, neste caso, serviu a um determinado propósito. Já que o *sertão* é o local da ignorância, que direito teriam esses homens de se levantarem contra a República, produto da modernidade, do progresso e da civilização? O meio inculto, rústico, simples, analfabeto, era o local da ignorância e não do conhecimento letrado, do iluminismo e da razão. Deste meio não poderiam advir pessoas capazes de uma crítica inscrita na legitimidade do discurso republicano. Essa linha de descrição passou então a ser acionada

²⁰⁴ Diferenciação presente, sobretudo, a partir de 1915.

como uma primeira etapa para os julgamentos avaliativos que acompanharam as notícias.²⁰⁵

A comunidade de imaginação que informou o discurso do *Diário da Tarde* esteve apoiada em uma rede de significações e ideias que se tornaram hegemônicas na forma de se pensar o Brasil e os brasileiros, por parte dos intelectuais e pensadores sociais. É importante observar que as elites buscaram montar um sistema institucional que localizasse no espaço social essas noções,²⁰⁶ formando assim uma espécie de escudo contra todos aqueles que questionassem a sua legitimidade. Podemos entender a criação desse arsenal de ideias, “formadoras de almas”, seguindo as proposições de Castoriadis: “haverá sempre uma dimensão da instituição da sociedade encarregada desta função essencial: restabelecer a ordem, garantir a vida e a operação da sociedade contra todos e contra tudo o que, atual ou potencialmente, a coloca em perigo”.²⁰⁷ Dessa forma, as ideias puderam justificar a utilização das armas. Esse pensamento encontrou sua legitimidade em uma palavra que ainda hoje é utilizada, pelo menos ao nível de senso-comum como expressão da verdade: a *ciência*.

²⁰⁵ Segundo Candice Vidal e Souza, essas descrições partem da perspectiva geopolítica e possuem como objetivo reflexões referentes ao destino nacional. VIDAL E SOUZA, op. cit., p.37.

²⁰⁶ Cf. HERSCHMANN, Michael; PEREIRA, Carlos Alberto. O imaginário moderno no Brasil. In: _____ (orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.12.

²⁰⁷ CASTORIADIS, **As encruzilhadas...** p.130.

3.2.1.7. Identidade nacional/regional – uma ferida cultural

Como já observamos no primeiro capítulo, o Movimento do Contestado, em muitos momentos, confundiu-se com a questão de limites territoriais. Esse debate esteve bastante acirrado durante o período do conflito, principalmente nas páginas do *Diário da Tarde*, demonstrando a existência de ressentimentos por parte dos paranaenses, não somente em relação ao governo catarinense, mas, também, em relação ao governo federal. No entanto, antes de verificarmos de que forma o *Diário da Tarde* tentou consolidar uma identidade regional utilizando as notícias sobre o conflito, é necessário compreendermos alguns aspectos relativos à importância da questão litigiosa entre o Paraná e Santa Catarina durante os acontecimentos que tiveram por palco a região contestada.

Segundo Paulo Pinheiro Machado, apesar da maioria dos lavradores e sitiantes da fronteira entre o Paraná e Santa Catarina serem de origem paranaense, eles simpatizavam com o pleito catarinense, uma vez que poderiam se distanciar do poder dos coronéis que, devido às atividades de grilagem, era mais intenso no Paraná. Para o autor, “a questão de limites foi decisiva para a adesão de comunidades inteiras a vida das ‘Cidades Santas’ e a solução institucional deste problema foi decisiva para impedir um ressurgimento do levante *sertanejo*”.²⁰⁸

Os documentos do período divergem quanto à relevância da questão de limites para o conflito. Segundo Herculano Teixeira D’Assumpção, militar que lutou em uma das colunas de ataque: "As

²⁰⁸ MACHADO, op. cit., pp.107 e 124.

intrigas sobre o litígio do território contestado foram as principais causadoras da anormalidade dos sertões, nos primórdios do seu movimento armado".²⁰⁹ Para o General Setembrino de Carvalho, que esteve no território contestado de setembro de 1914 a maio de 1915, o litígio foi um aspecto importante. Em uma correspondência dirigida a Felipe Schmidt, então governador de Santa Catarina, o militar enfatizou a "imperiosa necessidade de por um termo á antiga questão de limites que o estado de Santa Catarina mantém com o Paraná".²¹⁰ Segundo Setembrino de Carvalho o litígio "tem concorrido bastante para esse estado de anarquia, que ha alguns annos vem se manifestando no território contestado"²¹¹. Porém, o militar concluiu que apesar da "religiosidade primitiva" e da questão dos limites entre os dois estados, "o verdadeiro pretexto está na politicagem, que separa por interesses opostos, os cabos eleitoraes de taes sertões".²¹² Portanto, mesmo apontando para a importância do litígio para a eclosão do conflito, em sua opinião o verdadeiro motivo residia na política local, questões que se confundem e se completam no contexto da disputa territorial.

Em seu relatório, Setembrino de Carvalho publicou depoimentos e relatos sobre alguns participantes do Movimento, para os quais o litígio teve importância crucial. Um deles foi Henrique Wolland, conhecido na região como "Alemãozinho",²¹³ um dos comandantes de

²⁰⁹ D'ASSUMPCÃO, op. cit., p.213.

²¹⁰ CARVALHO, **Relatório**..., op. cit., p.334, anexo 31.

²¹¹ Idem.

²¹² Ibidem, p.3.

²¹³ Henrique Wolland, o "Alemãozinho" era desertor da Marinha de Guerra alemã e, ao que parece, estava a alguns anos na região, uma vez que possuía "sotaque caipira" e conhecia todos os caminhos e redutos, apesar de ter atuado nas proximidades do Rio Negro e Canoinhas. Tornou-se uma liderança *sertaneja*, comandando vários homens. Foi um dos primeiros líderes a se entregar às forças do General Setembrino de Carvalho, declarando estar descrente da guerra. Passou a auxiliar o Exército na captura de outros rebeldes. Ver QUEIROZ, op. cit., pp.155 e 213.

redutos: "E como commandante brigou sempre pela execução da sentença de limites entre os dois estados. O fanatismo era apenas um meio para a consecução daquelle objectivo".²¹⁴

No relatório do militar também foi publicada uma carta, escrita em dezembro de 1914 pelo líder rebelde Antonio Tavares Junior, em resposta ao major Taurino de Rezende.

A causa que defendemos é uma causa sacrosanta, mas que infelizmente até hoje tem sido descuidada pela nefasta negligencia dos ex-governadores do meu pobre Estado, e que é a apodrecida questão de limites.

Só temos um lemma e esse é: execução da sentença ou morte ! São, illustrissimo senhor, dez mil famílias que se sentem ignominiadas por essa conspiração vexatória do Direito, da Lei e da Justiça, feito exclusivamente para satisfazer capricho sem razão de ser, de meia dúzia de politiqueros e acolytada pela "sede insaciável dos nossos visinhos".

São dez mil famílias que choram o longinquo bem estar de suas residências, são dez mil famílias emfim, que preferem se entregar em holocausto a supportarem à ambição desmedida e perseguição continuas do sequioso Paraná. Foi, pois, impulsionado por esse brado de desespero e de justiça que corri ás armas para, ao protesto expontaneo e unanime desse povo bem digno de chamar-se brasileiro, juntar o meu e os meus resumidos esforços, esquecendo filhos, vida e propriedade e não

²¹⁴ CARVALHO, **Relatório...**, op. cit., p.90.

*para espalhar o sangue e me tornar bandido de que, me acoi-
ma o Paraná. Não pesará acaso na enigmática consciência do
ex-presidente da República esta lista fraticida? Certamente,
não; porque pesaria também, nesse caso, o não sei quantos
mezes de vergonhoso estado de sitio!*²¹⁵

Na carta, Antonio Tavares Junior credita à questão de limites o motivo da rebelião de seu grupo, afirmando que dez mil famílias sofriam com a indefinição da sentença. Neste relato, devemos levar em consideração alguns fatores. Primeiramente, Antonio Tavares Junior morava na região de Canoinhas, próximo ao Rio Negro, portanto, local onde o litígio era disputado ferrenhamente. Outra questão importante de ser verificada se refere à maneira como esse líder entrou no conflito. Segundo Maurício Vinhas de Queiroz, ele era uma espécie de secretário de um importante capataz do prefeito e chefe político de Canoinhas. Esse capataz, conhecido como Bonifácio Papudo, sofreu grande influência de Antonio Tavares Junior ao se rebelar contra o prefeito. Ao que parece eles atenderam a uma solicitação de Aleixo Gonçalves, outro importante líder *sertanejo*, carregando consigo quase toda a população que morava no local.²¹⁶

Aleixo Gonçalves residia em São Bento há muito tempo, porém possuía terras registradas em cartórios catarinenses, em Três Barras e na região contestada. No entanto, outra família registrou essas

²¹⁵ Ibidem, anexo 15.

²¹⁶ SOARES, J. O. Pinto. **Guerra em sertões brasileiros** (do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina). Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931, p.79.

propriedades no Paraná, vendendo-as em seguida para a *Southern Brazil and Colonization Company*.²¹⁷

O fato é que esses líderes conseguiram reunir mais de mil homens dispostos à luta. No entanto, os documentos não deixam claro se a maioria desses *sertanejos* realmente estava preocupada com a questão de limites. Acreditamos que eles compartilhavam dos mesmos valores e esperanças presentes nos demais redutos, pois, segundo uma entrevista concedida a Queiroz, Antonio Tavares Junior havia demonstrado certo oportunismo ao assumir como seus alguns dos principais interesses dos seguidores de José Maria: “Como o povo queria a monarquia, para que o povo o seguisse, também disse que lutava pela monarquia”.²¹⁸ Como sabia escrever, acabou por representar os demais, em sua grande maioria analfabetos. Apesar de singular, seu relato certamente encontrou eco entre muitas pessoas, confundindo-se com outras vozes no interior do Movimento.

Baseados nos itens expostos, acreditamos que para alguns moradores, principalmente os mais influentes, a questão de limites possuía relevância, o que não significa que eles não compartilhassem dos valores ou crenças que alimentaram o Movimento. No entanto, para os sitiantes e posseiros que moravam nas regiões próximas à divisa, a questão estava além de uma demarcação política das fronteiras. Eles queriam viver suas vidas sem a interferência de políticos ou coronéis, importando menos o estado no qual residiam do que a segurança de terem tranquilidade em suas terras.

²¹⁷ Companhia que firmou contrato com o governo federal para explorar as terras que margeavam a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande.

²¹⁸ Depoimento Rosa e Fohy, In: QUEIROZ, op. cit., p.165.

O litígio entre Paraná e Santa Catarina foi um ponto de recorrência e sob o qual se desenvolveram acirrados debates nas páginas do *Diário da Tarde*, especialmente durante o Movimento. A maioria das notícias referentes a essa temática sempre estiveram relacionadas ao conflito. Partindo dessa disputa, textos irônicos, piadas e relatos ressentidos foram constantes. Essas táticas de escrita revelam tendências de manipulação de opinião²¹⁹ por meio de construções discursivas regionalistas, buscando incitar o público leitor paranaense para o debate e tentando, sobretudo, formar uma identidade regional.

É importante lembrarmos que a questão cartográfica, de delimitação de fronteiras, seja em nível nacional ou estadual, foi fundamental no século XIX e início do XX, período em que a recém-instaurada ordem republicana buscava consolidar seu domínio sobre o território nacional. Nesse sentido, a ideia de fronteira constituiu um importante elemento do imaginário da época. Delimitar fronteiras significava saber o tamanho da extensão de um poder, além de indicar a inclusão ou exclusão de determinados grupos sociais no interior de uma nacionalidade, ainda que heterogênea. Fronteira representou uma ideia bem delimitada e fundamental para a construção de uma identidade nacional e regional.²²⁰

Visando essa construção, o *Diário da Tarde* funcionou como articulador de uma identidade territorial. Primeiramente, utilizando-se

²¹⁹ GALVÃO, *No calor...*, p.33.

²²⁰ Conforme Nísia Trindade Lima, a ideia de fronteira foi utilizada por diversos estudiosos para explicar a democracia norte-americana e persiste como modelo explicativo para se pensar essa sociedade. Somente é possível pensar semelhante essa ideia de fronteira para o Brasil na medida em que “Em ambos os casos, temos um espaço de contornos geográficos pouco definidos, representado como o lugar onde se desenvolveria o mais típico da identidade nacional.” LIMA, op. cit., p.42.

da figura dos soldados paranaenses mortos em combate. Num segundo momento, por meio das referências à ingenuidade e ignorância dos sertanejos e ao poder de manipulação dos governantes catarinenses.

É possível percebermos também, por meio dessas notícias, a explosão de tensões e ressentimentos – ligados à questão de limites – com Santa Catarina e, após alguns meses, com o governo federal, bem como a solidificação de um sentimento regionalista, elaborado e evidenciado através dos discursos sobre o Movimento do Contestado.

Ao receber as primeiras informações referentes ao conflito, o *Diário da Tarde* enfatizou as intenções monárquicas dos rebeldes descartando, entretanto, a questão de limites como um dos motivos de sua eclosão. A partir do início de outubro de 1912, pouco antes da morte de João Gualberto, as notícias ganharam um outro caráter, indicando a possibilidade de que a reunião dos sertanejos seria um ardid catarinense para se apropriar do território contestado. Primeiramente, surgiram informações questionando a gravidade do conflito “Ainda o caso de S. Catharina – Será mesmo o que dizem? – Quase ninguém acredita na blague”.²²¹ A partir de então, inúmeras notas de incredulidade foram publicadas. “A colônia paranaense aqui está cada vez mais inclinada a crer que há fins ocultos em toda essa ridícula e espalhafatosa comédia”.²²² Até esse momento o *Diário da Tarde* colocou em dúvida não somente a seriedade do Movimento, como também a sua existência. No entanto, é importante enfatizar que a imprensa deixava transparecer uma certa dificuldade no sentido de estabelecer de forma clara e concreta o que realmente estava acontecendo. Essa incerteza foi

²²¹ *Diário da Tarde*. Curitiba, 27 de setembro de 1912, nº 4184, p.1, c. 4.

²²² *Diário da Tarde*. Curitiba, 30 de setembro de 1912, nº 4186, p.1, c. 4.

transmitida ao leitor por meio de diversas notícias. Na dúvida, o estado vizinho era acusado como responsável pelos acontecimentos.

Em 19 de outubro do mesmo ano, momento em que o grupo de José Maria já estava em território paranaense, o *Diário da Tarde*, reproduzindo uma informação veiculada no Rio de Janeiro, afirmou que a situação na região do contestado era grave, supondo “...que o fanático [José Maria] é mandatário dos catarinenses”.²²³

Após a morte de João Gualberto, o *Diário da Tarde* se preocupou em classificar os lugares do Exército e dos sertanejos na sociedade. Quando os rebeldes voltaram a se reunir, a partir de dezembro de 1913, tornou-se diária a publicação de informes e notícias culpando e, mesmo, agredindo o estado catarinense. Como já comentamos, as narrativas presentes nos periódicos dessa época poderiam caracterizar-se por agressões políticas, indignação ou ainda acusações, criando intrigas e conspirações. Esses elementos foram recorrentes nas notícias sobre o conflito e o principal alvo dessas agressões, desde a primeira nota sobre Taquaruçu, não foram os sertanejos, mas sim os governantes catarinenses.

Essa luta entre imaginários concorrentes nos remete às reflexões de Baczkó, segundo o qual a legitimidade de um poder é duramente disputada entre indivíduos ou grupos, sendo que as relações de força necessitam de uma relação de sentido.²²⁴ No caso do *Diário da Tarde*, remeter à questão litigiosa, chamar a atenção dos paranaenses para os acontecimentos e para as atitudes do governo catarinense e federal, significava buscar uma legitimidade para o seu discurso.

²²³ *Diário da Tarde*. Curitiba, 19 de outubro de 1912, nº 4203, p.4, c. 2.

²²⁴ BACZKO, op. cit., pp.298-299.

Nos momentos de crise os imaginários concorrentes são produzidos e cada qual lutará arduamente para que as suas representações prevaleçam. Uma evidência consiste no fato dos políticos locais também terem sido alvo do ataque paranaense. Ao lado dos termos ignorância, analfabetismo, surgiu a noção de caudilho e cabecilha, referindo-se sempre aos indivíduos que “exploravam” os *sertanejos*. Eles passaram a ser caracterizados, a partir de então, como inimigos do Paraná. As acusações recaíam também sobre o governador catarinense: “Não sei, mas ouvi dizer e li, que José Maria e seus sucessores não passam de títeres cujos cordéis são accionados de dentro do palácio presidencial de Florianópolis”.²²⁵

Rapidamente, o *Diário da Tarde* abandonou a ideia de que os *sertanejos* estariam recebendo auxílio do governo catarinense para afirmar que foi exatamente contra o poder desses governantes que eles lutavam. O político Francisco Ferreira de Albuquerque foi um personagem recorrente na acusação contra os catarinenses. Conforme o discurso do periódico era exatamente contra ele que os *sertanejos*, inclusive o finado *monge*, lutavam.

Foi também nesse momento que o *Diário da Tarde* iniciou o discurso humanitário, defendendo o fim do movimento pela pacificação e a implantação de escolas como única possibilidade de salvação para os revoltosos. Essas narrativas encerram uma ruptura na forma até então habitual do periódico se referir ao conflito. As investidas contra o governo catarinense e contra o governo federal se tornaram mais contundentes.

²²⁵ *Diário da Tarde*, Curitiba, 23 de dezembro de 1913, nº 4568, p.1, c. 6.

Vimos que entre os fanáticos há numeroso grupo de crianças, que, na sua inconsciência, não conhecem o perigo a que se acham expostas: nessas condições, perguntamos: – há quem possa aconselhar a matança desses innocentes, só porque a situação é incommoda para o coronel Albuquerque, que não quer ser perturbado nos seus domínios?

*O sr. Coronel Albuquerque e seus sequazes precisam agora liquidar-a promptamente, mesmo passando por sobre os corpos de mulheres e crianças, para que a sua posição se normalise e elles possam continuar a exercer o seu domínio de regulos absolutos, sem mais incommodos.*²²⁶

Por um lado acusando os catarinenses, por outro, defendendo os *sertanejos*, a partir daquele momento considerados inconscientes e fanáticos. A atitude hostil em relação aos rebeldes passou a ser designada como contrária a própria noção de *civilização*.

No momento em que os governos dispendem verbas extraordinárias com a cathechese dos aborigenes, é revoltante o cynismo d'aquelles que applaudem o derramamento do sangue irmão, tratando-se ainda mais de indivíduos fanatisados por crenças religiosas, inconscientes, portanto, das suas acções. (...)

Nos nossos tempos, entoar hynos ao massacre e ao sangue, é retroceder para o despotismo.

²²⁶ **Diário da Tarde**, Curitiba, 28 de janeiro de 1914, nº 4598, p.4, c. 4.

O progresso humano não póde admittir semelhante covardia.

Que se arvore pois, a flammula da paz sobre a cabeça dos nossos patricios; que elles voltem ao trabalho quotidiano a cooperar para a grandeza da nossa pátria, e que o governo em vez de mandar as forças armadas ‘varrel-os á bala’, envi-em para os nossos povoados a escola e o livro.

*Para traz as idéas sanguinárias! Tudo pela paz e pela humanidade!*²²⁷

A escola e o livro apareceram novamente como condutores para o caminho da civilização e da consciência. Esse pensamento, de humanidade para com a população, convergia à crítica encaminhada pelos intelectuais, homens de imprensa e políticos do início do século XX, a qual cobrava uma atuação mais eficaz do estado em relação ao território e a população, o que se daria, neste caso, por meio da escola.²²⁸ Encontramos aí outro lugar de sentido construído pelo *Diário da Tarde* em relação aos seus leitores.

A crítica referente à modernidade e ao Estado esteve presente, portanto, também no *Diário da Tarde*. Segundo Marilene Weinhardt

Não há qualquer indicação nesse sentido, mas a reviravolta de opinião é tão repentina e radical que se tem a impressão de ter sido contratado um novo redator-chefe, leitor avant

²²⁷ **Diário da Tarde**. Curitiba, 05 de fevereiro de 1914, nº 4605, p.1, c. 3.

²²⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.47.

*la lettre de Os sertões como texto antropológico e sociológico, e não como exemplo de estilo, que era a leitura habitual da época.*²²⁹

As referências aos ideais de monarquia, anteriormente considerados um dos motivos da reunião dos rebeldes, não vigorou mais nas páginas do *Diário da Tarde*. Sua utilização somente foi importante enquanto a responsabilidade recaia sobre o *monge* quando este ainda estava em território paranaense.

Os *sertanejos*, considerados ignorantes, bárbaros e incultos, deveriam ser tutelados pelo Estado – obviamente o paranaense – para então receberem os *benefícios* da ordem e da *civilização*. Para o Paraná, naquele momento de litígio e conflito, tornou-se fundamental a construção de uma identidade regional. Neste sentido, o periódico funcionou como articulador de uma identidade territorial. Primeiramente, utilizando a figura dos soldados mortos em combate e, posteriormente, por meio das referências à ingenuidade e ignorância dos *sertanejos* e ao poder de manipulação dos governantes catarinenses.

A recorrência desse discurso foi importante para o enaltecimento do Paraná e à formação de um sentimento regionalista. Da mesma forma, ao criticarem a ausência de atitudes e o desinteresse do governo federal em relação ao conflito, os narradores do jornal se preocuparam com a construção de uma identidade nacional pautada, entre outros fatores, na inclusão dos marginalizados à *civilização*, na criação de escolas e na necessidade de resolução da questão de limites, ou seja, na definição de suas fronteiras territoriais.

²²⁹ WEINHARDT, op. cit., p.51.

4

CONTESTADO: UMA NARRATIVA DA NACIONALIDADE

4.1. Um projeto de nação

No Brasil, com o advento da República, teve início a formação de uma nova lógica sócio-econômica que trouxe em seu bojo transformações significativas para a população brasileira de forma geral: abolição da escravidão, inexistência de um mercado de trabalho capaz de suprir a mão-de-obra ex-escrava, imigração, trabalho assalariado, mercado interno mais dinâmico com a abertura para a entrada de empresas estrangeiras.²³⁰ Todas essas transformações atingiram não somente as elites que desejaram essas mudanças, como alteraram o modo de vida das populações que viviam nas grandes capitais e no interior do Brasil. Estes últimos, a partir de então, passaram a ser considerados um obstáculo à conquista do progresso e da civilização, principalmente a partir do momento em que passaram a se posicionar de forma contrária à nova instituição política. Exemplos bastante significativos são os Movimentos de Canudos e do Contestado.

Mediante a mudança e as resistências, optou-se pela construção de um conjunto de valores sociais e políticos que legitimassem essa nova ordem, alimentando assim o imaginário social “particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas”.²³¹ Conforme

²³⁰ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio..., p.16.

²³¹ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.11. José Murilo de CARVALHO enfatiza que o imaginário social foi manipulado, através de imagens e símbolos, no momento da mudança social e política republicana, criando novas identidades coletivas, formando almas. Não concordamos com a ideia de manipulação defendida pelo autor. Ao contrário, os imaginários sociais são construídos e legitimados por todas as pessoas que o vivenciam.

apontam os estudos de José Murilo de Carvalho, isso pode ser afirmado, principalmente, em relação à população da capital, a qual foi “bombardeada” com insígnias referentes ao novo modelo político (como imagens, alegorias e mitos).²³² Porém, quando não foram apreendidas de forma difusa, contraditória e vagarosa, essas tentativas de dotar de sentido a República falharam diante da população pobre e marginalizada. “Sem raiz na vivência coletiva, a simbologia republicana caiu no vazio”.²³³ Em relação aos moradores do interior, a questão se tornou mais grave uma vez que estes brasileiros não foram alvo de grandes propagandas republicanas. Distantes das mudanças ocorridas no litoral, a República, para muitas pessoas, não fazia sentido, principalmente se levarmos em consideração que em diversas regiões do Brasil existia um sentimento saudosista e idealizado dos tempos monárquicos. Dotada de significações e sentidos em uma nova comunidade de imaginação que passou a ser gestada – forma que encontrou para a legitimidade social – a República encontrou nos *sertanejos* do Contestado (e em tantos outros movimentos sociais) seu a-sentido. Por isso, seu consequente desmoronamento, ou desencantamento para alguns.

Excluídos das decisões relativas ao comando do país e sentindo as transformações que se processavam em diversos aspectos de sua vivência, os moradores do interior nem sempre puderam aceitar ou compreender essas alterações. Ao contrário, seu modo de viver e seus valores foram postos em xeque, pois eles não compartilhavam das necessidades e das crenças pretendidas pelo imaginário republicano, cujos ideais pleiteavam um ser *civilizado, liberal e moderno*. Nicolau Sevcenko exemplifica um pouco dessa vivência cotidiana dos

²³² Ibidem, principalmente pp.11, 52, 53, 141.

²³³ Ibidem, p.141.

sertanejos confrontada com o mundo republicano quando se refere aos habitantes de Canudos:

Eram apenas trabalhadores rurais pobres, sem nenhuma educação formal, com um profundo sentimento religioso, e que estavam atordoados por mudanças de grande impacto simbólico ocorridas num repente, sem que eles fossem minimamente esclarecidos sobre seu significado, seu surgimento ou sua razão de ser. Para eles, como para o grosso da população alheada dos processo decisórios, o imperador era uma figura sagrada, assim como o eram o sacramento do matrimônio ou o campo santo dos cemitérios. A deposição do monarca, assim como a separação da Igreja e do Estado, decretada pelos republicanos, só poderia lhes soar como atos, além de incompreensíveis, de desprezo e profanação de suas crenças mais íntimas e sublimes.²³⁴

Certamente cada lugar do país teve suas especificidades quando ao modo de viver e pensar das populações interioranas. Apesar disso, alguns aspectos levantados por diversos autores, podem ser apontados como comuns a vários grupos.²³⁵

²³⁴ SEVCENKO, O prelúdio..., p.19.

²³⁵ Como, por exemplo, os trabalhos de: CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: UNESP, 1997 e WISSENBA-CH, op. cit.

No caso da região onde ocorreu o Movimento do Contestado, todo esse processo foi impulsionado, entre outros fatores, pela concessão de terras à *Brazil Railway Company*, culminando em consideráveis alterações em relação aos interesses entre os poderes locais e estaduais, os quais, a partir de então, estabeleceram alianças objetivando maior lucro e poder. "Um clima de negociatas se instaura, beneficiando chefes políticos situacionistas, membros das oligarquias e 'coronéis' influentes do interior, que se transformam em 'sócios menores', tirando proveito, ainda que marginalmente, desse surto de crescimento econômico".²³⁶ A emergência do trabalho assalariado nesse local trouxe consigo uma nova relação hierárquica, substituindo as relações de parentesco e o paternalismo característico do *coronelismo* brasileiro. Muitos grupos ficaram excluídos dos benefícios trazidos pela modernização do país, apesar de sentirem em suas relações cotidianas as transformações que ocorreram, como no caso de muitas pessoas que viviam no interior de Santa Catarina e do Paraná.

Essas mudanças, portanto, estiveram vinculadas ao início de um novo momento político no Brasil. Instituído há pouco tempo e atrelado às novas relações de trabalho inseridas na região por meio da presença das empresas da *Brazil Railway Company*, a República significou, não somente para os moradores daquela região, o fim da Monarquia e o início de uma nova era que, associada à decadência das relações de fidelidade, representou um momento negativo, de infelicidade e insegurança.

Porém, respostas às investidas republicanas não tardaram. Como todo poder e toda dominação nunca são totalmente eficientes,

²³⁶ MONTEIRO, *Os errantes*, p.30.

os *sertanejos*, utilizando elementos da sua cultura, consolidaram uma identidade e definiram os papéis sociais e os códigos necessários para a criação de uma outra sociedade, por eles nomeada como *Cidade Santa*. Construíram esse local com o intuito de aguardar o retorno de seu líder espiritual, *monge* José Maria, para restabelecer alguns aspectos das relações e das formas de convivência esfaceladas com o início da República e criar uma nova realidade, diferente daquela na qual viviam.

Boa parte dos trabalhos relativos ao Movimento do Contestado voltaram-se para o estudo deste universo cultural e valorativo dos participantes do conflito tendo como principais noções explicativas a ideia de messianismo, de milenarismo e de monarquia.²³⁷

A formação dos redutos sertanejos constitui um bom exemplo da evidência das falhas e problemas relativos a essa racionalidade, tão valorizada na virada do século XIX para o XX. Conforme Castoriadis, o mundo moderno foi aquele que impeliu a racionalização ao seu extremo,²³⁸ atribuindo-se a liberdade de, em nome do racionalismo, desprezar, excluir, culpar ou simplesmente delegar à irresponsabilidade, inconsciência ou loucura sociedades distintas. O Movimento do Contestado, entre outros acontecimentos do período, foi objeto dessa perspectiva de compreensão. As atitudes tomadas pelos moradores da

²³⁷ O milenarismo constitui a crença na realização terrena da felicidade, em contraposição a um presente de discórdias e misérias, que teria a duração de mil anos. A temporalidade, neste caso, permite a destruição e a idealização utópica a partir da relação entre passado, presente e futuro. Muitas vezes, na crença milenarista, a chegada de um salvador, de um messias, torna-se fundamental para a instauração desse tempo de felicidade, por isso a denominação de messianismo. Ver: SPIG, **A presença...** e GALLO, **O Contestado: o sonho...**, pp.144-145.

²³⁸ CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pp.187-188.

região contestada, ao formarem redutos, foram consideradas para os pensadores do período fruto da cultura da sociedade precedente à *modernidade*, ou seja, a sociedade rústica, tradicional, historicamente construída como oposto do *progresso* e da *civilização*, identificada com a ideia de permanência dos costumes. Da mesma forma, a região onde moravam foi designada como atrasada, uma vez que era habitada por indivíduos analfabetos. Contraditoriamente, ao passo que se constituiu um pensamento de exclusão em relação aos moradores do interior do Brasil, esse local também passou a ser representado como habitat do homem autenticamente brasileiro, exatamente por ainda não ter estabelecido contato com a sociedade moderna, ambiguidade que como já vimos fez parte das narrativas da nacionalidade.

Há que se considerar ainda para esse contexto os caminhos adotados pelos precursores da ciência social brasileira que, seguindo a linha da evolução histórica em suas análises, buscaram encontrar o lugar do povo brasileiro nessa luta contínua pelo *progresso*, partindo de pressupostos tomados do positivismo de Comte, do darwinismo social e do evolucionismo de Spencer.²³⁹ Esses pensadores elaboraram um parecer sobre o país e sobre aqueles que nele habitavam, classificando-os e determinando o seu lugar, tanto na cadeia evolutiva quanto na hierarquia social. Aqueles que ficaram no início dessa cadeia (e tiveram o lugar mais raso da hierarquia) tornaram-se obstáculo para o alcance da condição de *civilizado*. Por isso, diversas medidas foram adotadas durante o período Republicano no sentido de alcançar esse objetivo. As barreiras deveriam ser eliminadas, ou seja, no imaginário

²³⁹ Questões apontadas por HERMANN, op. cit., pp.127-128 e ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: _____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.14.

coletivo dos grupos letrados, a ordem era tentar superar todos os elementos que representavam o atraso.

Diversos autores têm defendido a ideia de que as teorias explicativas da nacionalidade brasileira estiveram pautadas em noções comuns, evidenciando um amplo campo imaginário referente ao *ser* brasileiro e ao território como nação. Formou-se, portanto uma problemática nacional, cujas temáticas e padrões explicativos foram (e na opinião de alguns ainda são) persistentes.²⁴⁰ Obviamente, à essa *padronização* das ideias existem exceções. Entretanto, estamos considerando a formação de um pensamento paradigmático que evidenciou a necessidade de uma busca pela legitimidade das ideias hegemônicas, principalmente nesse momento em que um novo sistema de governo procurou ser consolidado. A construção de identidades e a eliminação do outro (principalmente daqueles que se posicionaram contrariamente ao novo sistema), são elementos fundamentais para compreendermos o estabelecimento e a aceitação desse pensamento social no Brasil.

Baseados nessas premissas, os intelectuais brasileiros elaboraram diversos pareceres sobre os impasses que assolavam o país, buscando respostas e sugerindo alternativas, ainda que utópicas, quanto ao futuro de uma pretendida nação. De forma quase profética sugeriu Euclides da Cunha:

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural

²⁴⁰ Questões discutidas por HERMANN, op. cit., LIMA, op. cit., NAXARA, **Es-trangeiro...**; VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p.35, entre outros.

dos fatos. A nossa evolução biológica, reclama a garantia da evolução social.

Estamos condenados à civilização.

Ou progredimos, ou desaparecemos.

*A afirmativa é segura.*²⁴¹

A civilização não era somente um fim almejado, era o destino para o qual se encaminhava a humanidade. Mas como lidar com a parcela da sociedade que ainda estava alheia a esse processo? Os conflitos sociais demonstravam que era preciso incluí-los rapidamente no caminho da *modernidade*. Como isso poderia ser realizado? Tentando responder a essas questões, os pensadores sociais brasileiros elaboraram respostas e pareceres, indicando os espaços que pertenciam à nação e outros pensados “como Brasil a *ser*, em sua incompleta condição de parte do ideal nacional”.²⁴²

Diversas propostas foram apresentadas por esses estudiosos, no sentido de buscar incluir a parte inculta do Brasil. Um dos principais itens sugeridos girou em torno da necessidade de educação como meio de incorporação social. O analfabetismo e a ignorância foram entendidos como barreiras para o alcance da modernidade. Em contraposição, o iluminismo e a cultura letrada foram elementos privilegiados na busca pelo progresso. A criação de estradas ligando os territórios distantes do país, os *sertões*, também esteve presente nas propostas veiculadas pelos cientistas sociais, estabelecendo comunicações e encurtando as distâncias.

²⁴¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001, p.71.

²⁴² VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p.39.

4. 2. O homem e o meio no pensamento social brasileiro

Para aqueles que diagnosticaram os problemas do Brasil no início do XX, construindo, registrando e opinando sobre a história e o futuro da pátria, a relação homem-natureza encontrou um lugar privilegiado como objeto de análise, apoiada na tensão entre as concepções científicas e românticas. Seguindo essa linha de pensamento, as representações sobre o *sertão* e o litoral como espaços opostos, foram objeto de diferentes tentativas de interpretação, precedendo a própria concepção da ideia de *nação* brasileira. O litoral foi considerado civilizado e moderno, porém, parasita e superficial, e o *sertão*, apesar de atrasado e inculto, tornou-se a porção territorial autêntica, *habitat* do verdadeiro brasileiro. Portanto, o Brasil autêntico estaria localizado no interior “e não no litoral deslumbrado pela Europa”.²⁴³

Esse caminho, percorrido pelos analistas da nacionalidade brasileira, esteve relacionado com uma afirmativa que tem sido recorrente em diversos estudos recentes, centrados nas reflexões referentes ao pensamento social brasileiro: o sentir-se estrangeiro em sua própria terra, por parte dos intelectuais que pensaram o Brasil no final do século XIX e início do XX.²⁴⁴ Esse sentimento, um tanto quanto contraditório, formou-se sob a necessidade, por parte desses indivíduos, de pensar a nacionalidade, projetando um ideal em relação ao futuro.

²⁴³ GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. In: **Literatura e Sociedade**. São Paulo, nº 5, pp.44-55, 2000, p.47.

²⁴⁴ LIMA, op. cit.; NAXARA, **Estrangeiro...**

Ao se voltarem para um passado histórico, traduzido pela busca das raízes da nacionalidade, os intelectuais brasileiros se depararam com elementos que, ao contrário de conduzirem a uma unidade nacional, demonstraram o caráter heterogêneo da população brasileira. Durante o percurso pela busca de uma identidade e mediante a impossibilidade de fundar uma nação baseada na unidade, diversos pensadores se voltaram para os aspectos relacionados à natureza em sua relação com a formação do povo brasileiro e para a consciência do espaço, elementos que forneceram “as bases da integração necessária ao estabelecimento da fórmula de um projeto de nação”.²⁴⁵

Portanto, a tentativa de consolidação de uma identidade nos permite verificar a existência de um projeto de nação. A negociação simbólica dos papéis sociais e dos espaços territoriais possibilitou a definição de objetivos comuns, a legitimação de ideias e a mobilização em torno de práticas consideradas necessárias para a consolidação dessa nacionalidade. Veiculando imagens e símbolos ou se revestindo de ações violentas frente aos inimigos, as representações criadas pelo novo sistema sócio-político-econômico também foram fundamentais na consolidação de um pensamento relativo à formação da nação brasileira. Nesse sentido, o sentimento de identidade esteve atrelado, principalmente, à constituição da população brasileira em sua relação com o meio.

A representação do espaço brasileiro como natureza paradisíaca e perigosa esteve presente desde a chegada dos portugueses, já na carta de Pero Vaz de Caminha ou na perspectiva dos jesuítas imbuídos

²⁴⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lipi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: _____. **Americanos: representações da identidade cultural nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p.69.

da necessidade de cristianizar os “bárbaros” nativos. Desde então, tem sido retomada como mito de origem por diversos estudiosos da nacionalidade brasileira, sempre em uma vertente dualista, ora remetendo ao paraíso, no qual vigorava a autenticidade brasileira, ora ao inferno, local inóspito e despovoado.²⁴⁶

Segundo Regina Abreu, existiram no pensamento social desse período duas vertentes para se pensar o Brasil e os brasileiros. Uma, com raízes no iluminismo, possibilitou a construção de uma representação do nacional pautada no racionalismo e com vistas à conquista de um grau de *civilização e progresso*, ideais esses baseados “num modelo universalista e cosmopolita das grandes reformas urbanas, das obras que difundiam novas regras de higiene e bom-gosto”.²⁴⁷ Nessa direção, construiu-se uma ideia negativa de *sertão*, percorrendo o caminho cientificista e realista onde o espaço interior e a sua população foram caracterizados como uma barreira para o alcance do *progresso*. Contrastando com essa visão, existiu uma perspectiva romântica, que procurou o nacional nas singularidades da cultura do país. Nesse viés, o *sertanejo*, sua forma de vida, seus hábitos e crenças, foram considerados autênticos, representantes do verdadeiro homem nacional. Ou seja, eram os brasileiros em seu estado mais puro, pois ainda não haviam sido contaminados pela influência externa. Aqui, o sertão foi caracterizado de forma positiva, como símbolo da nacionalidade, como um local melancólico e saudoso, onde prevaleceram hábitos e costumes não corrompidos pela população litorânea.

²⁴⁶ Ibidem, p.70.

²⁴⁷ ABREU, **O enigma...**, p.247.

Há que se considerar ainda o fato de essa população interiorana ter sido alvo de explicações teóricas raciais que lhes delegaram aspectos degenerativos, devido à miscigenação sofrida no decorrer de sua história. Certamente, nos casos dos movimentos sociais, essa última teoria foi acionada constantemente, com o objetivo de legitimar a destruição daqueles que por uma determinada tendência genética, opunham-se ao progresso da nacionalidade brasileira.²⁴⁸ De qualquer forma, em ambos os casos, a recorrência à categoria de *sertão*, na forma usual com a qual foi apropriada pelos narradores da nacionalidade, tornou-se simbólica acionando um pensamento referente não somente a uma parte do Brasil, mas, também, a uma população e a um modo de vida característicos.

A noção de temporalidade que imperou nesse pensamento atribuiu ao meio *sertão* uma permanência relacionada à interação de costumes, hábitos e história. Como se, isolados, tivessem saído ilesos dos acontecimentos que afetaram o litoral, existindo, portanto, duas temporalidades na sociedade brasileira. Euclides da Cunha, por exemplo, acreditou na possibilidade de uma sincronização do tempo social do *sertão* e do litoral, que se daria por meio da interferência dos poderes governamentais. A sincronização do tempo possibilitaria à sociedade sertaneja alcançar o *progresso*.²⁴⁹

Pensada pelos primeiros colonizadores portugueses, a categoria *sertão* somente pode ser instituída a partir do local onde era observada: o litoral. Nesse sentido, devido a uma experiência histórica de alguns séculos, esses dois termos representam opostos de um mesmo

²⁴⁸ Esta questão é apontada de diversas formas, por: HERMANN, op. cit., LIMA, op. cit., OLIVEIRA, A conquista..., VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, op. cit., entre outros.

²⁴⁹ A questão da temporalidade em Euclides da Cunha é discutida por OLIVEIRA, A conquista..., pp.75-76.

território. Segundo Janaína Amado “ambas foram categorias complementares porque, como em um jogo de espelhos, uma foi sendo construída em função da outra, refletindo a outra de forma invertida, a tal ponto que, sem seu principal referente (litoral, costa), ‘sertão’ esvaziava-se de sentido, tornando-se ininteligível, e vice-versa”.²⁵⁰

Presente desde o século XVI, o termo sertão adquiriu, com o passar do tempo, importância na historiografia nacional, principalmente na virada do século XIX para o XX, momento em que ocorreu uma significativa reflexão sobre a identidade nacional. Os historiadores que tiveram sua produção vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como Varnhagen, Capistrano de Abreu e Oliveira Viana, passando por Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, todos construíram, cada um a seu modo, reflexões referentes à nacionalidade utilizando a noção de *sertão*. Janaína Amado, ao refletir sobre essa questão, indicou diferentes vertentes que o adotaram: a cultural – relativa à literatura que originou o regionalismo –, a cinematográfica e a musical; a espacial, indicando aspectos relacionados à geografia do território brasileiro; a do pensamento social, que utilizou o termo como uma categoria de entendimento do Brasil.²⁵¹

Apropriado de forma alegórica e genérica, foi utilizado para designar toda a extensão do interior brasileiro: o interior sulino, o centro-oeste, o nordeste e o norte, indicando não somente uma parte

²⁵⁰ AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, nº 15, 1995, p.149.

²⁵¹ *Ibidem*, pp.145-148.

geográfica do território, mas, principalmente, um *habitat* social.²⁵²

Como parte do território nacional e uma vez que se desejava o progresso, não era mais possível deixar essa região do Brasil à margem. Assim, “sertão seria mesmo a prova da existência de fronteiras internas que ameaçavam a nacionalidade”.²⁵³ Era preciso incluí-lo, alfabetizando sua população, construindo estradas, escolas e hospitais. Por esse motivo, a inclusão do *sertão* passou a constituir, para os narradores da nacionalidade, um elemento fundamental do projeto de uma nação brasileira determinando os rumos da nacionalidade.²⁵⁴

O processo de construção de uma teoria explicativa da sociedade brasileira, utilizando os opostos *sertão-litoral*, ocorreu paralelamente à formação de uma *intelligentsia* no país, conforme Nísia Trindade Lima, para quem as categorias de meio e raça não somente foram recorrentes ao se pensar um projeto de nação mas persistiram até 1964.²⁵⁵

Talvez, o trabalho que melhor demonstre a importância dada a essas categorias tenha sido a paradigmática obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Como bem apontou Renato Ortiz,²⁵⁶ não por acaso, o título dos dois primeiros capítulos é *A terra e O Homem*. Também não foi por acaso que alguns autores que se voltaram para o Contestado

²⁵² Conforme Janaína Amado o termo *sertão* foi (e ainda é) utilizado como categoria espacial para designar uma das subáreas nordestinas, mas, principalmente, o nordeste brasileiro, partes do território do Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, o extremo oeste catarinense e paranaense, em São Paulo às proximidades de Sorocaba, no Amazonas, a fronteira com a Venezuela conhecida como “sertão de dentro” e no Rio Grande do Sul as fronteiras com o Uruguai, conhecida como “sertão de fora”. Ibidem, 145. Ver também VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p.58.

²⁵³ OLIVEIRA, A conquista..., p.76.

²⁵⁴ VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p.58.

²⁵⁵ LIMA, op.cit.

²⁵⁶ ORTIZ, op. cit., p.16.

adotaram terminologias aproximadas ou ainda os próprios títulos acima mencionados. Diversas pessoas que analisaram o Contestado, seja no início do século XX ou nas décadas posteriores, apropriaram-se dessas categorias no intuito de explicar o conflito. Muitos solicitaram a figura euclidiana para narrar os fatos. Outras utilizaram uma estrutura parecida com aquela presente em *Os Sertões* para narrar o Movimento do Contestado. Euclides da Cunha, ao escrever sobre Canudos, criou arquétipos que passaram a representar as expectativas das elites intelectuais e políticas do período. De que maneira isso ocorreu e de que forma as narrativas sobre o Contestado se assemelhavam às aquelas que serviram de diagnóstico para o restante do país?

Para responder a essas indagações, analisaremos, neste capítulo, os textos dos militares que escreveram sobre o Contestado. Em suas narrativas eles relataram, principalmente, aspectos referentes aos conflitos cotidianos que enfrentaram no *front*. Entretanto, seus textos não se restringiram somente à apresentação dos acontecimentos diários de guerra. Alguns realizaram uma reflexão do homem *sertanejo* em relação à *nação* brasileira e elaboraram uma representação sobre o morador do Contestado, sobre as características do seu *habitat*, sobre os seus valores e crenças, indicando caminhos necessários para a resolução de conflitos desse gênero. Os pensadores do Contestado assumiram o discurso hegemônico da nacionalidade, no interior do qual falar sobre os *sertanejos* também significou pensar a *nação*. Que elementos estiveram presentes nesse discurso? Talvez, ao realizarmos esse percurso, poderemos compreender melhor porque Canudos tem sido adotado com certa frequência nos estudos referentes ao Contestado.

4.3. Algumas narrativas sobre o Movimento do Contestado

As categorias anteriormente discutidas e as preocupações relacionadas à formação de uma identidade nacional estiveram presentes nas representações criadas pelos intelectuais, jornalistas e elites letradas do país. Nos relatos militares sobre o Contestado, também podemos perceber a existência de ambiguidades e indefinições que permearam as tentativas de constituição da *nação* brasileira, bem como o desejo de modernizar o território nacional, incluindo os *bárbaros*, tornando-os parte da pretendida *civilização*.

Assim como os intelectuais, os militares tiveram muitos momentos de dúvidas e incertezas, tanto no confronto direto com os sertanejos como nos caminhos que o Exército deveria assumir como defensor da *pátria*. Levando em consideração as particularidades de cada um desses indivíduos – fundamentais na construção subjetiva do papel que atribuíram a si próprios –, acredito ser possível considerar seu discurso como parte de uma comunidade de sentido que orientou o projeto de formação de uma identidade nacional nas primeiras décadas do século XX.

Os relatos militares constituem narrativas que, devido à sua recorrente utilização e também por constituírem um dos poucos registros escritos sobre o conflito, tornaram-se fundamentais para o estudo e compreensão deste. Muito do que conhecemos hoje como Movimento do Contestado foi edificado sobre esses relatos, que consolidaram uma representação sobre o evento. Esses documentos evidenciam o posicionamento assumido pelo Exército naquele momento, os motivos

e interesses relativos à sua ação no *front*, além de serem porta-vozes importantes na glorificação do Exército e na justificativa das derrotas.

As narrativas militares podem ser consideradas modelos de compreensão que fixaram acontecimentos e problemáticas para se pensar o Brasil, partindo de uma tentativa de entender ou simplesmente narrar o Movimento do Contestado. Os militares que escreveram sobre o conflito, portanto, podem ser considerados narradores da nacionalidade. Além de relatarem os acontecimentos, também se voltaram para reflexões em torno dos problemas sociais e políticos que afligiam a nação, indicando soluções possíveis para sua resolução.

Conforme o historiador Rogério Rosa Rodrigues, esses indivíduos se consideravam “os baluartes do patriotismo”,²⁵⁷ questão importante para a constituição de uma nova instituição militar no início do século XX. Nesse período, o Exército passava por uma tentativa de modernização e reformulação de suas doutrinas e ideias, por meio de novas táticas, equipamentos e moralização de suas condutas, “construindo uma imagem do militar como um cidadão que se preocupava e participava dos interesses político-sociais da nação”.²⁵⁸ Esse momento coincidiu com o Movimento do Contestado e nos escritos dos militares é perceptível, de forma bastante enfática, um sentimento de responsabilidade quanto ao futuro do país. Neste caso, a construção de sentido se deu, principalmente, por meio da inculcação de ideais, onde a missão desse grupo seria a de salvaguardar os interesses da pátria.

²⁵⁷ RODRIGUES, op. cit., p.16.

²⁵⁸ Segundo Rogério Rosa Rodrigues, o auge de tais discussões ocorreu em 1914, momento estratégico para o enaltecimento da instituição militar e oportuno para despertar o sentimento nacionalista, pois coincidiu com a Primeira Grande Guerra. *Ibidem*, p.22.

Nas propostas relativas às reformulações de que o Exército era alvo, as noções em vigor no pensamento social brasileiro ganharam espaço, compondo um imaginário social hegemônico que envolvia intelectuais, políticos e militares. Segundo Rodrigues, era uma discussão ampla que visava construir um sentimento nacionalista “tendo a ideologia e a corporação militar como modelo”.²⁵⁹ Extrapolando a função de defensor do território, o Exército deveria solucionar os problemas brasileiros e resolver questões relacionadas à ausência de um ideal, ao desrespeito às leis e aos símbolos nacionais.²⁶⁰

Conforme Rodrigues, o Contestado teria representado, para a corporação militar, um importante elemento de valorização desses ideais, demonstrando a importância do Exército para o país, principalmente nos momentos de conflito. Possibilitou ainda a incorporação de um sentimento nacionalista para muitos soldados e para a população de uma forma geral.

Devido a estas questões, selecionamos alguns textos escritos por militares que têm sido utilizados com frequência nos estudos sobre o Contestado. Um dos documentos mais recorrentes na historiografia sobre o conflito consiste em um relatório de guerra apresentado pelo militar Fernando Setembrino de Carvalho, comandante das forças do Exército contra os redutos rebeldes. Ele esteve na região do conflito entre 1914 e 1915, liderando o que chamou de luta “da civilização contra a barbaria”.²⁶¹ Em seu texto, além de apontamentos referentes aos acontecimentos cotidianos e às dificuldades pelas quais o Exército passou, sofrendo com a ausência de verbas e de equipamentos adequados, apresentou elementos importantes para compreendermos

²⁵⁹ *Ibidem*, p.24.

²⁶⁰ *Ibidem*, p.25.

²⁶¹ CARVALHO, *Relatório...*, p.254.

o imaginário da época em relação aos *sertanejos* e ao local onde estes moravam.

As atribuições relacionadas ao banditismo dos sertanejos foram comuns entre os militares. “Cangaceiros”, “quadrilheiros” e “bandoleiros” foram termos recorrentes no texto de Setembrino de Carvalho. Para este militar, pesou na constituição da população do Contestado a presença de “perseguidos da justiça”, que teriam chegado à região para trabalhar na construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, época na qual “os sertões foram se enchendo dos piores malfeitores”, provenientes do Nordeste e do Rio de Janeiro.²⁶²

Conforme Setembrino de Carvalho, os trabalhadores contratados para a construção da ferrovia teriam vindo de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. Existe, na realidade, um grande impasse quanto ao número e proveniência desses indivíduos, estimados em 8 ou 10 mil pessoas.²⁶³ Muitos deles, inclusive, foram considerados criminosos deportados, afirmação que Paulo Pinheiro Machado questiona devido à ausência de indicativos que comprovem essa versão nos relatórios policiais destes estados. Machado enfatiza ainda que o número de trabalhadores de outras regiões não compôs a maior parte do contingente responsável pela construção da São Paulo-Rio Grande, até mesmo porque na região existia mão-de-obra disponível nessa época. Não encontrando documentos que comprovassem tal afirmativa, Paulo Pinheiro Machado acredita na possibilidade de que o militar tenha veiculado tal informação procurando encontrar culpados para o levante.²⁶⁴

²⁶² *Ibidem*, p.03.

²⁶³ Cf. ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. **Pelos Caminhos do Sul**: história e sociologia do desenvolvimento sulino. Paraná. [s.n], 1978, p.103; QUEIROZ, op. cit., p.71.

²⁶⁴ MACHADO, op. cit., p.139.

Embora tenha considerado os sertanejos inconscientes e atribuído a irresponsabilidade à ignorância que considerava existir entre eles, Setembrino de Carvalho acreditou ser inútil tentar persuadi-los por meio de discursos: "A palavra amolgava-se de encontro áquellas almas endurecidas pelo crime, só restando, contra o banditismo, o argumento único e mais eloquente das balas".²⁶⁵ Portanto, fossem eles ignorantes, bárbaros ou analfabetos, uma das poucas possibilidades de solucionar o problema residia no ataque armado e no extermínio de tal grupo.

Assim como diversos pensadores sociais do período, Carvalho defendeu a ideia de que a população que vivia na região contestada estava "avassalada pelo analphabetismo e pela superstição". Em um boletim publicado pelo *Diário da Tarde*, o militar questionou o fato de "cidadãos" terem abandonado seus lares "despresando o trabalho honesto e divorciando-se da *civillisação*".²⁶⁶ Uma solução proposta por este militar consistia na dedicação ao trabalho, compreendido como uma via de acesso à *civilização*.

Além das suas próprias reflexões, o relatório de Setembrino de Carvalho inclui anexos contendo correspondências e ordens de comando de outros militares que também estiveram envolvidos no conflito. Em um desses documentos, de autoria do coronel Manoel Onofre Muniz Ribeiro, responsável pelo ataque fatal ao reduto de Santa Maria, podemos observar considerações próximas àquelas desenvolvidas por Setembrino de Carvalho. Conforme esse militar, o reduto que atacou era "...a capital do banditismo, onde se affirmou de uma maneira épica, a enorme pujança da barbaria sublevada contra a civilização, a

²⁶⁵ CARVALHO, *Relatório...*, p.115.

²⁶⁶ *Diário da Tarde*, Curitiba, 4 de janeiro de 1915, nº 4983, p.1. c. 4.

ordem e a lei”. Tanto Setembrino de Carvalho quanto outros militares envolvidos no conflito utilizaram adjetivos classificando os rebeldes como inimigos da ordem e da lei, além de lhe atribuírem o *status* de ignorantes e analfabetos.

Outro militar que participou do evento registrando sua experiência foi Herculano Teixeira D’Assumpção. Seu discurso se inscreve na confluência com as leituras interpretativas da nacionalidade brasileira, já que o autor pretendeu contribuir com “uma visão da realidade nacional, com a particularidade de focalizar o sul”.²⁶⁷ Como primeiro-tenente do Exército, participou do Movimento do Contestado sendo secretário do 58º batalhão de caçadores e, em seguida, assistente da coluna que realizou o cerco aos rebeldes pelo lado sul. D’Assumpção escreveu sobre o conflito no livro *A Campanha do Contestado*,²⁶⁸ publicado em 1917.

Diversos itens presentes em sua biografia permitem considerá-lo um narrador da nacionalidade. Primeiramente, o fato de ser membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e autor de outras obras, publicadas durante a década de 1910. Em sua narrativa também observamos a tentativa de classificar e julgar o conflito e os seus participantes.

Em *A Campanha do Contestado*, D’Assumpção descreve o percurso realizado pelas tropas à região contestada, desde o dia em que saíram do Rio de Janeiro, além de narrar momentos referentes ao cotidiano no *front*. O seu texto não se resume somente a informações

²⁶⁷ A relação do discurso de Herculano Teixeira D’Assumpção com as noções interpretativas do Brasil, é discutida também por WEINHARDT, op. cit., pp.72 et seq.

²⁶⁸ D’ASSUMPCÃO, op. cit.

relativas à organização das tropas no Contestado, mas apresenta um discurso permeado de reflexões e opiniões pessoais quanto à cultura e aos costumes dos habitantes do interior catarinense, além de relatar acontecimentos anteriores à sua presença no local. Como testemunha, considerava-se “leal e insuspeito”, afirmando que estava sendo guiado “pela verdade dos factos” e “para dizer verdades taes, preciso appellar, com energia, para a serenidade imparcial de relator”.²⁶⁹ Rapidamente percebemos que tal parcialidade serviu somente à sua retórica, pois o autor deixa transparecer, principalmente quanto se refere aos costumes do homem interiorano, a sua formação e a sua opinião.

D’Assumpção compartilhou do mesmo pensamento daqueles que acreditavam no fanatismo como um fenômeno decorrente da falta de uma educação letrada entre os *sertanejos*. Os acontecimentos que constituíram o conflito, na opinião deste militar, seriam “provenientes da cancerosa chaga do analfabetismo que se estende por todo o território nacional, talando os pontos mais longínquos, onde não chegam os bafejos saneadores da civilização hodierna”.²⁷⁰ A distância aparece aqui como um dos principais motivos do analfabetismo. Interessante notar ainda que os autores que atribuem o fanatismo à ausência de uma cultura letrada no meio *sertanejo* não levaram em consideração que, neste período, a grande maioria dos moradores do litoral também não tinha acesso à educação formal. D’Assumpção, assim como muitos outros pensadores do período, negligenciou o número de analfabetos existentes na parte mais *civilizada* do Brasil.

²⁶⁹ D’ASSUMPCÃO, op. cit., p.1.

²⁷⁰ Idem.

D'Assumpção acredita também que devido à ignorância, os moradores do interior deixavam-se facilmente dominar por pessoas alfabetizadas. Para ele, a possibilidade de resolver os problemas que atingiam essa parte do país residia na educação de sua população. Embora defendesse essa ideia, termos como “bandidos do sul” foram recorrentes em seu texto e utilizados na legitimação das ações militares executadas contra os rebeldes.

A questão do exotismo da população *sertaneja* foi um dos principais caminhos descritivos adotados por D'Assumpção, um homem que vivia na parte mais *civilizada* do Brasil, portanto, estranho em relação aos hábitos e costumes interioranos. Os monges também foram alvo de suas reflexões. João Maria de Jesus, por exemplo, era, na opinião do militar, “um typo digno de detida analyse”.²⁷¹ Embora nunca o tivesse visto, descreveu detalhadamente sua forma de vestir e os objetos que trazia consigo. Em sua narrativa, esse “monge e propheta” foi representado como um indivíduo bondoso, conselheiro, desinteressado, e nunca ofereceu oposição às autoridades ou se aproveitou do prestígio que adquiriu entre seus adeptos. Ao contrário de José Maria, que teria incitado a população *sertaneja* a aderir ao “fanatismo demolidor”. Para D'Assumpção, este era um homem inteligente (e alfabetizado), que teria calculado os resultados que poderia obter dominando aquela população e preparando-a para a luta armada. Essas descrições dos monges permitem verificar que D'Assumpção lançou mão de arquétipos na construção do seu texto, descrevendo pessoas que não conhecia e que já haviam falecido quando este militar foi para a região contestada. Prevaleceu, neste caso, uma representação já

²⁷¹ Ibidem, pp.216-218.

incutida no imaginário social do período – pelos menos por parte dos militares – referente a esses personagens.

D’Assumpção mostrou-se um verdadeiro *antropólogo dos sertões*. Os hábitos de vida, a forma de vestir e de conversar do habitante do interior, a geografia regional, enfim, os mais variados detalhes foram percebidos e registrados por esse militar com base em suas observações e por meio de relatos colhidos dos moradores do local. Distante de qualquer neutralidade axiológica, D’Assumpção enfatizou o seu ponto de vista e deixou transparecer a cultura da qual fazia parte, evidenciando a necessidade de classificar o outro. A impressão que se tem é que quanto mais diferente e exótico este parecesse, menos culpa sentiriam aqueles que contra eles se voltassem.

Nesta mesma perspectiva de análise, podemos incluir a obra do militar Demerval Peixoto, que esteve no território do conflito no ano de 1915, momento no qual os últimos grandes redutos foram vencidos pelas forças militares. Peixoto nasceu no Rio de Janeiro em 1884 e formou-se na Escola Militar do mesmo estado, para onde regressou após o término da Guerra. Sob o pseudônimo de Crivelário Marcial, escreveu *Campanha do Contestado*,²⁷² onde relatou os fatos ocorridos durante o Movimento, além de aspectos relacionados à geografia e aos costumes dos *sertanejos*.

Na visão deste militar, os habitantes do interior paranaense e catarinense poderiam ser compreendidos separadamente, por gênero. Dessa forma, os rapazes eram “analfabetos”, porém, possuíam “compleição física extraordinariamente resistente” devido ao “rústico serviço” do trabalho com o mate. As moças, por sua vez, chegavam muito

²⁷² PEIXOTO, op. cit.

cedo à maternidade, “desenvolvendo-se no mesmo meio obscuro, sob os mais exigentes preceitos de credence religiosa”. Como elemento fundamental em ambos os sexos “trazem ao peito dependurada, a relíquia sagrada – um patuá encerrando a ‘Carta Celeste’”.²⁷³ Os elementos religiosos presentes no imaginário rebelde foram compreendidos por esses narradores como provenientes do analfabetismo e da ignorância.

A ideia de monarquia foi um dos elementos privilegiados na construção das *Cidades Santas* e, posteriormente, na narrativa dos militares. Ela esteve mais relacionada a uma oposição à realidade na qual viviam os moradores da região do que a uma opção institucional. Para os rebeldes, representava a "lei de rei" e por isso era também a "lei do céu". Conforme Márcia Janete Espig, as avaliações realizadas pelos narradores do Contestado sobre os ideais monárquicos, além de justificarem a repressão efetuada pelas forças militares, consistiram em um julgamento moral sobre os *sertanejos* caracterizados como bandidos ou jagunços.²⁷⁴

Demerval Peixoto dedicou algumas linhas de sua narrativa para explicar a relação dos sertanejos do interior sulino com a monarquia. Segundo ele, os caboclos eram

Crentes fervorosos das instituições caídas em 1889, os seus habitantes, que carecem sobretudo, da instrução rudimentar, entregam-se a idolatria das apregoadas excelências do Império. (...)

²⁷³ Ibidem, p.32.

²⁷⁴ Ver ESPIG, **A presença...**, pp.53 et seq.

*A crença predominante dos sertanejos do interior do Contestado é a que lhes foi pregada pelos monges, na peregrinação de muitos anos por lá: a "Monarquia que é a lei de Deus". Conhecem a República apenas por ouvirem o mal que dela falam e pela campanha de descredito que fazem os exploradores.*²⁷⁵

O autor relaciona a crença dos sertanejos no Império a uma necessidade de instrução, ausente do meio no qual vivem. A responsabilidade referente à propaganda imperial é delegada à figura do monge, para o qual também pesa a designação de explorador. Se partirmos da hipótese de que os *monges* foram responsáveis por essa propagação, certamente para os sertanejos faria ainda mais sentido acreditar em suas palavras, já que a sua presença era reconhecidamente de par.

Apesar do discurso militar confluir em vários aspectos, a heterogeneidade marcava a organização desse grupo, que não possuía uma ideologia capaz de unificá-los. O próprio Setembrino de Carvalho mostrava que as diferenças poderiam ser percebidas na formação dos seus companheiros: “A nossa oficialidade parcela-se em duas categorias perfeitamente distintas: uma parte, oriunda das escolas, possui essa instrução geral – meio científica, meio literária – dote comum dos homens ilustrados: a outra é inculta”.²⁷⁶ Essa afirmação demonstra uma contradição bastante evidente no Exército, pois uma das principais justificativas no combate aos rebeldes foi o seu estado de ignorância.

Segundo Rogério Rodrigues, outros elementos marcaram as contradições e dificuldades vividas pelos militares, como, por

²⁷⁵ PEIXOTO, op. cit., p.32.

²⁷⁶ CARVALHO, Fernando Setembrino de. Ofício remetido ao Ministro de Guerra em 13 de dezembro de 1914. Apud: RODRIGUES, op. cit., p.28.

exemplo, as resistências que criaram durante o conflito, perceptíveis por meio das deserções, das brigas internas e da embriaguez, comum entre os soldados das tropas. Incertezas e temores relacionados às forças sobrenaturais que estariam atuando ao lado dos sertanejos se tornaram comuns no *front*.²⁷⁷

Em diversos momentos também percebemos que alguns militares se comprometeram com as solicitações dos sertanejos. Setembro de Carvalho, por exemplo, indicou soluções para que o conflito fosse resolvido, fornecendo aos rebeldes terras onde pudessem se estabelecer. “O general, (...) dirigiu seu apello ao governo, para que os nossos míseros patrícios, transviados do caminho da lei pela ignorância e pelo abandono em que vivem, sejam localizados nas terras férteis do Paraná, sob as vistas generosas e directas de autoridades bondosamente moralizados”.²⁷⁸ Concordamos com Rodrigues quando este enfatiza que, ao considerar os pedidos dos rebeldes, os militares estariam legitimando, de certa forma, suas reivindicações.²⁷⁹

Outra questão que marcou a atuação militar na região contestada e influenciou os soldados em relação às atitudes que deveriam tomar contra os rebeldes foi o fato de receberem ordem do alto comando para não se envolverem nas questões políticas locais. Existiu ainda, entre a corporação, o receio de se tornarem uma espécie de jagunços para os *coronéis* que desejavam a morte dos *sertanejos* rebeldes.²⁸⁰

Portanto, o Exército viveu momentos de confronto e incertezas em relação à sua causa, chegando ao ponto de, algumas vezes,

²⁷⁷ RODRIGUES, op. cit., p.96.

²⁷⁸ *Diário da Tarde*, Curitiba, 07 de janeiro de 1915, p.1, c. 1-2.

²⁷⁹ RODRIGUES, op. cit., p.71.

²⁸⁰ Essas questões são amplamente discutidas por RODRIGUES, pp.80 et seq.

sensibilizarem-se com os ideais do inimigo. Os militares possuíam dúvidas quanto à necessidade de intervenção, pois acreditavam na culpa dos políticos locais, que estariam incentivando o conflito movidos por interesses particulares.²⁸¹ Isso nos leva a verificar que os imaginários sociais não são homogêneos ou lineares, mas são formados a partir da própria experiência social. Principalmente se pensarmos que os militares deveriam justificar a ação contra indivíduos que – como tantas vezes apareceu em seus discursos – eram patrícios, faziam parte da mesma *nação*. As deserções e as resistências demonstram que os imaginários sociais não são uniformes e muitos menos são introjetados de forma absoluta por todos aqueles que vivem no contexto onde foram produzidos. Embora procurando encontrar elementos comuns referentes ao pensamento social brasileiro e às narrativas sobre o Contestado, é fundamental apontarmos a existência dessa pluralidade de orientações, crenças e vontades que compunham as forças militares.

Mesmo com toda divergência, que não foi específica dos grupos militares, mas esteve presente também entre os intelectuais brasileiros,²⁸² podemos pensar em uma comunidade de sentido no início do século XX, responsável por informar acerca da realidade, apelando para um determinado comportamento e para uma ação dirigida contra aqueles que ameaçavam a sociedade republicana.

²⁸¹ Idem., p.64.

²⁸² Podemos tomar o caso de Manoel Bomfim como exemplo da divergência de opiniões nesse período. Enquanto grande parte dos pensadores sociais brasileiros assumiam as teorias raciais como verdade, este intelectual defendia a ideia de que “a suposta inferioridade dos povos latino-americanos e, principalmente, da parcela de população mestiça como índios e negros (...) teria por finalidade a simples justificação do exercício de dominação.” Ver NAXARA, **Estrangeiro...**, pp.97 et seq.

Os relatos militares podem nos auxiliar a compreender quais motivos estariam relacionados a essa ação. As representações edificadas sobre os *sertanejos*, sobre o seu modo de vida e o local onde viviam são elementos fundamentais na trilhagem desse caminho. A interiorização de determinadas representações acerca dos rebeldes pode ser percebida por meio de uma das designações mais utilizadas no período: o termo fanáticos. Utilizado por militares, jornalistas, políticos e civis que pensaram o Contestado, ao se referirem a esta noção, esses narradores manifestaram a forma como uma parcela daquela sociedade pensou em relação àqueles que não compartilhavam de seus valores.

Também foi construída uma imagem dos *sertanejos* em contraposição à figura dos militares mortos no combate. Os rebeldes não foram considerados inimigos de guerra já que não lutavam lealmente, conforme indicava o modelo europeu, mas sim à arma branca, podendo, por este motivo, serem considerados traiçoeiros.²⁸³ Neste caso, também o Ocidente serviu como parâmetro para a condenação da alteridade, pois mesmo quando o assunto era a batalha em si, o modelo *civilizado* prevalecia. Podemos perceber certa unidade em relação a esses discursos quanto à classificação do inimigo. A instituição social fundada pelos *sertanejos* assustou aqueles que dela não faziam parte. A transgressão e a patologia foram as formas encontradas para nomear essa alteridade. Por isso, para designar os adeptos do *monge*, figurou nas representações sobre o Movimento os termos fanáticos, bárbaros, crédulos, míseros, perturbados etc.

²⁸³ WEINHARDT, op. cit., p.41

A necessidade de identificar o outro, designando-lhe um lugar, demonstra que “contra todos os fatores que ameaçam sua estabilidade e sua autopetuação, a instituição comporta sempre defesas e respostas pré-estabelecidas e pré-incorporadas”,²⁸⁴ sendo que as principais encontram-se no campo das significações, do “pensável”, do “imaginável”, ou seja, do próprio sentido atribuído ao papel que cada indivíduo ou grupo deve exercer na sociedade. Os sertanejos eram signos de alguma coisa: do analfabetismo, do pouco caso da política nacional, representados como portadores de uma patologia. A religião, a monarquia e o analfabetismo, tornaram-se assim, elementos relacionados à ideia de atraso, inconsciência e loucura.

4.3.1. Representações sobre a nacionalidade

As narrativas sobre o Movimento do Contestado também foram importantes para reafirmarem o conjunto de valores sociais e políticos republicanos. Na imagem a seguir, podemos observar a presença de Setembrino de Carvalho, no ano de 1914, na cidade de Curitiba. Sua chegada foi recebida com louvores na capital paranaense contando, inclusive, com uma homenagem, na qual militares e civis percorreram as principais ruas da cidade. As insígnias republicanas foram utilizadas nesse momento representadas, sobretudo, pela presença das mulheres que aparecem ao lado de Setembrino de Carvalho. Na extrema direita, elas seguram um estandarte no qual parece estar impressa a alegoria republicana da liberdade, também representada pela

²⁸⁴ CASTORIADIS, *As encruzilhadas...*, pp.129-130.

figura feminina. As mulheres (podemos ler a República) abrem caminho para outro representante daquele regime político: um militar, cuja missão consistia em lutar contra aqueles que não aceitavam a República. Setembrino de Carvalho representava, no território contestado, a própria instituição republicana, e possuía a missão de defender os interesses da pátria. Nesse contexto, podemos considerar fundamental a reflexão de José Murilo de Carvalho, segundo o qual “por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, o herói nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz”.²⁸⁵



Foto 8. Recepção ao General Setembrino de Carvalho. Autor não identificado, 1914. Acervo da Casa da Memória, da Fundação Cultural de Curitiba.

²⁸⁵ CARVALHO, A formação... op. cit. p.14.

A preocupação com a consolidação da identidade nacional não esteve presente somente na forma como a sociedade conduziu a luta contra os *sertanejos*. Nos relatos militares, essa questão constituiu um dos pontos centrais.

Em um boletim dirigido aos “patrícios revoltados”, o general Setembrino de Carvalho enfatizou estar cansado de participar de uma luta inglória, derrubando o sangue daqueles que moravam na mesma pátria. Talvez buscando encontrar uma forma de justificar o ataque aos redutos e a morte de tantas pessoas, explicou: “E como sempre nutri o nobre desejo, a consoladora esperança de vencer este punhado de brasileiros sem a dolorosa preocupação de exterminá-los, adoptei a offensiva como gênero de guerra, preferindo que fossemos atacados”.²⁸⁶ O militar assumiu um posicionamento também presente no *Diário da Tarde*, enfatizando a ideia de “Humanidade” para com os rebeldes e solicitando a deposição de suas armas. Este boletim nos pareceu um tanto quanto contraditório, uma vez que em vários momentos da sua narrativa Setembrino de Carvalho enfatizou que a população *sertaneja* era analfabeta. Até que ponto esse texto foi escrito para os rebeldes? O relato deste militar não teria sido publicado com a intenção de construir uma imagem isenta de culpa para a sociedade republicana?

²⁸⁶ CARVALHO, Setembrino. Fanáticos e bandoleiros. In: **Diário da Tarde**, nº 4983, 04 de janeiro de 1915, p.1, c. 4.



Foto 9. General Setembrino de Carvalho em Canoinhas, 1915. Autor não identificado. Acervo Museu Paranaense, Curitiba-PR.

Conforme o pensamento do período, um soldado deveria ser um cidadão armado, porém com uma missão decididamente *civilizatória* e, certamente, muitos militares acreditavam nessa afirmativa como destino para suas vidas. Salvaguardar os interesses da *pátria*, no discurso de Setembrino de Carvalho, foi sempre o fim almejado com as ações assumidas pelo Exército. Somente em um contexto de paz a pátria poderia alcançar a utopia do *progresso* e da *civilização*. A própria noção de trabalho serviu a este propósito em uma das soluções apontadas pelo general: “impõe-se que voltais novamente ao trabalho, meio único capaz de garantir a felicidade do lar e promover a prosperidade da nossa grande Pátria”.²⁸⁷

²⁸⁷ Idem.

Setembrino de Carvalho não foi o único a preocupar-se com os rumos da *nação*. Herculano Teixeira D'Assumpção também se referiu a valores nacionais e, acredito, foi o autor que mais se preocupou com os destinos do solo pátrio ao narrar os acontecimentos do Contestado. No prefácio do seu livro, aconselhou: “Já é tempo de sermos previdentes, olhando com seriedade para os grandes problemas nacionais”.²⁸⁸ O conflito, conforme acreditava o militar, deveria ecoar “nos ouvidos dos actuaes homens públicos” e entre os que ainda estavam por vir, no sentido de produzir efeitos benéficos aos “futuros detentores dos poderes públicos”, pois considerava a revolta responsabilidade do governo. Os governantes deveriam optar pela prevenção ou pelo arrependimento. E a prevenção, a seu ver, estava diretamente relacionada à implantação de medidas educativas no *sertão* do Contestado.

Definir o “typo sertanejo” também foi uma das direções seguidas por D'Assumpção em sua narrativa. Ele tentou descrever detalhadamente os hábitos, as atitudes, enfim, a forma de vida do habitante dos *sertões* sulinos. Iniciou a caracterização deste partindo da comparação e o modelo adotado para tal foi o “tipo” ocidental, representado pela figura do imigrante alemão. Segundo D'Assumpção, os alemães constituíam uma “população ordeira, disciplinada, inteligente e sumamente prestativa” exatamente o contrário da população *sertaneja*, vinculada a miséria e a desorganização. Em diversos momentos do seu livro, o militar demonstra esse ponto de vista:

O sertanejo é um perfeito grulha: responde ao que se lhe pergunta e conta o que não se quer saber. Desde que perceba que

²⁸⁸ D'ASSUMPCÃO, op. cit., p.II-III.

*está sendo ouvido com atenção, elle fica á vontade: descalça o cothurno, coça os pés desasseiados, cuspinha, esfrega os olhos remelosos, mette o indicador pelas narinas e, ás vezes, por cumulo de modos tão extravagantes, tira com as pontas das unhas, farto limo dos dentes, virgen de escova! E assim vae elle, gaguejando, repetindo e mastigando as palavras, sempre acompanhadas do infallível estribilho – não é? – com voz cantante e num phraseado tão seu e tão original, procurando, num perfeito estultiloquio, á custa de pataratas, tomando mesmo um aspecto façanhudo, convencer os que de boamente o ouvem, de que a sua valentia é inimitavel, de que as suas proezas são inescediveis... Este é o lado fraco do sertanejo: o seu grande desejo é ser sempre temido.*²⁸⁹

Nesta representação do tipo nacional, o narrador enfatizou questões relacionadas à ausência de higiene entre as populações sertanejas, noção que havia conquistado espaço nos planos de implantação da modernidade nas capitais brasileiras. Além desse aspecto, na sequência do relato, D'Assumpção aponta questões relativas à agilidade do *sertanejo* nas matas, onde possui “a ligeireza do jaguar”, ao seu caráter de desconfiança, à importância do cumprimento que “é a primeira cousa que o viajante precisa saber fazer”, ao costume de utilizar o verbo pôr no infinitivo (ponhar), à hospitalidade em relação às visitas, momento no qual o caboclo demonstrava ser “affavel” etc.²⁹⁰ E conclui o militar,

²⁸⁹ Ibidem, pp.199-200.

²⁹⁰ Ibidem, pp.200-205.

*É assim no sertão. Os seus homens mais rudes, dominados pela ignorância que gera superstições que muito concorrem para os seus continuados desvarios, esses homens são como os boidios: nem sempre provocam a lucta. Mas quando uma força superior sacode os seus instinctos perversos, despertando-os com vigor, então elles evidenciam toda a sua maldade inconcebível, tornando-se inimigos terríveis, sanguinários, atilados e traiçoeiros.*²⁹¹

Portanto, sobre a docilidade, a falta de higiene, a importância que o sertanejo atribuía à “prosa”, prevalecia, na visão do militar, sua natureza perversa que, frente à provocação de um inimigo ou simplesmente “aos pequenos actos que elle julga offensivos”, vinha à tona. Esse olhar, que possibilitou a formação de uma representação maniqueísta em relação aos moradores do interior sulino, permeou toda a narrativa de D’Assumpção. Ora comentando a respeito dos costumes mais cotidianos e “inofensivos”, ora se referindo aos *sertanejos* como semibárbaros, sinistros e traiçoeiros, esse militar nos deixou uma das obras que mais foram utilizadas no estudo do Movimento e mostrou, a partir de sua narrativa, aspectos relacionados à imagem que as elites da época possuíam em relação àqueles que não compartilhavam de sua cultura e dos seus projetos.

²⁹¹ Ibidem, p.201.

Outro militar preocupado com os problemas da nacionalidade foi Demerval Peixoto. Ele refletiu sobre a questão nacional ao discorrer sobre elementos relacionados à ordem política e institucional. Para ele, a região contestada estava entregue ao despotismo dos "chefetes locais", ao "desmando de caudilhos temíveis" excluídos da justiça das cidades, como se nos centros urbanos reinasse a ordem e a equidade. Em sua opinião, a politicagem liderada por "esses coronéis da roça, mandões políticos uns e proprietários despóticos outros..."²⁹² foi a propulsora moral das causas que levaram os *sertanejos* ao levante, como recurso de defesa. Como exemplo da injustiça reinante nesses meios, enfatizou que os piores crimes ficavam impunes quando praticados no território contestado. Portanto, o motivo do conflito, para este autor, estaria relacionado à politicagem e à falta de uma justiça, de uma "civilidade" entre os habitantes do meio rural. Não atribuiu aos *sertanejos*, inicialmente "desarmados e inofensivos",²⁹³ a culpa pela deflagração do Movimento.

Podemos identificar o caráter de denúncia do seu texto em relação aos governos estaduais quando os culpou por deixarem os ódios se acirrarem entre os moradores dos *sertões* paranaenses e catarinenses. O autor também se posicionou em relação à questão de limites, defendendo a ideia de que esses trâmites deveriam ter privilegiado Santa Catarina. Para ele, um dos motivos da eclosão do conflito ocorreu pela falta de paz nas fronteiras litigiosas, dominadas por grupos locais. Dessa forma, assim como D'Assumpção e Setembrino de Carvalho, Demerval Peixoto deixou transparecer certo ressentimento para

²⁹² PEIXOTO, op. cit., pp.18-19.

²⁹³ Ibidem, p.29.

com o governo federal e, principalmente, com os governos locais que, segundo este militar, nenhuma atitude tomaram frente aos conflitos anteriores ao Movimento do Contestado.

O Exército também sugeriu propostas no sentido de evitar a violência, indicando a possibilidade de assentar os *sertanejos*, garantindo-lhes terras e meios de subsistência. Segundo Rodrigues, essas atitudes estariam indo ao desencontro do interesse dos políticos locais. O Exército, dessa forma, teria sofrido pressão desses políticos para iniciar uma campanha de extermínio aos redutos rebeldes.²⁹⁴ Prova disso seriam as críticas que teceram aos representantes políticos recaído sobre eles a acusação de culpa pela deflagração da guerra.

Todas essas narrativas seguiram caminhos muito próximos. Indicando elementos da religião *sertaneja*, mas geralmente apontando os problemas oriundos da falta de educação e da autoridade exercida pelas oligarquias locais neste meio, aqueles que se voltaram para o evento demonstraram uma forma de pensar própria do seu tempo e do meio em que viviam. Classificar o outro foi também uma forma de reafirmar uma identidade própria, ou pelo menos, aquela que se acreditava ou se desejava ideal.

4.3.2. Representações sobre o espaço

Ao pensarem o conflito, os militares designaram o local de moradia dos rebeldes de sertão. Quais os traços geográficos e culturais que, nessas narrativas, definiram a região interiorana paranaense e catarinense como *sertão*?

²⁹⁴ RODRIGUES, op. cit., p.69.

Em seu relatório, Setembrino de Carvalho retratou, de forma bastante detalhada, o local onde ocorreu o conflito, comentando a respeito das suas características geográficas e urbanas. Segundo ele, aquela localidade se caracterizava como uma “bella porção do território Pátrio”.²⁹⁵ Embora considerasse a região portadora de belezas naturais e parte integrante do território nacional, os seus habitantes, quando decidiram participar do conflito, divorciaram-se da *civilização*.

Para Herculano Teixeira D’Assumpção, a causa do Movimento do Contestado foi fruto tanto da ignorância da população *sertaneja* como também do meio em que habitavam. “O mal medrará novamente em tão propício meio, si não procurarmos modificá-lo moralmente, aparando suas grandes arestas, aplainando difficulddes in-nomináveis, com a relativa educação do povo sertanejo”.²⁹⁶ O meio onde vivia essa população, o “malfadado sertão”, era o local da ignorância, do atraso, e devido a essas características encontrava-se moralmente debilitado, possibilitando o surgimento de tais revoltas. Para D’Assumpção era o espaço da “penuria moral e material” que se estendia por este “vasto trecho do território brasileiro”.²⁹⁷

O militar Demerval Peixoto utilizou o termo sertão para designar um local interiorano, caracterizado pela sua longitude, “compreendido pelas águas do Iguaçu e do Uruguai”.²⁹⁸ Ao escrever sobre as regiões contestadas de Palmas e União da Vitória, deixou clara sua opinião sobre essa região do país. Para ele, apesar de existirem nesses locais “população mais adiantada” acreditava que “não destoam dos

²⁹⁵ CARVALHO, *Fanáticos e bandoleiros...*, p.1, c. 4.

²⁹⁶ D’ASSUMPCAO, *op. cit.*, prefácio.

²⁹⁷ *Idem*.

²⁹⁸ PEIXOTO, *op. cit.*, p.25.

característicos atrasos das cidadelas do interior”.²⁹⁹ Em contraposição a esse atraso, considerado próprio do interior do Brasil, o autor assumiu a postura recorrente nos textos sobre a nacionalidade: “A área vastíssima, em grande parte, vive inteiramente alheada do progresso, olvidada da civilização e dos costumes litorâneos”.³⁰⁰ Em sua narrativa, *progresso, civilização e litoral* aparecem em um oposto e no outro a noção de atraso, definindo essa parcela do Brasil.

Demerval Peixoto acreditava no *meio* como responsável pela determinação de condutas morais e sociais, uma vez que os rebeldes viviam “acostumados com o viver obscuro e despreocupado da roça, embrutecidos no convívio das florestas”.³⁰¹ Esses aspectos eram comuns para os habitantes dos *sertões*, pois o meio lhes moldava as atitudes e o pensamento.

O *sertão* sulino era também, na visão destes narradores, “impervio, desprovido de recursos” e os soldados em suas jornadas enfrentavam “dificuldades de transporte”, “inclemência do tempo” e “as surpresas de tão infatigável e astucioso inimigo”, sofrendo os maiores sacrifícios imagináveis.³⁰² O meio tornou-se uma barreira que dificultou o trabalho do Exército. Frequentemente, os militares queixavam-se dos *sertanejos* por estes beneficiaram-se das agruras do solo, já que conheciam esse meio inóspito e sabiam utilizá-lo em seu favor.

Ora relacionado a imagens românticas e bucólicas, ora a representações terríveis e ameaçadoras, os espaços dos *sertões* catarinense e paranaense também fizeram parte de uma literatura que se

²⁹⁹ *Ibidem*, p.2.

³⁰⁰ *Idem*.

³⁰¹ *Idem*.

³⁰² *Idem*, pp.III e 198.

voltou para a identidade da nação brasileira, tendo como fio condutor o Movimento do Contestado. Essas narrativas serviram também ao propósito de marcar diferenças culturais e sociais entre os *civilizados* habitantes do litoral e os *bárbaros* moradores do interior. Conforme Candice Vidal e Souza

*é possível acreditar que a formulação culta da problemática nacional simultaneamente cria e recupera temáticas e padrões explicativos persistentes, sobrepostos à variedade dos autores e, de certo modo, independentes das desigualdades de prestígio, habilidade estilística ou competência analítica dos escreventes da brasilidade. Aqui, a repetitividade das fórmulas narrativas própria das falas míticas aparece nos textos totalizadores de uma ideia de Brasil, na forma de temáticas paradigmáticas e de modos de ver recorrentes.*³⁰³

O contorno de uma identidade nacional foi sendo delineado a partir dessas narrativas que buscaram definir papéis sociais e classificar lugares e atitudes. Todos esses elementos fizeram parte de um imaginário que idealizou como deveria ser o brasileiro no início do século XX. Essa definição ocorreu por meio da identificação das diferenças e dos obstáculos a serem superados.

Esses ideais e anseios para o Brasil estiveram presentes nas narrativas sobre o Contestado, principalmente nos momentos em que os militares se referiam à natureza, muitas vezes descrita como um

³⁰³ VIDAL E SOUZA, *A pátria...*, p.35.

quadro, “uma imagem a ser contemplada e ao mesmo tempo respeitada e temida”.³⁰⁴ Mediante essa natureza desconhecida e exótica, “os soldados aparecem como homens entregues à própria sorte num ambiente hostil, privados de lar e de família e, principalmente, prestes a doarem a vida em prol da *pátria*”.³⁰⁵ Portanto, fazer o Brasil, delinear seus contornos, domar as partes selvagens, pensar sua população e sua identidade, foi também adentrar nos espaços mais distantes e inóspitos, conquistando o território. O Brasil somente poderia se realizar nesse movimento incessante de conquista de espaços, de delimitação de fronteiras e de resgate dos povos ainda alheios à *civilização*.

³⁰⁴ RODRIGUES, op. cit., p.36.

³⁰⁵ Conforme Rodrigues “Possivelmente como justificativa das suas perdas no *front*, nos relatos oficiais, era consenso apontar as dificuldades naturais enfrentadas pelas forças legais e aliadas dos sertanejos. Nas representações, os sertanejos aparecem tendo como vantagem a boa utilização do palco da guerra, valendo-se da topografia e da vegetação como aliado imbatível. A natureza aparece como a grande força, o que remete a duas questões importantes no desenrolar das narrativas militares. A primeira delas é a da impossibilidade de se lutar contra a natureza; a segunda, associada à primeira, é de que o fim da guerra contra os sertanejos implicou também uma vitória sobre as forças naturais, portanto, uma glória sobre-humana para o Exército.” Ibidem, pp.34 e 83.

4.4. *Os Sertões*: paradigma dos movimentos sociais

Um leitor curitibano que se debruçasse, em 25 de setembro de 1912, sobre o *Diário da Tarde*, um dos jornais de maior circulação no Paraná desse período, encontraria notícias referentes à economia local, como o cultivo de erva-mate, ou outra informação referente à política do estado, mas, também, já na primeira página, seus olhos iriam ao encontro de uma notícia intitulada "Um novo Canudos?". Num lapso de memória, recordaria do Movimento ocorrido na Bahia, há quinze anos, tão bem noticiado pelo famoso jornalista Euclides da Cunha. Dando continuidade à sua leitura, surpreenderia-se ao constatar que, longe de estar ocorrendo no Nordeste, como poderia imaginar por um segundo, os *sertanejos* de tal insurreição estavam mais próximos dele do que estariam de Euclides da Cunha, caso este ainda estivesse vivo naquela data. O evento acontecia nos limites ainda mal definidos do seu próprio estado.

Mas por que a comparação com Canudos? Quais características, neste evento, poderiam levar a acionar o Movimento baiano traçando uma comparação? A próxima frase, retornando ao enunciado do jornal, remete-nos a um fator recorrente nos discursos sobre Canudos: "João Maria revolucionário quer derrubar a República".³⁰⁶ A alusão à República, ou melhor, a intenção de acabar com ela, seria o motivo de tal comparação?

³⁰⁶ Segundo Walnice Nogueira Galvão, a oposição à República foi uma referência recorrente nas publicações periódicas sobre Canudos durante o período em que ocorreu esse conflito. GALVÃO, *No calor*..., op. cit.

4.4.1. Os narradores do Contestado e a presença euclidiana

Para tentar conhecer o conflito que acontecia na região contestada foi constante, nas primeiras notícias que o *Diário da Tarde* publicou a referência ao Movimento de Canudos. Nos meses seguintes, alguns narradores solicitaram a presença euclidiana ao se referirem ao conflito no contestado, como foi o caso de Jayme Ballão em uma sessão do Congresso: “eu precisava de ter a penna, o fulgor de Euclides da Cunha, para desenhar, com a necessária vibração essa scena pungentíssima, esse drama que lacera o coração menos afeito á bondade, á benignidade”.³⁰⁷ A épica euclidiana surgiu aqui como um drama bem narrado. O autor de *Os Sertões* foi capaz de comover o leitor ao relatar os acontecimentos de Canudos. Tal capacidade literária foi elogiada nas páginas do *Diário da Tarde*, em 1909, quando da morte do escritor: “A personalidade literária de Euclides da Cunha impoz-se de chofre ao mundo intelectual brasileiro. Emergiu subitamente dentro da irradiação offuscadora de *Os Sertões*”.³⁰⁸ A obra, por sua vez, também foi alvo de adjetivos: “Marcou época o livro e foi sensacional como poucos. (...) o assumpto não podia ser mais empolgante: a grandeza trágica da epopéa de Canudos. (...) *Os Sertões* foram uma revelação de luz”.³⁰⁹ Canudos é lembrado nesse momento como tema apropriado e bem trabalhado pelo autor. Não se comenta muito sobre o conflito em si, o que interessou foi a capacidade euclidiana de dar vida à epopeia, de forma que dá a impressão de que o autor da

³⁰⁷ Discurso pronunciado pelo sr. Jayme Ballão, na sessão de hontem. In: **Diário da Tarde**, Curitiba, 17 de fevereiro de 1914, nº 4615, p.1, c. 3-4.

³⁰⁸ **Diário da Tarde**, Curitiba, 18 de agosto de 1909, nº 3181, p.1, c. 1-2.

³⁰⁹ Idem.

obra teve maior relevância para a sociedade do início do século XX do que o próprio acontecimento.

No final da notícia, o jornal deixa clara a filiação dos escritores paranaenses ao jornalista carioca tomando como exemplo, coincidentemente, um advogado da questão de limites. “A morte do emerito prosador enluta profundamente o Brazil mental; para nós paranaenses mais arpoante a magoa pois em Euclides da Cunha o eminente Ubaldino do Amaral, advogado do Paraná na questão de limites com S. Catharina, tinha auxiliar lucido e avesado ás pesquisas histórico-geographicas”.³¹⁰ Ubaldino do Amaral, assim como tantos outros, seguiu o modelo descritivo euclidiano em suas pesquisas, que tinham por objetivo tentar comprovar o direito paranaense ao território contestado.³¹¹

Alguns pesquisadores indicaram a influência euclidiana nas narrativas sobre o conflito, especialmente no que se refere aos textos produzidos pelos militares.³¹² Tal apropriação pode ser percebida, por exemplo, quando os escritores militares utilizam um artifício mais ficcional que historiográfico, preocupando-se com a forma “envolvente e dinâmica” de narrar os acontecimentos.³¹³ Muitos deles, especialmente Herculano Teixeira D’Assumpção, assume um retórica permeada por elementos dramáticos, buscando mostrar a tragicidade dos acontecimentos que ocorreram em solo contestado, mas, também,

³¹⁰ Idem.

³¹¹ A associação do Movimento do Contestado ao de Canudos não esteve presente somente nas páginas do *Diário da Tarde*. Em Santa Catarina, tal referência também foi recorrente. Em 30 de dezembro de 1912, por exemplo, o jornal *Folha do Comércio* publicou uma notícia enfatizando que “A semente talvez de um novo Canudos começa germinar no interior do Estado”. Apud: RODRIGUES, op. cit., p.18

³¹² RODRIGUES, op. cit., p. 35; WEINHARDT, op. cit., p.85.

³¹³ RODRIGUES, op. cit, p.35.

elevando o Exército à categoria de herói e defensor da pátria, e, principalmente, tentando se estabelecer como narrador do conflito.

Os títulos dos capítulos adotados por esses autores e a sequência com a qual descrevem o conflito são importantes pistas da apropriação que realizaram da obra euclidiana e da importância que adquiriram, no período, as teorias explicativas apoiadas no determinismo do *meio* e na caracterização do homem *sertanejo*. Estes narradores iniciam suas narrativas descrevendo o local onde moravam os rebeldes, oferecendo informações minuciosas relacionadas à geografia e às características urbanas, ou melhor, à ausência de urbanismo na região do conflito.³¹⁴

É interessante observar ainda que alguns desses militares possuíam uma formação muito próxima à de Euclides da Cunha. Herculano Teixeira D'Assumpção, por exemplo, além de compartilhar da formação no Exército, também era membro efetivo de um Instituto Histórico e Geográfico (de Minas Gerais). Marilene Weinhardt, realizou uma interessante discussão a respeito da aproximação entre esses dois autores. Segundo ela, Euclides da Cunha conseguiu perceber os problemas relativos aos modelos explicativos da nacionalidade do período no qual escrevia e D'Assumpção, por sua vez, ainda seguia uma concepção fechada, concebendo essas teorias como verdadeiras. Para esta autora, D'Assumpção pode ser caracterizado como “fruto da militarização”, o que o fazia sentir uma confiança inabalável na necessidade de defesa da *pátria* e da formação da *nação* “com a obediência

³¹⁴ Setembrino de Carvalho, embora também dedique páginas de sua obra a essas descrições, emitiu um relatório de campanha. Devido a isso, seu texto procura comprovar aspectos relativos à alimentação, vestimentas, saúde, enfim, aos detalhes relacionados ao cotidiano da campanha militar, demonstrando uma atitude de indignação frente às condições precárias do Exército brasileiro.

cega à hierarquia”, observando como única possibilidade para a construção e solidificação do Estado, a violência contra os rebeldes. Euclides da Cunha, por sua vez, teria absorvido as reformas pelas quais o Exército passou e que objetivaram um ensino mais voltado à participação na vida pública.³¹⁵ Essa diferença de formação dos militares, conforme já indicamos, foi percebida por Setembrino de Carvalho nas tropas que atuaram no Contestado.

Weinhardt comenta ainda que no texto de d’Assumpção “Canudos brilha pela ausência” e que o militar possivelmente havia percebido que ao se referir ao movimento baiano estaria reconhecendo a ineficácia da literatura como ensinamento, já que a história se repetia mesmo após *Os Sertões*.³¹⁶ Discordamos da autora quanto a essa afirmação. Apesar de Herculano Teixeira D’Assumpção não fazer referência ao Movimento de Canudos, o texto euclidiano, a estrutura de pensamento e as noções presentes em *Os Sertões* também podem ser percebidas na leitura de *Campanha do Contestado* quando observamos, por exemplo, as características atribuídas aos habitantes do interior do país, referindo-se aos seus aspectos negativos e positivos. O texto segue a mesma forma de descrição, evidenciando os elementos que tornam o homem do interior um *sertanejo*: a forma de andar, de sentar, de falar, as roupas, a preguiça e, em seguida, o enaltecimento da coragem, valentia e destreza quando montado em seu cavalo. Essas duas direções de definição encontram-se presentes, de forma semelhante, nas narrativas desses dois autores.³¹⁷

³¹⁵ Ver WEINHARDT, op. cit., p.74.

³¹⁶ Ibidem, p.85.

³¹⁷ Ver CUNHA, p. 105-107 e D’ASSUMPCÃO, pp.199-201.

Assim como Euclides da Cunha, Demerval Peixoto também se formou na Escola Militar do Rio de Janeiro, sobre a qual pesou uma educação de inspiração positivista. As obras destes autores são semelhantes ao discorrerem sobre o *meio* e o *homem*. Peixoto descreve a geografia do sertão sulino e a distância em relação ao meio “civilizado”, relata sobre a beleza, o clima e a fertilidade das terras contestadas, além de comentar sobre os povoados e o “terreno da luta”. Também faz uma revisão histórica da questão litigiosa, tratando dos pormenores jurídicos do fato. Além da estrutura narrativa, cita Euclides da Cunha ao comentar sobre os monges que percorreram a região contestada. “A aura da loucura soprava também pelas bandas do sul: o Monge do Paraná, por sua vez, aparecia nessa concorrência extravagante para a história e para os hospícios (...) disse o admirado autor do Sertões, numa de suas páginas empolgantes”.³¹⁸ Certamente, o narrador fez questão de mostrar que *Os Sertões* constituía uma de suas leituras e que a fala autorizada de Euclides da Cunha já indicava a presença de *fanáticos* no sul do Brasil.

Um pensamento permeado por noções positivistas e evolucionistas fizeram parte da formação desses militares, fator preponderante em seus textos. Da mesma forma percebemos uma perspectiva de responsabilidade em relação aos destinos da *nação*. Determinados padrões explicativos da nacionalidade brasileira foram recorrentes e permearam a descrição dos acontecimentos relativos ao Movimento do Contestado e ao de Canudos. Portanto, embora muitas diferenças tenham sido apontadas quanto a esses narradores, podemos situá-los em uma mesma comunidade de imaginação. Acreditamos que uma grande

³¹⁸ PEIXOTO, op. cit., p.52.

parcela das significações criadas por essa comunidade deve-se à presença e ao pensamento euclidiano, no qual foram sistematizados elementos fundamentais para a constituição de uma identidade nacional, à qual privilegiou determinados grupos em detrimento de outros culminando em uma crença na luta dos “civilizados contra os bárbaros”. Sem dúvida, a presença euclidiana entre os pensadores do início do século XX foi paradigmática a ponto de se tornar recorrente nos textos posteriores e em projetos políticos.³¹⁹

4.4.2. Euclides da Cunha e o Movimento do Contestado

Diversos autores indicam que a recorrência ao Movimento de Canudos nas ciências humanas, em detrimento de outros movimentos sociais, como o Contestado, deve-se ao sucesso que alcançou a obra euclidiana *Os Sertões*. Segundo Francisco Foot Hardman, por exemplo, *Os Sertões* foi um elemento fundamental na constituição de uma memória sobre Canudos o qual, incluindo mito e história, transformou-se em uma “narrativa épico-dramática canônica da literatura brasileira”.³²⁰ O autor aponta a falta de um “autor-narrador à altura da

³¹⁹ No caso dos narradores do Contestado, essa apropriação percorreu as décadas posteriores influenciando médicos, jornalistas e sociólogos que escreveram sobre o conflito. Exemplo disso é o livro de Aujor Ávila da Luz, *Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Esse médico catarinense publicou seu livro na década de 50. Desenvolveu reflexões considerando a psicologia e a mestiçagem fatores preponderantes na formação do homem do interior catarinense. Sua narrativa segue a estrutura do texto euclidiano, iniciando pelas descrições geográficas e climáticas, seguida da história do local e da definição do homem.

³²⁰ HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: Canudos e os irracionais. In: _____. (org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998, pp.129-130.

prosa poética de Euclides” em movimentos onde o número de mortes se aproximou ao de Canudos, indicando que devido a essa ausência esses conflitos não conheceram repercussão equivalente, citando o exemplo do Contestado. A ausência da lembrança de outros movimentos no imaginário da memória nacional, segundo Hardman, pode ter ocorrido devido à falta de um Euclides da Cunha.

Edgar De Decca, ao realizar uma reflexão em torno da relação entre história e literatura utilizando como fio condutor a obra de Lima Barreto, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, indica a inexistência de “uma narrativa dramática e marcante na literatura” para os mortos anônimos do Contestado quando estes buscaram erigir-se como sujeitos históricos.³²¹ *Os Sertões*, por sua vez, constitui para este autor uma narrativa que possui sua autonomia em relação aos seus referentes. A imagem mítica do *sertanejo* teria sido marcada pela narrativa épica euclidiana. Na opinião do historiador, até a década de 1930, a literatura teria servido também ao propósito de “resgatar do silêncio da história os personagens anônimos”, assumindo o projeto de uma história social e cultural brasileira. Neste sentido, visto a ausência de um escritor à altura de Euclides da Cunha, o Contestado não teria conhecido a mesma repercussão.

A publicação de *Os Sertões*, em 1902, também pesou sobre o regionalismo e “exerceu uma influência incalculável, que excedeu de muito a seu tempo” ao ponto de “deixar marca visível na produção da década de 1930. E isso, tanto no romance quanto no pensamento

³²¹ DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história. In: _____; LEMAIRE, Ria. (orgs.). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade - UFRGS, 2000, pp.141-142.

social que produz as grandes interpretações do Brasil”,³²² além de influenciar as ciências sociais brasileiras durante a década de 40. Conforme Walnice Nogueira Galvão, em *Os Sertões* foi sistematizado o abismo que separava o litoral *civilizado* do interior *atrasado*, “denunciando que a relação entre ambos só se dava quando o primeiro chacinava o segundo”.³²³

É importante refletirmos sobre essa questão uma vez que buscamos compreender a maneira como o Movimento do Contestado foi apreendido pelo pensamento social brasileiro. Ao refletirmos sobre a obra euclidiana nos deparamos com questões fundamentais relacionadas à construção de uma memória dos conflitos brasileiros e à formação de uma identidade nacional. Mas até que ponto podemos reduzir o sucesso da narrativa euclidiana de *Os Sertões* às habilidades pessoais do escritor? Existem outros fatores que poderiam ter possibilitado a monumentalização desta obra?

O sucesso da obra euclidiana não pode ser atribuído exclusivamente ao gênio de Euclides da Cunha. Devemos considerar, como estão indicando diversos estudiosos do pensamento social brasileiro, que *Os Sertões* sofreu um processo de sacralização desde o momento de sua publicação, em 1902. Questões relativas ao imaginário social devem ser consideradas, uma vez que a obra adquiriu sucesso por estar inscrita nas possibilidades e necessidades das épocas que a elegeram como a “Bíblia” da nacionalidade.

³²² GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. In: **Literatura e Sociedade**. São Paulo, nº 5, pp.44-55, 2000, p.49.

³²³ Idem.

Regina Abreu realiza um estudo enfocando a monumentalização de *Os Sertões* e a forma como este livro passou a ser considerado o mais representativo do povo brasileiro, uma espécie de Bíblia da nacionalidade, e como Euclides da Cunha, o seu autor, tornou-se um mártir do pensamento social brasileiro. A autora compreende o processo de eleição da obra euclidiana como parte de um fenômeno cultural mais abrangente, envolvendo intelectuais e políticos numa rede ampla de constituição e legitimação da nação brasileira.³²⁴

Abreu busca a origem e a permanência de *Os Sertões* como patrimônio e símbolo nacional, evidenciando as demandas sociais que estiveram relacionadas a esse processo de monumentalização, tanto por meio de programas educacionais, como através de inúmeras edições e da eleição de um lugar no mapa nacional, caracterizado como fundante da obra.³²⁵ Segundo a autora, no processo de transformação de uma obra literária em lugar de memória, ela “extrapola suas características iniciais, desempenhando funções sociais que ultrapassam seu valor puramente literário”.³²⁶

Para essa pesquisadora, as críticas recebidas por intelectuais consagrados do período, como Araripe Júnior, Silvio Romero e José

³²⁴ ABREU, **O enigma...**, op. cit.

³²⁵ Walnice Nogueira Galvão traça um quadro detalhado das edições de *Os Sertões*. Somente pela Livraria Francisco Alves Editora, em 1997, a obra euclidiana estaria em sua trigésima oitava edição. Após cair em domínio público, em 1969, proliferaram edições, publicadas pelas mais diversas editoras, como a UNB, Aguilar, Edições de Ouro, Cultrix, Círculo do Livro, entre muitas outras. Além das edições nacionais, diversas traduções também foram feitas. Abreu comenta a tradução da obra para o inglês (Inglaterra) ainda em 1920, além de traduções realizadas para os Estados Unidos, para a língua espanhola, sueca, dinamarquesa, italiana, holandesa, chinesa, alemã e francesa. Ver GALVÃO, Walnice Nogueira. Edição crítica. IN: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001, pp.523-529, e ABREU, **O enigma...**, p.34.

³²⁶ *Ibidem*, p.23.

Veríssimo, foram pontos fundamentais na consagração de Euclides da Cunha como escritor. Eles encontraram pontos de confluência entre a obra euclidiana, as próprias ideias e as teorias raciais e evolutivas, em alta no Brasil durante as duas primeiras décadas do século XX.

Araripe Júnior, por exemplo, compartilhou das ideias euclidianas relativas ao *meio* como determinante na formação da população brasileira, sendo o interior considerado por esses dois intelectuais o local de moradia dos brasileiros autênticos, apesar de representar também o isolamento. Concordavam ainda com a ideia de que o litoral estava contaminado pelas influências externas.

Silvio Romero, por sua vez, acreditava que Euclides da Cunha, ao escrever sobre o homem e a terra, também escrevia sobre a realidade, sobre o povo brasileiro. Assim como o autor de *Os Sertões*, Romero possuía uma visão determinista quanto ao meio e acreditava na oposição entre *sertão* e *litoral*. Os três pensavam partindo de uma perspectiva romântica ao refletirem sobre a sociedade e sobre o homem brasileiro.³²⁷

Mesmo entre esses intelectuais, muitas ambiguidades estiveram presentes. Ora enalteciam as características do homem *sertanejo*, ora criticavam-nas. Araripe Júnior pensava de forma parecida com o político e jornalista paranaense Cleto da Silva, o qual considerava o *sertão* um símbolo da purificação em relação aos malefícios causados pela *civilização*, como verificamos no segundo capítulo. Não é nosso interesse analisar a obra de Araripe Júnior, mas as ideias desse pensador servem como ponto de reflexão para pensarmos o quanto as

³²⁷ Abreu analisa detidamente a relação desses autores com a obra euclidiana. *Ibidem*, pp.242-243, et seq.

noções presentes entre os intelectuais desse período estavam em sintonia, fossem eles pensadores do Contestado, de Canudos ou ainda de outros temas da cultura brasileira.

Os Sertões abriu diversas possibilidades no sentido de estimular reflexões, indagações e construções discursivas bastante significativas para uma nação em vias de formação, para a consolidação de uma identidade nacional. Muitos compartilharam dessa comunidade de sentido, elaborando teorias referentes à formação da população brasileira e ao seu lugar no compasso da *civilização* que tanto se almejava. A partir de *Os Sertões*, o *progresso* e a *civilização* passaram a ser observados por uma ótica diferenciada, não somente como fim desejado mas como devir, como caminho inevitável para o qual se dirigia a humanidade.

Dessa forma, os intelectuais anteriormente citados foram responsáveis pela “entronização de Euclides no panteão dos imortais”.³²⁸ Conforme Abreu, *Os Sertões* foi uma importante obra para esses estudiosos que, além de estarem ligados ao regionalismo e ao estudo da cultura *sertaneja*, puderam exercer “seus métodos científicos de crítica literária” e “consagravam-se como críticos ao encontrar uma obra à altura de suas pretensões modernizadoras”.³²⁹

Acreditavam também que a literatura deveria estar a serviço da realidade nacional, de forma que “o criador e a criatura se encontravam. Um alimentava o outro. Tanto a crítica moderna e científica seria fundamental para a consagração de *Os Sertões*, quanto o

³²⁸ Ibidem, p.240.

³²⁹ Ibidem, p.254.

aparecimento de *Os Sertões* seria fundamental para o exercício e afirmação da nova crítica”.³³⁰

Após verificar a trajetória pessoal de Euclides da Cunha, Regina Abreu procura mostrar as demandas sociais que possibilitaram a eleição de *Os Sertões* como símbolo nacional e de Euclides da Cunha como um narrador da nacionalidade. Nesse trajeto, a autora constatou a vinculação das propostas ligadas ao enaltecimento de *Os Sertões* com a construção ou reforço de uma identidade nacional. Isso ocorreu após a morte de Euclides da Cunha, com a criação de um grêmio em sua homenagem; com a criação da Sala Euclides da Cunha, no Museu Nacional; com a sua consagração como escritor em São José do Rio Pardo, local onde escreveu a obra e, posteriormente, com a apropriação de *Os Sertões* pelo Estado Novo, representado pela figura de Cassiano Ricardo, responsável pela inserção das ideias euclidianas no projeto *A marcha para o Oeste*, cujo objetivo consistia em “conquistar” territórios ainda despovoados do Brasil.³³¹

Portanto, Euclides da Cunha passou a ser cultuado e diversos ritos surgiram em sua homenagem. Conforme Abreu, esse autor representou o mestiço que deu certo, já que escreveu a obra-prima da nacionalidade. Os cultos em sua homenagem também foram fundamentais na continuidade do regionalismo e da oposição entre sertão e

³³⁰ Ibidem, p.262. Outros “instrumentos” de consagração da obra e do autor, enquanto ele estava vivo, foram o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (do qual Euclides da Cunha passou a fazer parte a partir de 1903) e a Academia Brasileira de Letras.

³³¹ Enquanto ideólogo do Estado Novo, Cassiano Ricardo registrou a meta de avançar os espaços ainda despovoados do território brasileiro no livro cujo nome era o mesmo do programa governamental: *A marcha para o Oeste*. Euclides da Cunha se tornou símbolo da “tradição de bandeirar”, importante para a política do período, pois aqueles que adentrassem o território ainda despovoado seriam os “bandeirantes modernos” do Estado Novo. Ibidem, p.321.

litoral, fortalecida pela ideia de que o mestiço do interior era o verdadeiro brasileiro em contraposição aos habitantes litorâneos. Por isso, no trajeto de consagração da obra euclidiana, o interior do Brasil foi considerado o local privilegiado, onde diversos intelectuais buscaram elementos para a construção de uma identidade nacional.³³²

Talvez pelo pioneirismo da obra de Euclides da Cunha – tanto por narrar os detalhes do Movimento de Canudos, mostrando-se decepcionado com os caminhos adotados pela República, quanto por produzir uma leitura que correspondia às expectativas da *intelligentsia* republicana e pelo desconhecimento que estes tinham da realidade do *sertão* – acabou-se reproduzindo entre os novos narradores os arquétipos presentes em *Os Sertões*.

4.4.3. Uma comparação para se pensar o Brasil

Ao estudarmos a comunidade de imaginação existente nesse período, podemos perceber a existência contrastante de posicionamentos, ora declinados a uma análise racional da realidade, ora voltados a uma vertente romântica, que idealizou o habitante do interior do Brasil. Esses elementos nos possibilitam refletir acerca da tentativa de construção de uma identidade nacional, que ocorre de forma difusa, permeada pelos receios e desejos dos grupos que a forjam e do contexto nos quais são alimentadas. Essa pluralidade de sentidos fica bastante evidente quando nos voltamos para os textos fundadores do Movimento do Contestado.

³³² *Ibidem*, p.230.

Como muitos autores indicaram, a obra euclidiana criou sombras sobre movimentos que ocorreram posteriormente. Mas como não utilizar como referência o conflito de Canudos? Como bem indicou Marilene Weinhardt, “A evocação de Canudos situa os acontecimentos na esfera do conhecido, mas essa evocação não contribui para torná-los menos temíveis”.³³³ A utilização de chamadas no *Diário da Tarde* fazendo menção ao conflito baiano aparece como um alerta, indicando a possibilidade de um novo embate. Para os letrados que viveram no início do XX, fazia sentido falar de Canudos, uma vez que muitos deles acompanharam, por meio dos noticiários da imprensa, o conflito nordestino. Qual era a diferença se o conflito recebia o nome de Canudos ou de Contestado, se o líder chama-se Antônio Conselheiro ou José Maria? Todos estavam à margem da civilização e da história. E constituía um importante aviso referir-se ao já conhecido, até mesmo como forma de prevenção. Além disso, existiria uma melhor justificativa para a repressão e crítica à irracionalidade do que acionar o movimento de Canudos, que tantas feridas deixou na República?

Por um lado, a obra euclidiana não permitiu que o Contestado figurasse na memória nacional, por outro evidenciou as falhas recorrentes do novo regime, mostrando que ele não fora criado para (e por) todos os brasileiros. Evidenciou ainda a falta de preparo, de um objetivo comum do Exército e demonstrou que a utopia moderna da ordem e do progresso estava distante de se tornar realidade em um país onde existiam muitos “bárbaros” (no interior, mas também nas cidades), os quais o discurso e a bala não foram capazes de domar/exterminar.

³³³ WEINHARDT, op. cit., p.29.

Nesse movimento de aproximação dos dois conflitos, há uma comparação pertinente a ser feita. Depois de quase um século do seu trágico acontecimento, referir-se ao Contestado, a Canudos ou a outros movimentos é indicar permanências na história brasileira, na busca desenfreada por uma unidade nacional e na contestação do Outro. Lembrar-se desses acontecimentos é também dar voz a essa inquietação que nos persegue, de denunciarmos e rememorarmos a posição do Estado, das forças oficiais em sua conquista por uma civilização homogênea e coesa. E, o que é mais importante, rememorar esses fatos é afirmar o fracasso, ainda que parcial, dessas instituições.

Segundo Edgar De Decca, os homens comuns somente na contravenção encontram seu lugar na história, através das narrativas de seus crimes contra o poder estabelecido. Nesse sentido, podemos aproximar diversos movimentos sociais, mostrando que somente no momento em que representam um perigo para a ordem estabelecida, esses indivíduos são passíveis de lembrança.³³⁴ Nesse sentido, lembrar-se dos movimentos brasileiros para refletir acerca do papel das instituições, da formação dos discursos, dos sentidos criados no decorrer da nossa história é fundamental para pensarmos a respeito da sociedade na qual vivemos. Conforme De Decca, “nas narrativas de massacres, um acontecimento remete ao outro, formam uma série que subverte à lógica histórica do antes e do depois”³³⁵ e, por esse motivo, “Canudos ilumina o Contestado, que revela a Revolta da Chibata, que denuncia as mortes não investigadas da greve anarquista de 1917...”³³⁶

³³⁴ DECCA, op. cit., p.150.

³³⁵ Ibidem, p.152.

³³⁶ Idem.

5

CONCLUSÃO

Mentiras sinceras são, afinal, racionais? A domesticação do messianismo na aliança positivista entre as leis do mercado, as armas do Estado e as imagens da mídia garantiria, enfim, a conclusão de nosso processo civilizatório? Mas a história humana tem sugerido, até exaustivamente, que tal iluminismo acachapante reintroduz a loucura e a barbárie ali onde eram menos esperadas.

Francisco Foot Hardman – Morte e progresso

Em um artigo já citado neste livro, Edgar De Decca refletiu sobre uma questão importante: os homens comuns somente se tornam visíveis quando transgridem a ordem instituída.³³⁷ Da mesma forma, as transgressões tornam mais visíveis a maneira como uma sociedade pensa os habitantes do seu território.

No presente trabalho refletimos sobre a visibilidade que alguns homens alcançaram no início do século XX, por terem dado início à uma revolta que, de alguma forma, abalou as bases da sociedade republicana. A utopia que nos interessou nesse estudo, não foi aquela na qual o líder retornaria na figura dos monges e dos guerreiros de São Sebastião, mas sim aquela que consistiu no desejo de formação de um mundo pautado na *civilização*, no *progresso* e no universalismo cultural difundido por uma elite, ou seja, a utopia dos pensadores que refletiram sobre o Movimento do Contestado, indicando o existência de um projeto de formação da nação brasileira.

Analisando as narrativas da imprensa paranaense e dos militares que participaram do conflito, observamos que determinadas noções como *sertão*, *sertanejo*, *pátria* e *civilização*, fizeram parte do repertório discursivo desses grupos.

O *Diário da Tarde* mostrou-se uma fonte bastante rica no sentido de agregar em suas páginas diversas notícias referentes ao conflito, possibilitando analisarmos o seu posicionamento, inclusive a nível nacional. As notícias referentes à morte de João Gualberto foram fundamentais para percebermos a importância atribuída ao Exército como salvador da pátria e à formação de uma identidade regional. Um

³³⁷ DECCA, pp.149-150.

ano depois, esse mesmo periódico alterou o teor do seu discurso e, de bárbaros e assassinos, os sertanejos se tornaram vítimas das decisões políticas tomadas pelos governantes catarinenses e pelo presidente do Brasil.

Alguns artigos da imprensa paranaense evidenciaram diversos caminhos adotados na época para a compreensão da forma de vida do homem do campo, revelando uma tensão existente entre o romantismo e o racionalismo. A ausência de escolas e de livros no interior do Brasil foi apontada como um dos fatores responsáveis pelo conflito, segundo esses narradores.

As notícias referentes ao Movimento do Contestado também foram fundamentais para que o *Diário da Tarde* consolidasse uma identidade regional, demonstrando a existência de ressentimentos para com o governo federal e catarinense. Os argumentos utilizados consistiram na atribuição da responsabilidade pela deflagração do conflito aos políticos e governantes do estado vizinho e da capital brasileira e, também, na vitimização dos sertanejos. Esses recursos foram importantes ainda para que o *Diário da Tarde* se destituisse de uma culpa de ordem moral. Ao denunciar o governo, colocando-se como protetor da humanidade, procurou se isentar de um sentimento de responsabilidade para com a morte dos rebeldes.

Em relação aos militares, observamos a existência de desejos e receios muitas vezes contraditórios. Isso ocorreu, principalmente, porque esse grupo encontrou dificuldades na execução de sua tarefa, devido à falta de conhecimento do inimigo e do terreno da luta e à capacidade que tiveram os rebeldes de afrontar e em muitos momentos vencer as tropas oficiais. Ainda assim, os militares levaram adiante seus planos de guerra. Embora pairassem incertezas quanto às atitudes

que deveriam tomar frente aos “irmãos do mesmo solo”, buscaram apagar as dúvidas que essas escolhas comportavam, iniciativa fundamental nos momentos de crise ou conflito.³³⁸

A instituição militar, durante a década de 1910, foi uma das porta-vozes e das principais defensoras do regime republicano. Imbuindo seus membros de uma missão civilizatória, estabeleceu regras e códigos que possibilitaram e justificaram a tomada de ações no *front*. Entretanto, esse discurso não atingiu os militares de forma homogênea, já que muitos criaram resistência, entregando-se ao alcoolismo ou optando pela deserção. Nas narrativas militares, a tensão entre a atitude patriótica de vencer o inimigo conviveu com o sentimento romântico de que a única solução possível para acabar com o conflito e civilizar os sertanejos seriam as escolas, o trabalho e a atenção dos governantes.

Essas narrativas estiveram imbuídas dos valores da época, deixando transparecer a pluralidade de direções possíveis naquele contexto. Voltando-se ora para uma perspectiva racionalista, ora para uma compreensão mais romântica do homem e do meio interior brasileiro, os pensadores do Contestado evidenciaram o desejo de incluir essa população no segmento social *civilizado*, por meio da educação, do trabalho e, no caso desses recursos não se mostrarem eficazes, da violência.

Nessa comunidade de imaginação, o pensamento euclidiano assumiu um lugar central, muitas vezes obscurecendo reflexões sobre o Movimento do Contestado, noticiado e relatado a partir de um apelo à memória do leitor, trazendo a mácula da saga conselheirista eternizada por meio do relato que Euclides da Cunha imprimiu na sociedade brasileira. Diversas apropriações foram feitas, nesse sentido, evidenciando que os

³³⁸ Cf. BACZKO, op. cit., p.312.

pensadores brasileiros, inclusive aqueles que se voltaram para o conflito sulino, preocuparam-se com o futuro da sociedade brasileira e com as possibilidades de inclusão da parcela *inculta* da população.

Uma das grandes dificuldades encontradas pelos pesquisadores que estudam o Contestado constitui na ausência do olhar dos rebeldes que viveram o conflito. Não existem documentos escritos ou iconográficos produzidos pelos indivíduos que se reuniram em redutos do interior catarinense e paranaense, entre os anos de 1913 e 1916, que possibilitem uma análise mais específica dos objetivos, modo de vida e pensamento desse grupo. As fontes históricas que possuímos advêm, em sua grande maioria, de outras camadas da sociedade. Pessoas que muitas vezes somente se deslocaram para a região devido ao conflito, como foi o caso dos militares. Ou ainda, como no caso do *Diário da Tarde*, referem-se a olhares de pessoas que estavam distantes dos *sertanejos*, tanto geograficamente quanto culturalmente. De qualquer forma, esses documentos constituem uma leitura sobre os seguidores de José Maria e, nesse sentido, acreditamos na importância de situar a partir de quais lugares e de quais elementos simbólicos seus autores edificaram uma representação sobre o Contestado e sobre a nacionalidade.

Observar que os lugares são definidores de identidades é fundamental.³³⁹ Janaína Amado comentou sobre a importância de sabermos o lugar de onde se fala. Por um lado, aqueles que viviam no litoral consideravam o *sertão* um espaço inóspito e perigoso, desconhecido e desabitado pelos seus. Por outro lado, para os indígenas perseguidos, os homiziados, os escravos, e tantos outros, o *sertão* era o espaço da liberdade e da esperança.

³³⁹ AMADO, op. cit., p.150.

REFERÊNCIAS

FONTES:

CARVALHO, F. S. de. **Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra**. Rio de Janeiro. Imprensa Militar, 1916.

D'ASSUMPÇÃO, H. T. **A campanha do contestado**: as operações da columna do sul. Bello Horizonte: Imprensa Official, 1917.

Diário da Tarde. Curitiba, 1912-1916.

OLIVEIRA, João Pereira de. Diário de campanha de um aspirante a oficial: Contestado - 1914/15. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Enográfico Paranaense**. Curitiba: [s. e.], 1975. pp.51-105.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

SILVA, Cleto da. **Accordo Paraná-Santa Catharina ou o Contestado diante das carabinas**. Curitiba: Graphica Paranaense, 1920.

SOARES, J. O. Pinto. **Guerra em sertões brasileiros** (do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina). Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931.

STULZER, Frei Aurélio. **A guerra dos fanáticos (1912-1916)**: a contribuição dos franciscanos. Espírito Santo: [s.e.], 1982.

BIBLIOGRAFIA:

- ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.
- _____. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.
- AFONSO, Eduardo José. **O Contestado**. São Paulo. Ática, 1994.
- ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. **Pelos Caminhos do Sul**: história e sociologia do desenvolvimento sulino. Paraná. [s.n], 1978.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, nº 15, 1995.
- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. v. 5 - Antopos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1985.
- BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. **A (des)construção do discurso histórico**: a historiografia brasileira dos anos 70. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (org.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. São Paulo: Papiрус, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHARTIER, Roger. As práticas da história. In: _____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTED Editora, 2001.

_____. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: Editora da USP, v. 11, nº 5, pp.173-191, 1991.

CORDEIRO, Celeste. O Brasil vira manchete: o papel da imprensa na formação do Brasil moderno. **Revista de Ciências Sociais**, Ceará, v. 29, nº 1/2, 1998.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: campanha de Canudos**. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

DALFRÉ, Liz Andréa. **O reencantamento do mundo: representações e construção de identidade no Movimento do Contestado (1912-1916)**. Curitiba, 2001, 92 f. Monografia (Graduação em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná.

DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história. In: _____. ; LEMAIRE, Ria. (orgs.). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da UFRGS, 2000.

ESPIG, Márcia Janete. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Porto Alegre-RS, 1998, 179 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, nº 2, dez. 1998.

- _____. Seguindo as pegadas do grande cavaleiro: Carlos Magno e os Doze Pares de França no Movimento do Contestado (1912-1916). In: **Revista Pós-História**: Assis. São Paulo. v. 7, 1999.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: UNESP, 1997.
- GALLO, Ivone Cecília D'Avila. O Contestado e seu lugar no tempo. **Tempo**. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 6, n. 11, jul. 2001.
- _____. **O Contestado**: o sonho do milênio igualitário. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1999.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, nº 5, pp.44-55, 2000.
- _____. Douglas Teixeira Monteiro, um intelectual a contracorrente (1926-78). **Sexta-feira**: utopia. São Paulo: Editora 34, nº 6, 2001.
- _____. **No calor da hora**: a guerra de Canudos nos jornais 4ª expedição. São Paulo: Ática, 1994.
- HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: Canudos e os irracionais. In: _____. (org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998.
- HERMANN, Jaqueline. Canudos sitiado pela razão: o discurso intelectual sobre a “loucura” sertaneja. In: **Revista História: Questões e Debates**. Curitiba, v. 13, nº 24, jul./dez. 1996.
- HERSCHMANN, Michael; PEREIRA, Carlos Alberto. O imaginário moderno no Brasil. In: _____. (orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan - IUPERJ, UCA, 1999.
- LUZ, Aujor Ávila da. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos (contribuição para o estudo da antropossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas-SP, 2001, 497 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- MATOS, Olgária. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 6, nº 1-2, 1994.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. Canudos e Contestado. In: **História do século 20: 1900-1914**. São Paulo: Abril Cultural, v. I, 1968.
- _____. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Editora da USP, 1993.
- _____. Sertão e civilização: compassos e descompassos. In: **Anais do Colóquio de Estudos Regionais, Comemorativo do I Centenário de Romário Martins**. Curitiba: UFPR, nº 21, 1974.
- _____. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**: Tomo III, o Brasil Republicano, 2º vol.: Sociedade e Instituições (1889-1930), 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**: representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume, 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Lipi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: _____. **Americanos**: representações da identidade cultural nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- OLIVEIRA, Susan Aparecida de. **Contestado**: visões e projeções da modernidade. Florianópolis-SC, 2001, 215 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.
- ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: _____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.
- PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba-PR, 1996, 215 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Osny Duarte. O cinquentenário da guerra sertaneja do Contestado Paraná-Santa Catarina. **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, nº 9/10, pp. 235-246, set./nov., 1966.
- PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**: representações. São Paulo: v. 15, nº 29, 1995.
- PINTO, Surama Conde Sá. Revisitando “velhas” questões: coronelismo e clientelismo na Primeira República brasileira. **Revista de história**, Espírito Santo: UFES, nº 6, 1998.

- QUEIROZ, Maurício Vinhas. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo, 1985, 264 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- RODRIGUES, Rogério Rosa. **Os sertões catarinenses: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado**. Santa Catarina, 2001. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**. São Paulo, v. 12, nº 1, mai. 2000.
- SÁ FILHO, João Gualberto Gomes de. No centenário de João Gualberto. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. XXV, 1975.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil - v. 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- SILVA, Alberto da Costa e. Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil. In: MOTA, Carlos Guilherme. (org.). **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000) – A grande transação**. São Paulo: Editora SENAC SP, 2000.
- THOMÉ, Nilson. **Os iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.
- TONON, Eloy. **O Contestado: uma interpretação da rebeldia sertaneja**. União da Vitória, 2000. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.
- VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: UFG, 1997.
- _____; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, nº 2, 2001.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7ª ed. Curitiba: Editora e Gráfica Vicentina, 1995.
- WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos?** Algumas narrativas sobre o Contestado. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: **História da vida privada no Brasil - v. 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



Livros já publicados da Coleção

O Museu Paranaense e Romário Martins;

A busca de uma identidade para o Paraná, de Cíntia Braga Carneiro

O Botucudo Tibagyano

Análise sobre os registros etnográficos de Telêmaco Borba, de Ana Crhistina Vanali

A Herança de um Tesouro

Arqueologia da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632), Fênix, Paraná, de Claudia Inês Parellada

Águas Batismais e Santos Óleos

Uma trajetória histórica do aldeamento de Atalaia, de Tatiana Takatuzi

Religião e Política

A Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições de 1954, de Renato Augusto Carneiro Junior

Santa Felicidade, o bairro italiano de Curitiba

Um estudo sobre restaurantes, rituais e (re)construção de identidade étnica, de Maria Fernanda Campelo Maranhão

O diário de uma imigrante britânica no Paraná

(1860 - 1890) memórias, trabalho e sociabilidades, de Ana Maria Rufino Gillies



9 788567 310176